

Linhas de Ação Pastoral da ANEC para as escolas católicas 2025-2030



Associação Nacional de Educação Católica do Brasil.

Linhas de Ação Pastoral da ANEC para as escolas católicas 2025-2030 / organização Ir. Carolina Mureb Santos, Gregory Rial – Brasília : Associação Nacional de Educação Católica do Brasil, 2025. Edição digital revista e atualizada.

116 p.

ISBN 978-85-99725-25-2

1. Pastoral Escolar. 2. Educação católica. 3. Diretrizes. 4. Planejamento pastoral. 5. Identidade confessional.

I. Santos, Carolina Mureb. II. Rial, Gregory. III. Título.

Associação Nacional de Educação Católica do Brasil

Diretoria Nacional

Pe. João Batista Gomes de Lima (Diretor-Presidente)

Ir. Iraní Rupolo (Diretora 1ª Vice-Presidente)

Pe. Charles Lamartine de Sousa Freitas (Diretor 2º Vice-Presidente)

Pe. Geraldo Adair da Silva (Diretor 1º Secretário)

Ir. Marisa Oliveira de Aquino (Diretora 2ª Secretária)

Ir. Marli Araújo da Silva (Diretora 1ª Tesoureira)

Ir. Carolina Mureb Santos (Diretora 2ª Tesoureira)

Conselho Superior

Pe. Sérgio Eduardo Mariucci (Conselheiro Presidente)

Ir. Adair Aparecida Sberga (Conselheira Vice-Presidente)

Ir. Maria Aparecida Matias de Oliveira (Conselheira Secretária)

Pe. Luís Henrique Eloy e Silva (Conselheiro Titular)

Dom João Justino de Medeiros Silva (Conselheiro Titular)

Vidal Serrano Nunes Junior (Conselheiro Titular)

Ir. Patrícia Silva de Vasconcelos (Conselheira Titular)

Pe. João Carlos Almeida (Conselheiro Titular)

Ir. Rogério Mateucci (Conselheiro Titular)

Ir. Paulo Fossatti (Conselheiro Suplente)

Deivid Carvalho Lorenzo (Conselheiro Suplente)

Carmem Murara (Conselheira Suplente)

Setor de Animação Pastoral

Ir. Carolina Mureb Santos, FC (Diretora)

Dom João Justino de Medeiros Silva (Membro)

Pe. Charles Lamartine de Sousa Freitas (Membro)

Gregory Rial (Coordenador)

Secretaria Executiva

Guinartt Diniz

Câmara de Mantenedoras

Fabiana Deflon

Câmara de Ensino Superior

Gregory Rial

Câmara de Educação Básica

Roberta Guedes

Setor de Animação Pastoral

Gregory Rial

Departamento de Comunicação

Anna Catarina Fonseca

Autoria

ANEC

Organização

Ir. Carolina Mureb Santos

Gregory Rial

Validação

Fórum Nacional de Pastoral Escolar

Setor de Animação Pastoral

Escrita do Ícone

Maria Fonseca

Revisão

Raquel Cruz

Diagramação e Projeto Gráfico

Willian Ribeiro

Impressão

FTD



Sumário

Explicação da capa: Jesus, Mestre da Esperança - Ícone comemorativo aos 80 anos da ANEC 6

Apresentação 8

PARTE 1: A ação pastoral nas instituições católicas de educação 11

- 1. Características e especificidades da ação pastoral nos ambientes educacionais 11
- 2. As expressões da pastoralidade nas instituições educacionais católicas 21
- 3. Fundamentos da ação pastoral nas instituições educacionais católicas 27
- 4. Objetivos da ação pastoral nas instituições educacionais católicas 37
- 5. Dimensões da ação pastoral nas instituições educacionais católicas 43
- 6. Maria, mãe educadora: exemplo e paradigma 48

PARTE 2: Linhas de Ação Pastoral 51

- O que são as linhas de ação e como elas devem orientar o trabalho das instituições educacionais 51
- Como estão organizadas as Linhas de Ação Pastoral 52
- Os horizontes orientadores da ação pastoral 53

HORIZONTE 1: Identidade sólida 63

- Impulso 1 – Tornar a pastoralidade uma área estratégica da instituição, como parte do projetopolítico-pedagógico, para que esteja envolvida nos processos de Gestão e tomadas de decisão 63
- Impulso 2 – Aprimorar a gestão da pastoralidade, implementando processos de organização, planejamento, sistematização, registro e mensuração de resultados e impactos. 65
- Impulso 3 – Cultivar o senso de pertencimento eclesial pela integração do projeto pastoral da instituição ao da Igreja local e reverberando as iniciativas da Igreja universal. 67
- Impulso 4 – Fomentar a organização do trabalho pastoral em rede, buscando integrar as instituições da mesma mantenedora num projeto compartilhado de identidade e missão. 69
- Impulso 5 – Visibilizar a identidade confessional, por meio de uma comunicação estratégica que divulgue as ações pastorais da escola, evidenciando o Projeto Pastoral da instituição. 72
- Impulso 6 – Garantir que todos os setores da instituição estejam alinhados com os princípios da identidade confessional e cientes da corresponsabilidade na missão evangelizadora. 74



HORIZONTE 2: Integração pedagógico-pastoral	77
Impulso 7 – Implementar um currículo evangelizador que faça a transposição didático-pedagógica da fé de maneira implícita e explícita, e transversalize a missão evangelizadora da instituição em todas as áreas do conhecimento e segmentos, abrangendo objetos do conhecimento, idáticas e metodologias pedagógicas, processos avaliativos e atividades extracurriculares.	77
Impulso 8 – Envolver os educadores nas atividades pastorais como interlocutores e parceiros.	80
HORIZONTE 3: Evangelização transformadora	83
Impulso 9 – Explorar novas linguagens e metodologias do trabalho pastoral para gerar conexão e significado com todos os interlocutores da evangelização, favorecendo o encontro com Cristo.	83
Impulso 10 – Cuidar da educação da fé para a maturidade humana com zelo pelo anúncio querigmático, pelo cultivo da espiritualidade e pelo aprofundamento da doutrina cristã.	85
Impulso 11 – Incrementar o trabalho do Projeto de Vida com a perspectiva da Pastoral Vocacional.	88
Impulso 12 – Envolver as famílias nas atividades de evangelização e criar estratégias de comunicação direcionada a elas sobre as atividades pastorais da instituição.	90
HORIZONTE 4: Humanização solidária	93
Impulso 13 – Promover o acolhimento a todas as pessoas da comunidade educativa, superando preconceitos e discriminações.	93
Impulso 14 – Estabelecer processos e atividades sistemáticas de cuidado socioemocional em parceria com todos os setores da comunidade educativa.	95
Impulso 15 – Formar a dimensão sociotransformadora da fé com a implantação de programas de aprendizagem-serviço e voluntariado.	97
Impulso 16 – Educar corações, mãos e mentes para o cuidado da Casa Comum.	99
“Ide, ensinai e cuidai”, como Cristo, mestre e bom pastor	103
REFERÊNCIAS	105
ANEXO 1: Modelo de planejamento pastoral para instituições educacionais católicas	107
ANEXO 2: Lista de documentos da Igreja sobre a Educação	113



Explicação da capa: Jesus, Mestre da Esperança – Ícone comemorativo aos 80 anos da ANEC

Este ícone, escrito e pintado pela artista Maria Fonseca exclusivamente para os 80 anos da ANEC, retrata o episódio evangélico de Jesus entre os doutores da Lei no Templo (cf. Lc 2,41-50), reinterpretado à luz do Pacto Educativo Global. A imagem propõe uma contemplação da educação como caminho de esperança, diálogo e transformação, tendo a criança no centro como ponto de partida e de chegada de todo o processo educativo.

No centro da composição está Jesus adolescente, revestido de branco e assentado como mestre, com expressão serena e um livro aberto nas mãos. Sua presença central não é apenas uma referência ao episódio bíblico, mas um sinal teológico e pedagógico: colocar a pessoa no centro, especialmente a criança e o jovem, é o primeiro princípio do Pacto Educativo Global, proposto pelo Papa Francisco. A educação integral parte da dignidade de cada pessoa e de sua capacidade de sonhar, transformar e renovar o mundo. Afinal, como nos lembra o Papa, “na educação reside a semente da esperança”.

Mesmo jovem, Jesus irradia sabedoria e autoridade espiritual, como o profeta Samuel que escutava a voz de Deus: “Fala, Senhor, teu servo escuta” (1Sm 3,10). Seu gesto com a mão indica ensino e escuta: é a postura daquele que educa com a vida, com a Palavra e com o silêncio. No livro que Jesus segura, estão escritas as palavras Pax et Spes — Paz e Esperança. Estas palavras evocam não apenas a constituição pastoral do Concílio Vaticano II, mas também falam profundamente ao nosso tempo. Elas se conectam à terceira coragem do Pacto Educativo Global: educar para a paz, num mundo marcado por conflitos, polarizações e violências visíveis e invisíveis. Jesus, Príncipe da Paz e Mestre da Esperança, ensina-nos justamente essas duas coisas: a reconciliar, a pacificar, a semear esperança onde há desânimo e medo. Educar, como Ele, é formar pacificadores e profetas do futuro.

Jesus também simboliza a esperança – aquela que nasce da juventude, da renovação e da promessa de um mundo novo. Como profetizou Joel, “os jovens terão visões” (Jl 3,1). No ícone, Ele é também imagem viva da escola católica, cuja identidade tem em Cristo seu centro e fundamento (cf. *A Escola Católica*, n. 33).

O trono azul sobre o qual Jesus está assentado evoca sua humanidade glorificada e a dignidade do Mestre que ensina com autoridade e doçura. A cor azul também remete à identidade da ANEC, que se coloca a serviço da educação católica no Brasil, testemunhando a centralidade de Cristo e o compromisso com uma formação integral.

Ao redor de Jesus estão os mestres da Lei, em atitude de escuta, admiração e questionamento. Eles representam o mundo da educação formal – escolas, universidades, instituições – que, embora tenham muito a ensinar, também têm muito a aprender com as novas gerações. Sua escuta representa uma educação em constante processo de conversão e abertura. Como recorda o Papa Francisco: “A voz das crianças é necessária! As crianças são mensageiras da paz.”

À direita da imagem, aparecem Maria e José, representando a família, pilar essencial da educação integral e um dos eixos centrais do Pacto Educativo Global. No relato de Lucas, eles voltam aflitos a Jerusalém após perceberem a ausência do menino e o encontram no Templo, ensinando: “Seu pai e sua mãe ficaram admirados ao vê-lo. Sua mãe lhe disse: ‘Meu filho, por que agiste assim conosco? Olha que teu pai e eu estávamos angustiados, à tua procura!’” (Lc 2,48). Sua expressão revela preocupação, espanto e descoberta progressiva da missão de Jesus. Eles simbolizam a aliança necessária entre família e escola na formação de crianças e jovens.

Ao fundo, sobressai uma grande árvore, cujos galhos se estendem como um abraço simbólico que une todos os personagens. Essa árvore carrega múltiplos sentidos bíblicos: é a árvore da vida (Gn 2,9), a árvore do conhecimento (Gn 3,9), a árvore da hospitalidade de Abraão (Gn 18), o símbolo do Reino de Deus (Mt 13,31-32) e o madeiro da Cruz. Ela também expressa o cuidado com a Casa Comum, articulando a dimensão ecológica do Pacto Educativo Global. Toda a cena se desenvolve num tom dourado e quente, sinal da presença divina, e está envolvida por um grande arco, que lembra a abóbada celeste e evoca o horizonte aberto do conhecimento, da fé e da esperança.



Apresentação

As *Linhas de Ação Pastoral da ANEC para as escolas católicas* surgem como expressão viva do compromisso das instituições educacionais católicas com a missão de evangelizar educando e de educar evangelizando. Elas foram elaboradas de maneira sinodal por representantes das redes de educação católica de todo o Brasil. Essas linhas de ação pretendem oferecer diretrizes claras, inspiradoras e aplicáveis à realidade contemporânea, com respeito à diversidade de contextos e à autonomia das escolas católicas, de forma a fortalecer a identidade e a linguagem da educação católica no Brasil.

O objetivo das linhas de ação é proporcionar uma referência pastoral que ajude a consolidar, renovar e dinamizar a missão educativa das instituições católicas. Não se trata de um conjunto de normas rígidas, mas de orientações que buscam articular tradição e inovação, fé e cultura, reflexão teológica e práticas pedagógicas, de modo a oferecer um caminho que fortaleça a presença evangelizadora das escolas católicas no coração da sociedade.

Esse processo é fruto de uma caminhada. Inspiradas no Magistério da Igreja sobre educação e evangelização — da Declaração *Gravissimum Educationis* ao *Pacto Educativo Global* —, as instituições educacionais católicas no Brasil vêm, há décadas, aprofundando a reflexão sobre a missão pastoral. Recentemente, a escuta atenta dos desafios contemporâneos impulsionou a ANEC a atualizar as diretrizes pastorais que pudessem responder, com coragem e fidelidade, às exigências do nosso tempo.

Esta proposta também se insere nas comemorações dos 80 anos da ANEC, celebrados em 2025. Como presente às instituições associadas, estas linhas de ação querem expressar o compromisso renovado da ANEC em apoiar, iluminar e fortalecer a missão educadora das escolas associadas, colocando-se a serviço de uma educação profundamente humana e autenticamente cristã.

Vivemos um momento de rápidas transformações sociais, culturais e espirituais. A educação enfrenta o desafio da fragmentação dos saberes, da crise de sentido, do

enfraquecimento dos vínculos comunitários e da emergência de novos paradigmas antropológicos e tecnológicos. O mundo pede respostas novas, capazes de integrar razão e fé, ciência e espiritualidade, cultura e solidariedade. Como nos lembra o Papa Francisco — cuja páscoa definitiva celebramos com gratidão e saudade em abril de 2025 —, é tempo de “recompor o pacto educativo” e de “colocar a pessoa no centro” (*Mensagem para o lançamento do Pacto Educativo Global*, 2019). Há muito do pensamento, da esperança e do testemunho do Papa Francisco neste documento, que deseja ser, também, uma homenagem viva ao legado dele para a educação católica.

Igualmente, reiteramos aqui nossa sintonia e comunhão com o Papa Leão XIV, que, na condução da barca de Pedro, continua a guiar a Igreja com sabedoria, coragem e esperança no anúncio do Evangelho a todas as nações. Que este documento seja construtor de pontes, de diálogo e de amor como ele nos ensinou desde o primeiro dia de seu ministério.

O documento está organizado em duas partes. A primeira apresenta os *fundamentos* da ação pastoral nas instituições educacionais católicas, explorando raízes teológicas, espirituais e pedagógicas, bem como as dimensões que compõem a integralidade da ação pastoral. A segunda parte apresenta as *Linhas de Ação*, estruturadas em *Horizontes e Impulsos*. Cada Horizonte aponta um eixo norteador do trabalho pastoral; cada Impulso detalha propostas de ação concreta, organizadas em três elementos: *Propósito* (a razão de ser do impulso), *Coragens* (as mudanças necessárias) e *Percursos* (sugestões de caminhos práticos a serem trilhados).

Vale ressaltar que este documento tem como foco principal a Educação Básica. As reflexões sobre a Pastoral Universitária aqui presentes são apenas introdutórias e exemplificativas. O aprofundamento dessa temática — com dinâmicas próprias, formatos institucionais e articulações com a pesquisa, o ensino e a extensão — será desenvolvido em uma versão específica das *Linhas de Ação Pastoral* voltada às IES, em elaboração pela ANEC.

Confiantes na ação do Espírito Santo, que renova todas as coisas, e inspirados pelo exemplo de Cristo, Mestre da Esperança e Bom Pastor, e pelo silencioso testemunho de Maria Santíssima, mãe Educadora, desejamos que estas Linhas de Ação sejam instrumento de renovação e de unidade para todas as instituições educacionais católicas do Brasil.

2 de julho de 2025, durante o VII Congresso Nacional
de Educação Católica em Fortaleza (CE).

A ação pastoral nas instituições católicas de educação

1. Características e especificidades da ação pastoral nos ambientes educacionais

1. Derivado do latim *pastoralis*, remete à figura do pastor que cuida do rebanho, conduz com responsabilidade e se compromete com o bem das pessoas. No horizonte cristão, essa imagem encontra o ápice em Jesus Cristo, o Bom Pastor (cf. Jo 10,11-16), que conhece suas ovelhas, dá a vida por elas e as reúne em unidade. Como recorda a encíclica *Pastores Dabo Vobis* (n. 13-15), Cristo realiza em si mesmo a plenitude do sacerdócio e da mediação salvífica, e é d'Ele que toda a missão pastoral deriva.

Pastoral e Pastoralidade

2. A ação pastoral, portanto, é um modo organizado, intencional e teológico de presença da Igreja no mundo. Nas instituições educacionais católicas, aqui compreendidas as escolas de educação básica (da creche ao Ensino Médio) e as obras sociais educacionais, essa ação assume particularidades e linguagens próprias, pois é desenvolvida em um espaço pedagógico e comunitário. A esse contexto específico, damos o nome de *Pastoral Escolar*. Já o termo *pastoralidade* tem emergido como uma ampliação do conceito: ele expressa a atmosfera, o estilo e a cultura pastoral de uma instituição — ou seja, a presença transversal da missão evangelizadora em todos os aspectos da vida institucional. Embora os termos possam ser usados como sinônimos, *pastoralidade* remete mais ao “ser” da escola (cultura, coerência e inspiração), enquanto *pastoral* remete ao “fazer” (ações, projetos e estruturas). Portanto, ao longo desse documento usaremos o

Características e especificidades da ação pastoral em ambientes educacionais



Comprometida com a evangelização em sentido amplo: explícita nas ações pastorais, implícita no currículo e nas opções institucionais



Em função da missão pedagógica, ou seja, diferente da evangelização paroquial - evangelizar educando



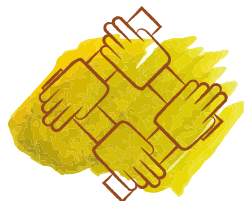
Parte de um projeto pedagógico de formação integral da pessoa humana



Expressão de identidade confessional e do carisma institucional centrada em Cristo



Orientada ao humanismo solidário e a profecia



Engajada na inclusão de todas as pessoas



Atenta aos desafios da era digital

termo pastoralidade para falar de um conjunto maior de ações e posturas e o termo pastoral escolar para delimitar o que é próprio do setor responsável por dinamizar as ações de pastoralidade.

3. Nesse contexto, é necessário reconhecer que a ação pastoral nos ambientes educativos possui características próprias, distintas tanto das práticas paroquiais quanto de outros âmbitos da vida eclesial. Tal distinção não separa a evangelização feita nas escolas católicas daquela que é feita pela Igreja em geral, pois a integra à missão maior da Igreja de uma forma peculiar como uma comu-

nidade eclesial ambiental¹. Trata-se de uma pastoral que se realiza no espaço do aprender, que dialoga com a linguagem da escola e que se articula com a dinâmica pedagógica. Ela está profundamente marcada por processos formativos, relações educativas e projetos coletivos, exigindo uma presença que seja, ao mesmo tempo, pedagógica, evangelizadora e institucional. A Pastoral Escolar se desenvolve em interação constante com o tempo escolar, o currículo, os sujeitos do processo educativo e as exigências da gestão. Por isso, compreender as especificidades é fundamental para que ela não seja reduzida a um conjunto de ações periféricas ou à responsabilidade de um setor isolado, mas se afirme como uma dimensão constitutiva da identidade e da missão das instituições católicas de educação. É a partir desse horizonte que apresentamos, a seguir, os traços essenciais que configuram a ação pastoral na escola católica.

Comprometida com a evangelização em sentido amplo: explícita nas ações pastorais, implícita no currículo e nas opções institucionais.

4. A ação pastoral nas escolas católicas nasce da missão essencial da Igreja, confiada por Jesus aos seus discípulos: “Ide pelo mundo inteiro e proclamai o Evangelho a toda criatura” (Mc 16,15). É nessa origem apostólica que se ancora toda ação evangelizadora da escola católica. Evangelizar, segundo a *Evangelii Nuntiandi*, é “levar a Boa Nova a todas as camadas da humanidade, e por sua influência transformar a partir de dentro, renovar a própria humanidade” (n. 18), é um processo abrangente de transformação cultural e pessoal, que envolve anúncio explícito, testemunho coerente, paciência, educação da fé, formação da consciência e dos sentidos, diálogo com a cultura e compromisso com o Reino de Deus.
5. No ambiente educacional católico, essa evangelização se manifesta com uma fisionomia própria: ela se realiza de forma explícita nas ações celebrativas, catequéticas, formativas e comunitárias, bem como nas práticas pedagógicas, no currículo, na organização institucional, nos símbolos e nas opções políticas e pedagógicas da escola, de modo a não criar um descompasso entre discurso e práxis. A escola evangeliza tanto ao celebrar a Eucaristia quanto ao promover um ambiente educativo marcado pelo respeito, pela solidariedade, pela busca da verdade e pela justiça. Como ensina o *Documento de Aparecida*, a escola católica é uma “autêntica comunidade eclesial” (n. 338), o que significa que a vocação evangelizadora não é periférica, mas estrutural – constitui o DNA.

1 O conceito de comunidade eclesial ambiental foi trazido pelo Documento de Aparecida em 2008, especialmente nos números 307-310; 99 e 170 ss. Depois, em 2013, no Estudo 104, a CNBB, ao tratar das paróquias, reconhece, nos números 74 e 105 ss., que a paróquia não é mais demarcada pela territorialidade. No contexto da vida eclesial contemporânea, a noção de comunidade eclesial ambiental refere-se a uma compreensão ampliada da pertença eclesial, que não se limita mais à territorialidade física, mas se estrutura a partir das relações, da convivência e da experiência compartilhada da fé (cf. Estudo 104 da CNBB, n. 105-109). A comunidade cristã não se define apenas pelo espaço geográfico onde se está, mas, sobretudo, pelo espaço vivido de comunhão, missão e testemunho. Assim, escolas católicas, por serem lugares onde se compartilha a vida da fé, se cultiva a Palavra de Deus, se celebra a fraternidade e se promove a formação integral, podem e devem ser reconhecidas como verdadeiras comunidades eclesiais ambientais.

6. Essa presença evangelizadora, para ser fecunda, precisa ser transversal, e não paralela. A pastoralidade não se restringe a um setor ou a momentos destacados da rotina escolar, mas se manifesta no modo como a instituição acolhe, ensina, avalia, comunica e se posiciona diante das dores do mundo. Ela está presente na linguagem, nas relações, nos símbolos e nas decisões. A Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* reforça essa visão ao afirmar que a evangelização é tarefa da Igreja, mas também de cada instituição que participa da missão eclesial (cf. n. 27-29).
7. Nesse horizonte, a Pastoral Escolar e Universitária torna-se expressão de coerência entre o que a escola proclama em nome próprio e o que realiza na prática. Quando bem estruturada, torna-se a articulação visível e vital da missão evangelizadora no cotidiano da vida escolar, fazendo com que o Evangelho se torne, de fato, critério de discernimento, inspiração pedagógica e horizonte das decisões institucionais.

Em função da missão pedagógica, ou seja, diferente da evangelização paroquial – evangelizar educando

8. Nas escolas católicas, a Pastoral não é uma simples réplica da pastoral paroquial, nem uma extensão da catequese eclesial. Ela nasce da missão educativa da própria instituição e está organicamente vinculada à sua natureza e função. A forma de evangelizar está em profunda interação com o processo pedagógico, com a cultura escolar e com os sujeitos do aprendizado. Por isso, ela não se limita a reproduzir fórmulas eclesiais já conhecidas, mas deve encontrar linguagens próprias, metodologias adequadas e espaços legítimos dentro da lógica escolar. A isso se soma a necessidade de compreender que a pastoralidade não é uma adaptação da linguagem religiosa às condições escolares, mas uma reinterpretação da missão evangelizadora à luz dos processos próprios da educação. Em vez de transportar modelos prontos oriundos da paróquia para o espaço escolar, é necessário um discernimento institucional que considere o corpo como lugar de aprendizado, as relações como espaço de formação e os desafios cotidianos como oportunidade pedagógica de anúncio. A evangelização na escola, portanto, não é exterior ao ato educativo, mas se encarna nele, fazendo da prática pedagógica um terreno fértil para a emergência do sentido, do cuidado e da transcendência.
9. Essa compreensão é sustentada desde os primeiros grandes documentos sobre educação da Igreja. A instrução *A Escola Católica* (1977, n. 25) é taxativa ao afirmar que “para compreender em profundidade qual é a missão específica da Escola Católica, é oportuno apelar ao conceito de ‘escola’, precisando que, se não for ‘escola’ e não reproduzir os elementos que caracterizam a escola, não

pode ser escola ‘católica’”. Isso significa que, antes de ser uma instituição de pastoral, a escola católica é uma instituição de ensino. No entanto, é justamente aí que reside sua singularidade: a evangelização escolar se dá pela mediação pedagógica, na qual o Evangelho se encarna no ato educativo e na construção do conhecimento.

10. Nesse sentido, a missão das instituições educacionais não é simplesmente somar ensino e religião, mas articular os dois em uma síntese integradora entre fé, cultura e vida. Trata-se de formar pessoas capazes de compreender o mundo à luz do Evangelho, de agir com compaixão e justiça, de desenvolver seus talentos a serviço do bem comum. Como frequentemente recordou o Papa Francisco, a educação integral exige a formação da cabeça, do coração e das mãos – ou seja, do pensamento crítico, da sensibilidade ética e da capacidade de agir concretamente. A pastoral, nesse cenário, atua como ponte entre esses três polos, articulando reflexão, experiência e compromisso.
11. A pedagogia evangelizadora se expressa, assim, em dois movimentos complementares: evangeliza educando – ao comunicar a mensagem cristã com intencionalidade pedagógica – e educa evangelizando – ao assumir que cada processo educativo é, em si mesmo, uma oportunidade de encontro com o sentido da vida. Essa reciprocidade é a chave da pastoralidade autêntica: evangelizar com os meios e métodos da educação, e educar com a inspiração e a profundidade da fé².
12. Por isso, a pastoral não é apêndice, nem acessório institucional. Sua razão de ser está enraizada na própria missão pedagógica da escola católica. A evangelização ocorre na sala de aula, no corredor, no recreio, na gestão, no planejamento, no modo como se escuta, se acolhe e se comunica. Inclui, também, os processos decisórios, as relações internas e as relações trabalhistas. Onde houver educação, ali deve pulsar o Evangelho – como fermento silencioso que transforma por dentro e como luz que ilumina cada passo do caminho.

Parte de um projeto pedagógico de formação integral da pessoa humana

13. A missão de educar compõe o mandato missionário dado pelo Senhor Jesus à Igreja: “Ide... Ensinais a observar tudo quanto vos transmiti.” (Mt 28,20). Evangelização e promoção humana integral estão entrelaçadas na tarefa educativa da Igreja, que assume o ensino não apenas como transmissão de conteúdos, mas como mediação de sentido e caminho de formação para a vida em plenitude.

A ação pastoral escolar e universitária encontra lugar legítimo e fecundo no

2 Em seu primeiro encontro com educadores, em maio de 2025, o Papa Leão XIV ressaltou esta dimensão quando afirmou, ao se referir a São João Batista de La Salle, patrono dos educadores, “ Ele [S. João de La Salle] gostava de dizer: “O seu altar é a cátedra”, promovendo assim na Igreja do seu tempo uma realidade até então desconhecida: a de professores e catequistas leigos investidos, na comunidade, de um verdadeiro e próprio “ministério”, segundo o princípio de evangelizar educando e educar evangelizando”.

interior do projeto pedagógico da instituição. A finalidade não é concorrente à da pedagogia, mas colaborativa e integradora: a Pastoral é parceira formativa, contribui com a inspiração evangélica para que a educação ocorra de maneira plena e integral. Por isso, não basta que uma escola católica proclame a missão evangelizadora — é necessário que ela a integre, de modo concreto, no projeto formativo, na proposta curricular e nas práticas pedagógicas.

14. Evangelizar na escola significa impregnar o ato educativo com sentido cristão. Isso implica uma concepção de pessoa humana como ser relacional e espiritual; portanto, aberta à transcendência; de conhecimento como busca compartilhada da verdade; de aprendizagem como caminho de amadurecimento interior e compromisso ético. A pastoral, nesse contexto, ajuda a explicitar, nutrir e fortalecer essa antropologia cristã, garantindo que a escola foque no horizonte de sentido que sustenta a educação católica.
15. A instrução *A identidade da escola católica para uma cultura do diálogo* (2022), do Dicastério para a Cultura e a Educação, é inequívoca ao afirmar que: “O que define a identidade da escola católica é a sua referência à verdadeira concepção cristã da realidade” (n. 18). Isso significa que o núcleo distintivo da escola católica está na forma como toda a experiência educativa é organizada a partir de uma determinada visão de ser humano, de mundo, de história e de esperança, e não apenas nos conteúdos religiosos. É aquela referência que confere coerência e integridade à proposta pedagógica.
16. Nesse horizonte, a pastoral assume um papel pedagógico essencial. Ela é chamada a contribuir para a formação integral da pessoa humana, promovendo o desenvolvimento de dimensões, muitas vezes, esquecidas pela lógica tecnicista da educação: a interioridade, o discernimento ético, a escuta, a gratuidade, o cuidado com o outro e a abertura ao Mistério. Ela atua como uma instância que ajuda a escola a manter-se conectada com o seu fundamento e a sua missão. Por isso, uma pastoral eficaz intervém na elaboração do projeto pedagógico, participa da reflexão curricular e contribui para a definição do perfil do egresso; ela não se limita a organizar momentos celebrativos ou campanhas solidárias.
17. Impregnar o projeto formativo com sentido cristão significa, ainda, tornar explícitas as competências pastorais que se espera desenvolver ao longo do percurso educativo: capacidade de diálogo, senso de pertença, compromisso com a justiça social, sensibilidade espiritual, ética da solidariedade, entre outras. Essas aprendizagens não devem ser residuais ou intangíveis, mas nomeadas, visíveis e acompanhadas ao longo da trajetória escolar. A pastoral, em diálogo com a pedagogia, pode oferecer instrumentos para isso, como: projetos interdisciplinares, itinerários de interioridade, práticas de serviço, espiritualidade cotidiana e acompanhamento personalizado.

18. Quando a pastoral está integrada ao projeto pedagógico, ela fortalece a identidade católica da escola e qualifica o próprio processo educativo. Ao favorecer a formação de sujeitos éticos, sensíveis, conscientes e comprometidos com o bem comum, ela realiza a vocação evangelizadora de modo completo: formar pessoas inteiras para um mundo inteiro, à luz do Evangelho e de um projeto de educação integral. Essa integração evita que a pastoral se reduza a ações paralelas ou simbólicas, conferindo-lhe papel formativo transversal e estruturante. Inspirada pelo próprio Cristo Mestre, a ação pastoral educativa reconhece, no ato de ensinar, um gesto de cuidado, escuta e abertura a Deus, o que contribui para que a escola seja, de fato, um espaço de humanização à imagem do Reino.

Expressão da identidade confessional e do carisma institucional: centrada em Cristo

19. Em um mundo plural, marcado pela diversidade de crenças e propostas educativas, a clareza sobre a identidade confessional é uma responsabilidade institucional. Não se trata de afirmação excludente ou de fechamento a outras visões, mas de coerência: uma escola católica precisa deixar claro quem ela é, em que acredita e por que educa. E é precisamente a pastoral que torna visível essa identidade, a começar por seus eventos ou celebrações, sobretudo na forma como a instituição pensa, age, comunica e se apresenta ao mundo.
20. Nas instruções *A escola católica* (n. 33) e *A identidade da escola católica para a cultura do diálogo* (n. 20), fica expresso que tal identidade é a referência à verdadeira concepção cristã de realidade, sendo Jesus Cristo o centro. Essa centralidade é constitutiva: é em Cristo que a realidade encontra sentido pleno e é por Ele que a educação católica compreende o ser humano, a história e o mundo. O evento cristológico — a encarnação, morte e ressurreição de Jesus — ilumina toda a missão educativa da Igreja, oferecendo uma antropologia integral e uma esperança histórica que orientam a ação pedagógica.
21. A Pastoral Escolar e Universitária é, nesse sentido, espelho, vitrine e guardiã da identidade. Como espelho, ela reflete os traços mais profundos da missão e do carisma para dentro da instituição, ajudando-a a manter a coerência entre o discurso e a prática. Como vitrine, ela torna perceptível e comunicável a confessionalidade, para que famílias, estudantes e colaboradores reconheçam, com clareza, que se trata de uma escola católica, comprometida com os valores do Evangelho. Como guardiã, ela zela por essa identidade, lembrando constantemente a todos — em meio aos desafios do cotidiano — qual é a finalidade última de uma escola católica: formar integralmente a pessoa humana e evangelizá-la por meio da educação em vista do seu fim último.
22. A clareza da identidade, contudo, não se limita à enunciação de princípios ou à presença de símbolos religiosos. Ela se manifesta na forma como o carisma

institucional é vivido no dia a dia, como inspira a gestão, anima os relacionamentos, orienta as decisões e configura a proposta pedagógica. Sobretudo, essa identidade se manifesta na capacidade da escola de dialogar com o mundo a partir de uma convicção profunda e serena, que testemunha o Evangelho sem imposições. Trata-se de uma confessionalidade madura, capaz de acolher a diversidade sem diluir a missão, exercendo o anúncio por meio da escuta, da paixão e do serviço.

23. Muitas escolas católicas são animadas por carismas específicos que, longe de reduzir a identidade, a enriquecem e a particularizam. A pastoral tem um papel essencial na tradução pedagógica e relacional desse carisma, ao fazer dele uma experiência formativa real e encarnada. Contudo, os carismas se articulam a partir da identidade católica, que é fundamento comum e horizonte de sentido. Não se trata de instâncias paralelas ou sobrepostas, mas de expressões singulares de uma mesma pertença eclesial, centrada em Jesus Cristo e orientada pela missão evangelizadora da Igreja.
24. Como afirma a instrução *A identidade da escola católica para uma Cultura do Diálogo* (2022), “a evangelização e a promoção humana integral estão entrelaçadas na tarefa educativa da Igreja” (n. 13). Isso exige que a identidade da escola seja mais do que uma declaração institucional: ela precisa ser uma experiência vivida. Cabe à pastoral garantir que essa experiência seja alimentada, refletida, expressa e celebrada — nos momentos litúrgicos e formativos, mas também nos pequenos gestos cotidianos: o modo de acolher, o cuidado com os mais frágeis, a escuta atenta, a linguagem inclusiva, o ambiente de paz e a beleza.
25. Em tempos em que muitas instituições vivem a tentação de diluir a identidade diante das pressões do mercado ou dos modismos ideológicos, a pastoral exerce uma função estratégica: manter aceso o núcleo inspirador da escola, preservando a originalidade e a missão. Isso não significa rigidez ou resistência ao novo, mas fidelidade dinâmica: enraizada na tradição, aberta aos sinais dos tempos e criativa nas formas de presença e testemunho. Não se limita à repetição de formas herdadas, mas requer discernimento comunitário e sensibilidade pastoral para reconhecer como o Espírito continua a agir na história, “discernindo nos acontecimentos, nas exigências e nos anseios [...] os verdadeiros sinais da presença ou da vontade de Deus” (*Gaudium et Spes*, n. 4), e, assim, inspirando novos modos de viver e comunicar o Evangelho no contexto educativo.
26. Por tudo isso, a pastoral é, ao mesmo tempo, uma expressão da identidade confessional e a chave para consolidá-la, tornando-a visível, experienciável e compartilhável. Quando bem articulada com o carisma e com o projeto educativo, ela permite que a escola católica diga ao mundo, com serenidade e convicção: “é por isso que somos o que somos”.

Orientada ao humanismo solidário e à profecia

27. A Pastoral Escolar e Universitária, fiel à missão da Igreja e ao projeto formativo da escola católica, se propõe a transmitir a fé católica, organizar experiências de espiritualidade e formar sujeitos conscientes, livres e comprometidos com a transformação do mundo, à luz do Evangelho. É nesse sentido que a pastoral se articula com o projeto de um humanismo solidário, que conjuga a centralidade da pessoa humana com o imperativo ético do bem comum, como tão bem sintetizou o Papa Paulo VI na encíclica *Populorum Progressio*: “O desenvolvimento autêntico é o que promove o homem todo e todos os homens” (n. 14).
28. Essa perspectiva foi amplamente retomada e aprofundada pela Congregação para a Educação Católica na instrução *Educar ao Humanismo Solidário* (2017), ao propor um novo pacto educativo centrado na dignidade da pessoa humana, na fraternidade universal e na cultura do encontro – tudo isso como consequência do Evangelho. A escola católica, nesse contexto, é chamada a ser espaço privilegiado de formação de consciência ética, diálogo intergeracional e responsabilidade social, superando qualquer forma de educação utilitarista, individualista ou fragmentada.
29. Para tanto, a ação pastoral deve assumir uma postura profética, isto é, crítica diante das estruturas de injustiça, anunciadora de novos caminhos e comprometida com a construção de uma sociedade mais fraterna, inclusiva e pacificada. Esse compromisso profético não se opõe à missão educativa, mas a qualifica. Como nos lembra a *Laudato Si'*, “não há duas crises separadas, uma ambiental e outra social, mas uma única e complexa crise socioambiental” (n. 139). A pastoral, quando articulada à proposta pedagógica da escola, tem o dever de tornar essas conexões visíveis e pedagógicas.
30. Orientada por esse humanismo solidário, a pastoralidade assume a tarefa de promover aprendizagens integrais, que mobilizem razão, emoção, espiritualidade, corporeidade e compromisso. Trata-se de formar cidadãos conscientes da responsabilidade histórica, espiritual e ecológica. A *Fratelli Tutti* (2020) ensina que a verdadeira qualidade das diferentes sociedades mede-se pela capacidade de viver como irmãos (cf. n. 141). A pastoralidade, portanto, não pode se contentar com uma religiosidade intimista ou com uma espiritualidade sem impacto social; ela precisa conduzir os sujeitos a uma fé encarnada, afetiva e efetiva, capaz de iluminar decisões, inspirar projetos de vida e sustentar o compromisso com os mais pobres e vulneráveis.
31. A referência ao humanismo solidário também oferece um importante antídoto contra dois riscos crescentes na educação contemporânea: o narcisismo individualista e o pragmatismo tecnicista. Ambos são incompatíveis com a proposta

da escola católica, cuja inspiração evangélica, centrada na pessoa de Jesus Cristo, propõe um projeto de humanidade generosa, cooperativa e esperançosa. É n'Ele que encontram fundamento o humanismo solidário, a ética do cuidado e a esperança ativa que caracterizam a missão educativa. A pastoral é a alma dessa proposta, pois recorda, continuamente, que o centro da formação não é o desempenho, mas a pessoa; que o critério de sucesso não é o acúmulo de resultados, mas a fidelidade à vocação do ser humano; e que o sentido último da educação não é a ascensão individual, mas a edificação de um mundo mais justo e solidário, à luz do Evangelho.

Engajada na inclusão de todas as pessoas

32. Em sintonia com as diretrizes pedagógicas do Estado brasileiro e com os marcos legais da inclusão, a Pastoral Escolar colabora ativamente para garantir que a escola católica seja espaço de convivência respeitosa, participação equitativa e oportunidades reais para todos os estudantes, especialmente àqueles que vivem situações de vulnerabilidade ou pertencem a grupos historicamente excluídos.
33. Entre os desafios contemporâneos da inclusão, destaca-se o acolhimento pastoral às pessoas com deficiência. Esse olhar cuidadoso e atento exige da Pastoral Escolar uma escuta sensível, o desenvolvimento de uma linguagem acessível e o compromisso com uma formação contínua que capacite os agentes para o acompanhamento respeitoso e efetivo. A inclusão plena não se resume à presença física na escola, mas envolve a construção de vínculos, o reconhecimento de suas expressões e a valorização de sua forma própria de estar no mundo.
34. A diferença não é obstáculo, mas dom de Deus que enriquece a comunidade educativa. Vale ressaltar que a diferença não se dá pelo diagnóstico, mas em função do sujeito que está em constituição, olhando para a potencialidade e não para a fragilidade. Por isso, ao integrar ações pastorais inclusivas com o projeto pedagógico, a escola afirma o compromisso com uma educação humanizadora, em que fé e justiça caminham juntas. A pastoral, com linguagem afetiva e relacional, contribui para formar consciências sensíveis à dignidade de cada pessoa e para sustentar vínculos de pertencimento e solidariedade no cotidiano escolar.

Atenta aos desafios da era digital

35. Na cultura contemporânea, marcada pela hiperconexão e pela presença crescente da inteligência artificial, a Pastoral Escolar é chamada a manter viva a dimensão humana mais profunda: a sensibilidade, o afeto e a capacidade de encontro. Em um tempo em que o imediatismo, os algoritmos e a lógica da performance moldam grande parte das interações, torna-se ainda mais urgente que a

Pastoral ajude a despertar um senso crítico diante dessa realidade tecnológica e uma paixão pelo que é verdadeiro, justo e belo, tanto no ambiente presencial, como no digital.

36. A missão evangelizadora da escola católica inclui o cultivo da interioridade, a promoção da qualidade das relações e o enfrentamento da solidão difusa que tantas vezes se esconde por trás de telas e conexões virtuais. A Pastoral pode criar espaços concretos de escuta, silêncio, presença e comunhão em variadas plataformas de presença e pertença dos estudantes — experiências que formam o coração e devolvem às pessoas o gosto pela vida compartilhada. Aqui, não se trata de combater a tecnologia, mas de humanizar o uso dela, como nos alertaram os papas Francisco e Leão XIV.
37. A Pastoral, com linguagem relacional e simbólica, pode contribuir decisivamente para que os estudantes não percam a capacidade de se emocionar, de cuidar e de construir vínculos reais mesmo no ambiente digital, que também é real. Em tempos de inteligência artificial, torna-se essencial, também, formar inteligências afetivas, espirituais e éticas em qualquer lugar que habitamos. É nesse horizonte que a Pastoral Escolar encontra uma de suas tarefas mais atuais e proféticas.

2. As expressões da pastoralidade nas instituições educacionais católicas

38. As instituições educacionais católicas expressam a identidade confessional e a missão evangelizadora por meio de diferentes formas de pastoralidade, que assumem linguagens, estruturas e dinâmicas específicas, de acordo com os contextos educativos em que se inserem. Essas expressões são manifestações estruturantes da missão eclesial no mundo da educação, e não são acessórios ou setores periféricos da instituição.
39. É nesse horizonte que se inserem três expressões fundamentais da pastoralidade nas escolas e universidades católicas: a Pastoral Escolar, a Pastoral Universitária e o Serviço de Capelania. Embora cada uma tenha formatos, públicos e especificidades próprios, todas compartilham o mesmo fundamento: tornar visível e operante o Evangelho no cotidiano da vida educativa.
40. A seguir, detalhamos cada uma dessas expressões, buscando oferecer uma visão clara sobre identidade, formatos possíveis, desafios contemporâneos e caminhos para a profissionalização e consolidação institucional.

Pastoral Escolar

41. A Pastoral Escolar é a expressão da missão evangelizadora da Igreja no contexto da Educação Básica. Trata-se de uma ação planejada, sistemática e orgânica, inserida na cultura e na dinâmica da escola, que visa promover o encontro pessoal e comunitário com Cristo, educando à luz do Evangelho e colaborando para a formação integral de crianças, adolescentes, jovens e educadores.
42. Mais do que um conjunto de atividades religiosas, a Pastoral Escolar é uma presença transversal, que permeia as relações, os projetos e os processos pedagógicos da escola. De acordo com o Compêndio de Pastoral Escolar, esse organismo da instituição “participa da constante atualização do currículo, para que ele seja evangelizador”³. Quando bem articulada, torna-se uma instância integradora da proposta educativa, conectando fé, cultura e vida, e conferindo identidade e coesão à missão da escola católica.

Formatos e possibilidades

43. A estrutura pastoral pode assumir diferentes nomes e configurações, de acordo com a tradição carismática, a organização interna e a linguagem institucional de cada rede ou escola. Alguns nomes comuns incluem: Serviço de Orientação Religiosa (SOR), Departamento de Pastoral ou de Pastoralidade (DEPAS), Serviço de Animação Pastoral (SAP), Área de Pastoralidade, Pastoral Escolar, entre outros. Apesar das variações, todas essas nomenclaturas apontam para a mesma realidade: uma instância organizada, responsável por animar e integrar a dimensão evangelizadora da escola.
44. Considerando o contexto atual de afirmação da identidade confessional e a necessidade de diferenciação estratégica no campo educacional, é altamente recomendável que as mantenedoras contem com uma estrutura formal dedicada à gestão da identidade e da missão. Propõe-se, portanto, a criação ou o fortalecimento de uma instância organizacional – como uma gerência de identidade, núcleo de missão institucional ou coordenação de pastoralidade na mantenedora – com a responsabilidade de zelar pelo alinhamento entre carisma fundacional, projeto educativo-pastoral e decisões estratégicas.
45. 45. A estrutura mínima recomendada é composta pelas seguintes figuras:
 - a **Coordenação de Pastoral**, com responsabilidade clara sobre planejamento, estratégias, organização, execução e avaliação das ações pastorais. Deve ter inserção formal na estrutura organizacional da escola, com participação efetiva e estratégica nos espaços de gestão e do currículo evangelizador.

3 RIAL, Gregory; CHESINI, Cláudia. Pastoral Escolar. In: **Compêndio de Pastoral Escolar para a Educação Básica na Escola Católica**. Vozes: Petrópolis, 2022. p. 98.

- a **Equipe de Pastoral**, composta por colaboradores que atuam diretamente na dinamização da proposta evangelizadora. Os membros podem receber diferentes designações: agente de pastoral, assessor pastoral, agente de missão, entre outros. O termo “pastoralista” também é utilizado em alguns contextos, embora a ANEC recomende o uso de “agente de pastoral” para evitar confusões com o campo da teologia pastoral, em que “pastoralista” designa o especialista acadêmico, à semelhança dos moralistas ou liturgistas.
- **Gerência de Pastoral e Identidade:** em redes e instituições com múltiplas unidades educacionais, é recomendável a existência de uma Gerência de Pastoral e Identidade vinculada à mantenedora ou à instância central da organização que tem como responsabilidades acompanhar a implementação das diretrizes pastorais nas unidades, oferecer suporte formativo às equipes locais, promover a integração entre identidade, gestão e currículo, além de garantir que os princípios da evangelização estejam presentes nos processos decisórios, nos documentos institucionais e nas ações estratégicas da organização como um todo.

46. Independentemente da nomenclatura, é fundamental que esses profissionais atuem em sinergia com a gestão pedagógica e administrativa, garantindo que a pastoralidade seja uma cultura viva e compartilhada na instituição.

Especificidades

47. A especificidade da Pastoral Escolar está na natureza do ambiente educativo onde atua: formativo, comunitário, plural e em desenvolvimento humano contínuo. Evangelizar na escola exige sensibilidade à linguagem das infâncias e das juventudes, abertura ao diálogo com as famílias, articulação com o currículo e coerência com os valores evangélicos.
48. Além disso, a Pastoral Escolar deve saber transitar entre a experiência de fé e os desafios da formação humana, promovendo espaços de escuta, acompanhamento, espiritualidade e convivência. O papel é integrador: não está acima nem à margem da escola, mas na alma — como elo entre identidade e missão, entre tradição e inovação.

Profissionalização

49. A profissionalização da Pastoral Escolar é uma necessidade crescente nas instituições católicas. A função exige um perfil que, antes de tudo, seja uma pessoa de fé, tenha vida de oração, esteja em comunhão com a Igreja, seja um apaixonado por Jesus Cristo e dê testemunho do Evangelho no dia a dia. Profissionalmente, trata-se de um perfil transdisciplinar e raro no mercado de trabalho,

pois articula competências teológicas, pedagógicas, comunicacionais, relacionais e organizacionais. O profissional de pastoral precisa, ao mesmo tempo, compreender o Magistério da Igreja, dialogar com a realidade educacional, lidar com a gestão institucional e ser capaz de animar espiritualmente a comunidade escolar.

50. Por isso, a formação não pode ser improvisada. É recomendável que tenha estudos em áreas como Teologia, Ciências da Religião, Educação ou Psicologia, com experiências práticas em evangelização, liderança comunitária e projetos pastorais. Mais que conhecimento técnico, esse profissional deve encarnar o *ethos* pastoral da escola católica: empático, propositivo, coerente e espiritualizado.
51. Além da formação inicial, é imprescindível oferecer formação continuada, inseri-lo nos espaços de planejamento institucional, garantir-lhe condições adequadas de trabalho e promover a participação dele em redes e eventos de atualização.

Pastoral Universitária

52. A Pastoral Universitária é a presença evangelizadora da Igreja no contexto do Ensino Superior. A missão é acompanhar, iluminar e dialogar com a comunidade acadêmica – estudantes, docentes e técnicos –, promovendo uma fé pensada, encarnada e comprometida com a transformação da sociedade à luz do Evangelho. Trata-se de uma pastoral do diálogo e da presença crítica, capaz de anunciar a esperança cristã nos espaços da cultura, da ciência, da política e da vida universitária.
53. No ambiente universitário, a pastoral não pode restringir-se à repetição de modelos escolares. Ela exige um novo vocabulário, capaz de dialogar com a racionalidade crítica, com a pluralidade ideológica e com os anseios existenciais de jovens e adultos que buscam sentido, justiça, conhecimento e transcendência. Uma das especificidades é justamente a necessidade de dialogar com as dimensões constitutivas da vida universitária: o ensino, a pesquisa e a extensão. A Pastoral Universitária é chamada a iluminar a busca do saber (ensino), a instigar o pensamento crítico e ético na produção do conhecimento (pesquisa) e a inspirar práticas de transformação social (extensão), promovendo uma cultura acadêmica enraizada nos valores do Evangelho e comprometida com a construção do bem comum. Dessa forma, ela se insere no coração da missão universitária, não como um adorno religioso, mas como fermento de humanização e esperança.
54. Como afirma o *Documento de Aparecida*: “A Pastoral Universitária se situa no âmbito da evangelização da cultura e da inculturação da fé, buscando formar discípulos missionários nos ambientes acadêmicos e promover o diálogo entre fé e razão” (Dap, 344). Nessa perspectiva, a Pastoral Universitária é intelectual,

afetiva, ética e política, que busca formar sujeitos com consciência crítica, espiritualidade madura e compromisso com o bem comum.

Formatos e possibilidades

55. A organização da Pastoral Universitária pode variar significativamente entre as Instituições de Ensino Superior (IES) católicas e alguns formatos têm se mostrado eficazes.
- **Núcleo ou setor institucional de Pastoral Universitária**, com equipe própria, local definido e vínculo formal com a reitoria ou a pró-reitoria responsável.
 - **Pró-Reitoria de Identidade e Missão ou de Pastoralidade**⁴, estrutura acadêmica que garante a transversalidade da missão evangelizadora, articulando a Pastoral Universitária com ensino, pesquisa e extensão, coordenando a formação ética, espiritual e missionária da comunidade acadêmica, e fortalecendo a identidade católica nos projetos pedagógicos e acadêmicos.
 - **Conselho de Pastoral Universitária**, com participação de docentes, estudantes e técnicos, favorecendo a colegialidade, a escuta e a articulação entre os setores.
56. A Pastoral Universitária pode, ainda, articular-se com movimentos eclesiais, pastorais juvenis, universidades públicas e organizações internacionais, como a Federação Internacional das Universidades Católicas (FIUC) e a Organização das Universidades Católicas da América Latina e Caribe (ODUCAL).
57. Como este documento está circunscrito ao âmbito das instituições de Educação Básica, as referências aqui apresentadas à Pastoral Universitária têm caráter introdutório e exemplificativo. Reconhecendo a especificidade da missão evangelizadora no contexto do Ensino Superior, com os próprios desafios, dinâmicas e estruturas institucionais, a ANEC aprofundará esse tema em uma versão própria das *Linhas de Ação Pastoral* voltada, exclusivamente, às Instituições de Ensino Superior católicas.

4 Em muitas instituições de Ensino Superior católicas, a criação de uma Pró-Reitoria de Identidade e Missão (ou de Pastoralidade) representa um avanço na integração da dimensão evangelizadora à vida universitária. Essa estrutura assegura que a missão institucional permeie o ensino, a pesquisa e a extensão, articulando a Pastoral Universitária com os diversos setores acadêmicos e administrativos. Atua na formação ética, espiritual e missionária de estudantes, docentes e técnicos, no fortalecimento da identidade católica nos projetos pedagógicos e de pesquisa, no acompanhamento da responsabilidade social e na promoção de eventos que expressem a missão institucional. Sua existência responde ao apelo do Magistério de que as universidades católicas sejam centros de evangelização, diálogo entre fé e cultura e promoção da liberdade e da caridade (cf. Ex Corde Ecclesiae, 21-22; Papa Francisco, Discurso aos Reitores das Universidades Católicas, 2017).

Serviço de Capelania

58. O Serviço de Capelania é uma expressão clássica e essencial da presença da Igreja no mundo educacional. Inspirado na missão pastoral de Cristo, o Bom Pastor que conhece suas ovelhas e dá a vida por elas (cf. Jo 10,11-16), o Serviço de Capelania é uma presença institucional que visa promover o cuidado espiritual, o acompanhamento pessoal e a celebração da fé na vida da comunidade educativa.
59. No contexto das instituições de ensino católicas, a capelania deve estar articulada à Pastoral Escolar ou Universitária. Ela atua como um verdadeiro coração espiritual da instituição, irradiando o sentido cristão da vida e fortalecendo o pertencimento à missão evangelizadora.

Formatos e possibilidades

60. O Serviço de Capelania pode assumir diferentes formatos, dependendo do porte e da organização da instituição. Em geral, é desempenhado por um sacerdote residente ou assistente eclesialístico designado pela Diocese, pela congregação mantenedora ou pela própria instituição. Ele é responsável pelas celebrações, direção espiritual e animação pastoral. Independentemente do formato adotado, é fundamental que a capelania esteja integrada ao projeto pastoral da instituição e não atue de maneira isolada ou paralela.

Especificidades

61. O Serviço de Capelania apresenta algumas características que o distinguem no contexto da Pastoral Escolar.
- Foco no cuidado personalizado, por meio da escuta qualificada, do aconselhamento espiritual e da formação da consciência.
 - Celebração litúrgica e sacramental, com especial atenção aos tempos fortes do calendário litúrgico (Advento, Quaresma, Páscoa, Pentecostes, festa do padroeiro, entre outros).
 - Promoção da espiritualidade cotidiana, ajudando estudantes, docentes e colaboradores a integrarem fé e vida.
 - Acolhimento em momentos de crise, como luto, doenças graves, conflitos familiares ou situações de sofrimento pessoal.

- Estímulo ao discernimento vocacional e existencial, acompanhando a construção de projetos de vida inspirados na fé cristã.
- Serviço de mediação pastoral entre a instituição e a Igreja local (paróquias, dioceses e congregações).

62. A capelania, pela natureza, é um sinal visível da presença da Igreja no espaço educativo e deve favorecer a construção de comunidades abertas, fraternas e missionárias.

Profissionalização

63. A atuação no Serviço de Capelania exige formação teológica sólida, espiritualidade amadurecida e habilidades específicas de escuta e acompanhamento. O capelão, mesmo sendo um diácono ou presbítero, é um profissional. Portanto, deve ser instituído a partir de um acordo formal com a Diocese ou congregação de referência, de forma a garantir clareza de responsabilidades, vínculos trabalhistas e inserção no projeto pastoral.

64. É fundamental que o Serviço de Capelania tenha reconhecimento formal no organograma institucional, com autonomia pastoral e condições adequadas de trabalho (tempo, espaço e recursos).

3. Fundamentos da ação pastoral nas instituições educacionais católicas

65. A pastoralidade, nas instituições educacionais católicas, como parte essencial da missão de educar integralmente, configurando o ambiente escolar como espaço de evangelização, se enraíza em fundamentos sólidos e compartilhados, que inspiram e orientam sua presença e atuação. Esses fundamentos emergem da própria tradição viva da Igreja, da Palavra de Deus e da prática cotidiana das comunidades educativas ao longo do tempo. Entre eles, destacam-se a centralidade da Palavra e da Eucaristia; a vivência da eclesialidade e da sinodalidade; a inspiração do carisma das congregações religiosas e dos institutos de vida consagrada; o impulso missionário que convida escolas a serem comunidades em saída; a cultura do encontro como princípio de diálogo e hospitalidade; a centralidade da pessoa humana como sujeito da educação e da evangelização; e a compreensão da pastoralidade como um processo contínuo de formação, discernimento e transformação. Esses pilares sustentam a identidade pastoral das instituições educacionais católicas e orientam o testemunho delas no mundo contemporâneo.

Fundamentos da ação pastoral nas instituições educacionais católicas



Centralidade da Palavra e da Eucaristia

66. A Palavra de Deus e a Eucaristia são o coração da vida cristã. Portanto, devem, também, ser o coração da vida pastoral nas instituições educacionais católicas. A escuta da Palavra gera a fé (cf. Rm 10,17) e a celebração eucarística nutre a comunhão e envia para a missão. Em torno desses dois polos, a pastoralidade nas escolas constrói a identidade e o dinamismo delas.
67. A instrução *A identidade da escola católica para a cultura do diálogo* (n. 95) recorda que “o Papa Francisco, tratando do encontro entre fé, razão e ciências, sublinha que ‘as escolas católicas, que sempre procuram conjugar a tarefa educacional com o anúncio explícito do Evangelho, constituem uma contribuição muito válida para a evangelização da cultura, mesmo em países e cidades onde uma situação adversa nos incentiva a usar a nossa criatividade para se encontrar os caminhos adequados’”. Já a *Evangelii Gaudium* reforça que “A Palavra tem em si mesma um potencial que não podemos prever. O Evangelho fala da semente

que, uma vez lançada, cresce por si mesma, mesmo quando o agricultor dorme (cf. Mc 4,26-29)".

68. Assim, a ação pastoral deve assegurar que a Palavra seja proclamada, meditada, partilhada e celebrada no cotidiano da instituição, por meio de espaços de leitura orante, formação bíblica, liturgias escolares e experiências de espiritualidade que coloquem o estudante, o educador e a comunidade diante do mistério de Deus. Do mesmo modo, a Eucaristia — celebrada ou no culto fora da missa — deve ser promovida como fonte de unidade, de fraternidade e de renovação da missão evangelizadora. Como recorda o Papa Bento XVI na *Sacramentum Caritatis* (n. 82), na Eucaristia, nós entramos no próprio dinamismo da doação de Jesus e aprendemos a lógica da gratuidade e do dom: “este apelo ao valor moral do culto espiritual não deve ser interpretado em chave moralista; é, antes de mais, a descoberta feliz do dinamismo do amor no coração de quem acolhe o dom do Senhor, abandona-se a Ele e encontra a verdadeira liberdade”.
69. A Palavra e a Eucaristia, enquanto elementos estruturantes da pastoralidade, orientam as ações, iluminam os projetos, fundamentam a ética, sustentam a esperança e alimentam a caridade educativa. Portanto, as instituições educacionais católicas devem oferecer aos estudantes, aos educadores e às famílias oportunidades de escuta e formação na Palavra de Deus, de participação na celebração eucarística e de momentos de adoração eucarística, reconhecendo na Eucaristia a fonte e o ápice de toda a vida cristã (cf. *Lumen Gentium*, 11). A pastoralidade, para ser fiel à identidade, deve enraizar todas as iniciativas na escuta da Palavra e no mistério eucarístico, para evitar a fragmentação entre fé e vida e cultivar uma espiritualidade que integra, ilumina e transforma a existência.

Eclesialidade e sinodalidade

70. A Pastoral Escolar devem estar profundamente enraizadas no mistério da Igreja, vivendo a comunhão e a missão que dela emanam. Como recorda o *Catecismo da Igreja Católica*, a Igreja é “comunhão viva na fé dos Apóstolos que ela transmite” (n. 386) e a instituição educacional católica participa dessa mesma comunhão como espaço concreto de evangelização, formação e testemunho.
71. A Declaração *Gravissimum Educationis* já afirmava que o objetivo principal da educação católica é ajudar os batizados a crescerem em sabedoria, idade e graça, diante de Deus e dos homens (cf. Lc 2,52; GE, n. 2). A ação pastoral, portanto, não é um projeto isolado ou individualista, pois se realiza em estreita comunhão com a Igreja local e universal, em sintonia com os pastores e as orientações magisteriais. As escolas católicas são sujeitos eclesiais, participantes da missão salvadora da Igreja e corresponsáveis pela formação de discípulos missionários.

72. A sinodalidade, tão fortemente evocada pelo Papa Francisco como essência da vida eclesial, é princípio vital, também, da pastoral escolar. “Caminhar juntos” implica promover uma cultura da escuta recíproca, do discernimento comunitário, da corresponsabilidade e da colegialidade. Assim como a escola católica é chamada a ser uma comunidade educativa animada pelo Evangelho (cf. *Gaudium et Spes*, n. 8), ela é também convidada a ser um espaço sinodal, onde estudantes, educadores, famílias, gestores e a comunidade eclesial caminham juntos na construção de um projeto educativo evangelizador.
73. Esse dinamismo sinodal exige práticas concretas: escutar atentamente as vozes dos diversos membros da comunidade educativa, discernir as decisões a serem tomadas à luz da oração e do diálogo, bem como partilhar responsabilidades. Mais do que uma adesão formal, a fidelidade à Igreja se expressa na docilidade cotidiana ao Espírito Santo, na comunhão viva com o Santo Padre e os bispos, e no compromisso ativo de evangelizar a cultura por meio da educação.
74. Em um mundo marcado pela fragmentação e pelo individualismo, a pastoral educativa sinodal reafirma que a verdadeira formação cristã se dá no encontro, na partilha e na construção comunitária. Por isso, toda instituição educacional católica é chamada a ser uma verdadeira comunidade eclesial ambiental, enraizada em Cristo, animada pela fé e impulsionada pela missão de formar homens e mulheres novos para um mundo novo.

Missionariedade – escolas “em saída”

75. A pastoral escolar, para ser fiel ao mandato evangélico, deve ser essencialmente missionária. As instituições educacionais católicas são chamadas a ser “Igreja em saída” (cf. *Evangelii Gaudium*, n. 20-24), superando a tentação de um fechamento autorreferencial e assumindo a coragem de levar a proposta do Evangelho aos âmbitos da cultura, das ciências, das artes, da ação social e da vida pública.
76. O Papa Francisco expressou essa visão ao preferir “uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e pela comodidade de se agarrar às próprias seguranças” (*Evangelii Gaudium*, n. 49). Essa imagem de uma Igreja em movimento deve inspirar, também, o dinamismo missionário das escolas católicas, que, sem perder a excelência acadêmica, devem testemunhar a fé de modo alegre, inteligente, comprometido e corajoso. Ao assumir a missionariedade, os sujeitos da educação católica devem entender que a existência da escola já faz parte da missão. Além disso, vale recordar a razão de ser uma “escola em saída”: é o amor derramado por Deus em nossos corações que nos impulsiona a ir ao encontro dos outros e das realidades.

77. Nesse sentido, o Papa Francisco advertiu, na *Christus Vivit* (cf. n. 221), contra o risco de transformar a escola católica num “bunker”, que se fecha para proteger seus membros dos perigos externos, reais ou imaginários. Tal postura defensiva gera um descompasso entre a formação recebida e a realidade do mundo, deixando os jovens despreparados para confrontar a cultura contemporânea com maturidade e fé viva. Ao contrário, a escola católica é chamada a formar pessoas integradas, protagonistas, capazes de dialogar com o mundo sem perder a identidade cristã.
78. Ser uma pastoral verdadeiramente em saída exige mais do que criar espaços de acolhida; implica ir ao encontro dos estudantes, dos educadores e das famílias, inserindo-se nos próprios contextos, compreendendo anseios e dialogando com as realidades concretas. Não basta esperar que eles procurem a ação pastoral: é necessário antecipar o movimento, sair ao encontro, criar pontes e estabelecer presenças significativas nos espaços cotidianos da vida escolar.
79. Portanto, as instituições educacionais católicas são desafiadas a formar estudantes e educadores como discípulos missionários, comprometidos com a transformação social à luz do Evangelho; a promover projetos de voluntariado, extensão universitária, inserção social e iniciativas de diálogo intercultural e inter-religioso; e a estar sempre abertas a reinterpretar a ação evangelizadora a partir dos sinais dos tempos, sem jamais renunciar à identidade cristã que lhes é própria.
80. A pastoral escolar, fiel ao espírito da Igreja em saída, deve evitar tanto a autor-referencialidade quanto o medo da mudança. Em vez de um fechamento defensivo, é preciso favorecer comunidades educativas que, unidas pela fé e abertas ao mundo, sejam lugares vivos de encontro, formação integral e renovação da esperança.

O carisma das congregações e dos institutos de vida consagrada

81. A tradição da educação católica foi profundamente marcada pela dedicação de inúmeros institutos de vida consagrada, que, ao longo dos séculos, fundaram escolas movidos por carismas específicos, dons do Espírito Santo confiados à Igreja para a edificação do Corpo de Cristo. Cada carisma congregacional enriquece a missão educativa com uma espiritualidade particular, com prioridades pastorais específicas e com estilos próprios de presença e serviço.
82. Por isso, nas instituições educacionais católicas vinculadas a congregações religiosas, o carisma fundacional deve ser conhecido, valorizado e dinamizado como fonte de identidade pastoral. Não se trata de preservar tradições ou uma história, mas de traduzir, em linguagem atual, a intuição evangélica que inspirou

a origem da obra educativa. Como recorda o documento *Vita Consecrata* (n. 47), “as pessoas consagradas estão chamadas a ser fermento de comunhão missionária na Igreja universal, pelo fato mesmo de os múltiplos carismas dos respectivos Institutos serem concedidos pelo Espírito Santo para o bem de todo o Corpo Místico, a cuja edificação devem servir (cf. 1 Cor 12,4-11)”. Portanto, as instituições educacionais católicas de inspiração congregacional devem integrar o carisma fundacional nos projetos pastorais e pedagógicos, formando novas gerações para viverem a fé a partir da riqueza espiritual recebida, promovendo a comunhão entre a tradição do instituto e os desafios da contemporaneidade.

A centralidade da pessoa humana

83. Toda ação pastoral, assim como todo projeto educativo católico, deve ter no centro a pessoa humana, criada à imagem e semelhança de Deus (cf. Gn 1,26) e chamada à plenitude da vida em Cristo. A centralidade da pessoa implica reconhecer-lhe na dignidade inalienável, respeitar processos e ritmos, bem como promover o desenvolvimento integral: intelectual, afetivo, espiritual, social e ético.
84. A Declaração *Gravissimum Educationis* afirma que “a verdadeira educação visa à formação da pessoa humana em vista do seu fim último” (*Gravissimum Educationis*, n. 1). Do mesmo modo, a Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* recorda que “tudo quanto existe sobre a terra deve ser ordenado em função do homem, como seu centro e seu termo” (*Gaudium et Spes*, n. 12).
85. Nesse horizonte, o Papa Francisco, por meio do chamado ao *Pacto Educativo Global*, renovou o apelo para que a educação coloque a pessoa no centro, reconstruindo relações de fraternidade e promovendo uma cultura de encontro. Trata-se de um convite a superar modelos educacionais tecnicistas ou fragmentados, apostando em uma formação integral que una cabeça, coração e mãos.
86. Por isso, as instituições educacionais católicas devem promover um olhar pastoral que vá além dos desempenhos acadêmicos e reconheça cada estudante e educador como um ser em caminho, portador de uma vocação única. Também devem integrar a dimensão espiritual no processo formativo, favorecendo a maturação da liberdade interior, do senso ético e da abertura à transcendência.

Cultura do encontro

87. A ação pastoral nas instituições educacionais católicas deve se inspirar na cultura do encontro, tão insistentemente promovida pelo Papa Francisco como resposta às dinâmicas de fragmentação, indiferença e exclusão que marcam o mundo contemporâneo. “O tempo é superior ao espaço” (*Evangelii Gaudium*,

n. 222-225) e, por isso, a construção de relações de proximidade, de diálogo e de comunhão é mais importante do que a mera ocupação de espaços de poder.

88. A cultura do encontro implica sair de si mesmo para reconhecer o outro quanto à dignidade e ao valor. Requer a disposição de “procurar pontos de contato, construir pontes, projetar algo que envolva a todos” (*Fratelli Tutti*, n. 216). No ambiente escolar, essa cultura se traduz em práticas pedagógicas, relações comunitárias e projetos pastorais que favorecem a escuta ativa, a hospitalidade, o respeito às diferenças e a construção de comunidades educativas verdadeiramente fraternas.
89. Nesse horizonte, torna-se essencial que as instituições educacionais católicas aprofundem o compromisso com o ecumenismo e o diálogo inter-religioso, reconhecendo a pluralidade de crenças como uma riqueza educativa. Uma escola católica não existe apenas para os católicos, mas deve ser casa aberta a todos, sem renunciar à identidade. O testemunho de fé se fortalece quando se traduz em escuta respeitosa, aprendizado mútuo e convivência pacífica com as diferentes expressões religiosas presentes na comunidade escolar. Promover espaços de diálogo e de espiritualidade ecumênica é parte integrante da missão evangelizadora, a qual busca formar pessoas para a fraternidade universal.
90. Portanto, as instituições educacionais católicas devem cultivar ambientes de convivência, onde todos se sintam reconhecidos, acolhidos e desafiados a crescer; fomentar a escuta sensível às realidades e dores dos estudantes, educadores e famílias; e educar para a empatia, a solidariedade e o diálogo construtivo como pilares de uma cidadania comprometida com a paz e o bem comum.

A educação ecológica integral

91. A educação ecológica integral é um dos fundamentos inalienáveis da missão pastoral e educativa das instituições católicas. A crise socioambiental que vivemos – descrita, de forma clara e urgente, pelo Papa Francisco na Encíclica *Laudato Si'* e na exortação apostólica *Laudate Deum* – não pode ser tratada como um tema periférico, reservado apenas às disciplinas de ciências naturais ou a projetos pontuais. A escola católica, como expressão viva da missão da Igreja no mundo, é chamada a formar novas gerações que conheçam os problemas ambientais e sejam protagonistas de uma verdadeira conversão ecológica (cf. *Laudato Si'*, n. 216-221).
92. A educação ecológica integral requer muito mais que a difusão de informações ou a adoção de boas práticas ambientais e sociais. Ela supõe uma mudança profunda no modo de pensar, sentir e agir, um deslocamento da consciência individual e coletiva, para reconhecer que “tudo está interligado” (*Laudato Si'*, n. 91;

117, 138; 240. *Laudate Deum*, n. 19) e que o cuidado com a Casa Comum é inseparável do cuidado com o outro, especialmente os mais pobres e vulneráveis. A degradação ambiental é, antes de tudo, a manifestação de uma crise ética, espiritual e cultural que a educação católica precisa enfrentar na raiz.

93. A *Laudato Si'* alerta que “não haverá uma nova relação com a natureza sem um ser humano novo” (*Laudato Si'*, n. 118). Por isso, o desafio é cultivar uma espiritualidade ecológica que inspire respeito pela criação, sobriedade no estilo de vida e responsabilidade solidária pelo futuro do planeta, o que obviamente ultrapassa o ensino de conteúdos sobre sustentabilidade. Trata-se de promover atitudes interiores de gratidão, reverência, comunhão e cuidado, nutridas pela fé cristã, que vê o mundo como um dom amoroso de Deus e a humanidade como guardiã.
94. A *Laudate Deum*, ao aprofundar a reflexão, chama à urgência de mudanças profundas, culturais e espirituais (*Laudate Deum*, n. 61-72). A escola católica, portanto, deve ser um espaço onde se cultive a consciência crítica sobre os modelos de produção e consumo que ferem a dignidade humana e ameçam a sobrevivência da criação, estimulando a formação de estudantes comprometidos com estilos de vida alternativos, fundados na justiça, na solidariedade e na sobriedade feliz.
95. Falar de ecologia, nesse horizonte, não é um ativismo ambiental: é uma expressão concreta do compromisso cristão com o Evangelho da vida e da esperança. A luta pela preservação da Terra é, como uma exigência da nossa fé, um sinal do amor ativo por Deus e pelas gerações futuras.
96. A educação ecológica integral, assim entendida, deve perpassar todo o projeto educativo da escola católica: currículo, práticas pedagógicas, projetos institucionais e, sobretudo, a cultura espiritual e relacional que nela se vive. É preciso formar novas gerações, capazes de “escutar tanto o clamor da terra como o clamor dos pobres” (*Laudato Si'*, n. 49), tornando-se construtores de uma nova civilização, em que a fraternidade universal e o cuidado com a Casa Comum se tornem princípios inegociáveis para a vida social e política.
97. Assim, a pastoralidade assume a dimensão profética, ajudando a preparar uma humanidade renovada, que saiba “responder à crise ecológica com mudanças profundas” (*Laudate Deum*, n. 61), iluminada pela fé no Deus Criador, fonte de toda a vida e de toda a esperança.

O profetismo na educação para uma fraternidade universal

98. A pastoral das instituições católicas não pode ser indiferente às feridas do mundo. Ao contrário, uma das missões fundamentais delas é formar consciências novas, capazes de olhar a realidade com compaixão, senso crítico e espírito de

transformação. Inspirada na força profética do Evangelho, a pastoral é chamada a educar para a fraternidade universal, combatendo toda forma de injustiça, desigualdade e exclusão.

99. A fidelidade ao Evangelho e à missão educativa da Igreja exige que a pastoral escolar não se torne alienada dos dramas sociais. A verdadeira pastoralidade se conecta corajosamente com os problemas do mundo: a pobreza, as desigualdades, a cultura do descarte, as novas formas de escravidão, a destruição ambiental, as guerras e todas as realidades que negam a dignidade humana. Sem se deixar instrumentalizar por ideologias, a ação pastoral deve manter-se firmemente ancorada na Doutrina Social da Igreja, ensinando a justiça social, a misericórdia, o cuidado pelos pobres e a solidariedade concreta, com base no Evangelho de Jesus Cristo.
100. A prática da caridade e da promoção da justiça não é opcional: é expressão essencial da fé cristã. Como nos ensina o Papa Francisco, “não há evangelização verdadeira sem a promoção humana e sem a maturação de cada homem em todas as suas dimensões” (*Evangelii Gaudium*, n. 178). A pastoral escolar, por isso, deve favorecer experiências concretas de serviço e solidariedade, promovendo projetos de voluntariado, práticas de aprendizagem-serviço e ações sociais em parceria com obras sociais das congregações, organizações da sociedade civil e iniciativas comunitárias. Muitas escolas católicas já realizam esse trabalho silencioso e fecundo. É necessário fortalecer e dar visibilidade a essas práticas, reconhecendo nelas uma dimensão intrínseca da missão evangelizadora.
101. A fraternidade não é algo natural ou espontâneo nos seres humanos. Ela precisa ser ensinada, cultivada e aprendida. É tarefa da escola católica — e especialmente da pastoralidade — formar corações e consciências capazes de reconhecer todos os seres humanos como irmãos e irmãs, superando preconceitos, divisões e indiferenças. Como recorda a Encíclica *Fratelli Tutti*, a fraternidade verdadeira exige um esforço educativo persistente para “semear esperança” e “colocar no centro a dignidade da pessoa humana” (*Fratelli Tutti*, n. 55); e isso implica uma mudança de paradigma.
102. Educar para a fraternidade universal significa formar pessoas que se reconheçam responsáveis não apenas pelo próprio sucesso, mas também pelo bem comum; que se comprometam com a construção de uma sociedade mais justa, solidária e reconciliada; e que sejam capazes de ver no outro — especialmente no mais frágil — o rosto de Cristo.

A pastoralidade como um processo

103. A pastoralidade, nas instituições educacionais católicas, não pode ser reduzida a atividades pontuais nem a ações desconectadas entre si. Muitas vezes, as escolas mantêm somente uma “pastoral de eventos”, centrada em celebrações isoladas ou iniciativas simbólicas que, embora bem-intencionadas, não se integram de forma orgânica ao projeto educativo e pastoral da instituição. Essa dinâmica gera o risco de que a pastoral se torne um apêndice periférico — uma presença eventual — em vez de um eixo articulador da formação integral.
104. Para ser fiel à identidade, a pastoralidade é chamada a ser um processo contínuo de evangelização, formação, amadurecimento da fé e transformação da vida, em sintonia com o princípio de que o tempo é superior ao espaço (cf. *Evangelii Gaudium*, n. 222-225). Não se trata de simplesmente ocupar espaços institucionais com práticas religiosas ou promover eventos isolados para marcar o calendário, mas de iniciar e sustentar processos duradouros que gerem uma cultura viva, impregnada dos valores do Evangelho, capaz de transformar a instituição por dentro.
105. Como recorda a *Evangelii Nuntiandi* (cf. n. 47), evangelizar é mais que transmitir conteúdos doutrinários; trata-se de acompanhar o movimento da graça em cada pessoa e comunidade, promovendo conversão, crescimento e renovação existencial. A *Evangelii Gaudium* reforça essa perspectiva ao advertir que a pastoral missionária exige abandonar “o cômodo critério pastoral do ‘sempre se fez assim’” (n. 33), para ousar novos caminhos de fidelidade criativa ao Evangelho.
106. Nesse horizonte, as instituições educacionais católicas são chamadas a compreender que a pastoralidade não é um conjunto de atividades sobrepostas, mas um itinerário que acompanha, educa, questiona e transforma ao longo do tempo. Isso implica integrar a ação pastoral de maneira orgânica aos processos pedagógicos, formativos e administrativos, superando a fragmentação e favorecendo uma coerência profunda entre fé, cultura e vida.
107. A verdadeira pastoral escolar, portanto, não é uma sucessão de eventos comemorativos, mas a construção contínua de comunidades vivas, em que a fé ilumina os saberes, inspira as relações e transforma a realidade. É nesse caminho paciente e esperançoso que as escolas católicas tornam-se espaços de esperança, onde se gera, no tempo, a plenitude da existência humana em Cristo.

Objetivos da ação pastoral nas instituições educacionais católicas



4. Objetivos da ação pastoral nas instituições educacionais católicas

108. A pastoralidade, nas instituições educacionais católicas, é expressão concreta da missão evangelizadora da Igreja no campo da educação. A presença dela não é acessória nem opcional: ela constitui dimensão essencial da identidade da escola católica. Por isso, a ação pastoral deve orientar-se por objetivos claros, que expressem a comunhão com a missão da Igreja e a fidelidade ao mandato de evangelizar. Entre os objetivos fundamentais da ação pastoral, destacam-se os listados a seguir.

O anúncio do Evangelho

109. No centro da missão pastoral está o anúncio explícito do Evangelho de Jesus Cristo, feito de modo respeitoso, alegre e esperançoso. As escolas católicas são chamadas a tornar o Evangelho o horizonte último e a alma viva de toda a formação, oferecendo aos estudantes uma educação que transforma profundamente a existência humana. Dessa maneira, as instituições de educação católica se tornam lugares possíveis para a pessoa ter o encontro pessoal com Jesus Cristo, que é caminho, verdade e vida.
110. Como recorda o Papa Francisco, “não existe verdadeira evangelização sem o anúncio explícito de que Jesus é o Senhor” (*Evangelii Gaudium*, n. 110). Portanto, a pastoralidade não pode limitar-se a testemunhos implícitos, a boas obras ou a um vago humanismo cristão; ela deve criar espaços, linguagens e experiências que favoreçam o encontro pessoal com Cristo vivo, sem imposições, mas com a confiança humilde de quem oferece um tesouro capaz de iluminar toda a vida.
111. O testemunho silencioso é importante, mas, como já advertia São Paulo VI na *Evangelii Nuntiandi*, “ainda o mais belo testemunho virá a demonstrar-se impotente com o andar do tempo, se ele não vier a ser esclarecido [...] por um anúncio claro e inelutável do Senhor Jesus” (*Evangelii Nuntiandi*, n. 22). Evangelizar é, portanto, apresentar, de modo paciente, jubiloso e progressivo — como ensina João Paulo II —, a pessoa, a vida, a morte e a ressurreição de Jesus Cristo, para que a fé possa nascer, crescer e amadurecer no coração dos estudantes e de toda a comunidade educativa.
112. O anúncio explícito do Evangelho é o núcleo da identidade católica das instituições educacionais. Desde a manhã de Pentecostes, a vida da Igreja se confunde com a história desse anúncio — o querigma — que, como lembra a *Evangelii Nuntiandi*, “ocupa um tal lugar na evangelização que, com frequência, se tornou sinônimo dela” (n. 22). A escola católica, conforme ensina o documento *A Escola Católica* (1977), participa da missão salvífica da Igreja justamente ao assumir o anúncio explícito do Evangelho como centro vital de seu projeto educativo: “A escola é, com efeito, um centro em que se elabora e se transmite uma concepção específica do homem e da história” (*A Escola Católica*, n. 8), iluminada pela fé e orientada para a plenitude do ser humano em Cristo.
113. Nesse sentido, as escolas católicas são chamadas, como afirmou o Papa Francisco, a ser “âmbitos privilegiados para pensar e desenvolver o compromisso da evangelização de modo interdisciplinar e inclusivo” (*Evangelii Gaudium*, n. 134). Mesmo em contextos desafiadores, essas instituições têm a missão de conjugar a tarefa educativa com o anúncio explícito do Evangelho, contribuindo

do para a evangelização da cultura e oferecendo respostas novas e criativas aos desafios do nosso tempo.

114. Por isso, o anúncio do Evangelho deve impregnar as práticas pedagógicas, inspirar os projetos formativos, sustentar a convivência e configurar a própria cultura institucional, de modo que a fé cristã ilumine a elaboração crítica do saber, o desenvolvimento ético dos estudantes e a transformação pessoal e social.
115. Como indica o *Diretório para a Catequese* (2020), a educação religiosa, integrada na missão educativa, “é um precioso contributo para o projeto educativo da escola, porque a dimensão religiosa é intrínseca ao fato cultural e contribui para a formação global da pessoa” (*Diretório para a Catequese*, n. 314). Evangelizar na escola, portanto, é promover uma síntese viva entre fé, cultura e vida, favorecendo um amadurecimento integral que torne cada estudante protagonista da própria história de fé e de serviço à sociedade.
116. A pastoralidade, nesse horizonte, deve favorecer a recepção do anúncio e a resposta ativa: suscitar nos estudantes a adesão pessoal a Cristo e envolvê-los na missão da Igreja. Como nos lembrou o Papa Francisco, “em virtude do batismo, cada membro do povo de Deus tornou-se discípulo missionário” (*Evangelii Gaudium*, n. 120). Assim, evangelizar, no contexto educativo, é, em última instância, “tornar o Reino de Deus presente no mundo” (*Diretório para a Catequese*, n. 319), formando homens e mulheres novos, capazes de serem sinais de esperança e construtores de uma nova civilização do amor.

A afirmação da identidade católica

117. A ação pastoral deve sustentar e testemunhar, de modo explícito e coerente, a identidade católica da instituição educacional. A identidade confessional, que não se reduz a símbolos ou a práticas isoladas, mas perpassa todo o projeto educativo, garante que a inspiração cristã esteja presente nas finalidades, nos métodos, nos conteúdos e nas relações institucionais. Trata-se de uma identidade dinâmica, que se renova à luz do Evangelho e dialoga com a realidade sem perder a raiz. Igualmente, não pode ser reduzida a um conjunto de requisitos formais, mas deve ser reconhecida e acolhida como parte viva do projeto educativo.
118. Portanto, a pastoralidade deve atuar como força propulsora da identidade católica, promovendo compreensão, atualização e encarnação na vida da comunidade educativa. Para isso, é necessário que a ação pastoral esteja articulada com o projeto pedagógico-institucional, o que contribui para que todas as dimensões da vida escolar – acadêmica, administrativa, comunitária e formativa – reflitam, de maneira integrada, os princípios da fé cristã.

119. A pastoral não é um setor isolado, mas uma presença transversal, capaz de inspirar uma cultura institucional centrada em Jesus Cristo, na dignidade humana, na solidariedade, na busca da verdade e no compromisso com a transformação social à luz do Evangelho. Em um tempo de relativismos e fragmentações, cuidar da identidade católica é oferecer aos estudantes e educadores um horizonte de sentido sólido, capaz de sustentar a liberdade interior, o discernimento crítico e a responsabilidade ética diante do mundo.
120. Ao mesmo tempo, uma instituição católica, fiel à identidade, é chamada a promover o diálogo inter-religioso e intercultural como expressão da própria tradição. Inspirada pelo Evangelho e orientada pelo Magistério da Igreja, a escola católica não afirma uma identidade em oposição aos outros, mas em relação de respeito, escuta e convivência. O reconhecimento da dignidade de cada pessoa, da liberdade religiosa e da pluralidade de expressões culturais integra o testemunho cristão no ambiente educativo. Assim, o diálogo não enfraquece a identidade católica. Ao contrário, confirma-a como uma presença confiante, que evangeliza por meio da convivência, do serviço e da busca conjunta pela verdade.

Fomentar o espírito eclesial e os valores cristãos na comunidade educativa

121. A pastoralidade é chamada a formar comunidades marcadas pela comunhão eclesial e pela vivência dos valores evangélicos. As escolas católicas, como expressões da missão da Igreja, devem ser reconhecidas como verdadeiras comunidades de fé, esperança e caridade. O espírito eclesial — de unidade, participação, serviço e missionariedade — deve ser cultivado cotidianamente nas relações entre estudantes, educadores, gestores e famílias, impregnando a vida institucional com a lógica do Evangelho.
122. A Constituição *Lumen Gentium* recorda que “a Igreja é, em Cristo, como que o sacramento, ou o sinal e instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o gênero humano” (n. 1). Essa dimensão sacramental da Igreja convida a comunidade educativa a ser, também, sinal visível e operante de comunhão: um espaço onde as diferenças não geram divisão, mas enriquecem a experiência comunitária; onde a autoridade se exerce como serviço; e onde a missão de educar se realiza na corresponsabilidade de todos.
123. Formar comunidades eclesiais, no ambiente educativo, implica, portanto, educar para a participação ativa na vida comunitária, para a responsabilidade compartilhada e para a vivência concreta da fraternidade cristã. Como ensina o *Diretório para a Catequese* de 2020, “a escola católica [...] tem como ponto de referência a Igreja particular, em relação à qual não é um corpo estranho. Por isso, não se pode excluir ou marginalizar nem a sua identidade católica nem o seu papel na evangelização” (n. 298).

124. Além disso, cabe reconhecer que muitas crianças, muitos jovens e muitas famílias que frequentam as escolas católicas estão desconectados da vida paroquial e da prática comunitária da fé. As escolas católicas, ao promoverem uma pastoral viva e consistente, podem tornar-se um caminho privilegiado de reaproximação com a Igreja, ao oferecer a essas pessoas um ambiente de acolhimento, encontro e redescoberta da fé. Um dos objetivos essenciais da pastoralidade é criar comunidade e alimentar o sentido de pertença à Igreja, permitindo que a escola se configure como uma verdadeira “casa e escola de comunhão”.
125. Para isso, é necessário favorecer práticas pastorais que integrem a oração comunitária, a escuta da Palavra, a partilha da vida e o serviço solidário, de modo que estudantes e educadores se reconheçam como parte viva de uma Igreja em caminho. Assim, a comunidade educativa se converte em verdadeiro ambiente de iniciação à vida cristã, onde o espírito de comunhão e missão é aprendido, vivido e celebrado no cotidiano.

O fortalecimento da Igreja

126. As instituições educacionais católicas, ao formarem discípulos missionários, contribuem decisivamente para o fortalecimento da vida e da missão da Igreja. A educação da fé, a maturação vocacional, o compromisso social inspirado no Evangelho e a inserção comunitária dos estudantes e educadores fortalecem o testemunho da Igreja no mundo, renovando a capacidade de presença e diálogo nas transformações culturais contemporâneas.
127. O *Documento de Aparecida* recorda que “a educação católica é instrumento privilegiado de formação de discípulos missionários” (n. 337). Isso reforça que a missão educativa é serviço à sociedade como parte essencial da missão evangelizadora da Igreja. Assim, a ação pastoral, na medida em que se ocupa do crescimento pessoal dos indivíduos, fomenta, também, a vitalidade da comunidade eclesial, o que torna a instituição um verdadeiro espaço de iniciação, formação e envio para a vida cristã.
128. O *Diretório para a Catequese* reforça essa missão ao afirmar que “a escola católica é sujeito eclesial, que torna visível a missão da Igreja, sobretudo nos campos da educação e da cultura” (n. 311). Essa compreensão exige que as instituições educativas católicas sejam vistas como comunidades evangelizadoras, em estreita ligação com a Igreja particular (dioceses) e plenamente inseridas no dinamismo missionário e pastoral da Igreja local e universal.
129. A escola católica, conforme ensina *A Escola Católica* (1977), “é centro em que se elabora e se transmite uma concepção específica do homem e da história” (n. 8), iluminada pela fé e voltada para o crescimento integral da pessoa humana em

Cristo. Essa tarefa implica animar toda a vida escolar pelo espírito evangélico, de modo que “toda a cultura humana seja ordenada segundo a mensagem da salvação” (*Gravissimum Educationis*, n. 8).

130. O fortalecimento da Igreja pela ação educativa se dá também pela formação de comunidades escolares animadas pela comunhão eclesial, pela fidelidade ao Magistério e pela participação ativa na vida pastoral, como sublinha o *Diretório para a Catequese*, “da identidade católica emergem os traços de originalidade da escola, que se estrutura como sujeito eclesial, lugar de autêntica e específica ação pastoral” (*Diretório para a Catequese*, n. 311). Essa perspectiva exige o envolvimento consciente dos educadores, dos estudantes e das famílias, de modo que toda a comunidade educativa se reconheça corresponsável pela missão evangelizadora que lhe é confiada.
131. Portanto, as instituições educacionais católicas, ao integrarem fé, cultura e vida nos projetos pedagógicos e pastorais, ao favorecerem a formação integral dos estudantes e ao promoverem a síntese entre fé vivida e cultura assimilada, tornam-se instrumentos vivos da renovação missionária da Igreja no mundo contemporâneo.

A formação integral da pessoa humana

132. A Pastoral Escolar devem contribuir decisivamente para a formação integral da pessoa humana, em todas as dimensões: intelectual, afetiva, espiritual, social, cultural e ética. A missão educativa da Igreja visa formar seres humanos completos, capazes de integrar fé e vida, razão e coração, liberdade e responsabilidade.
133. Educação e evangelização não se contrapõem: a verdadeira educação católica integra ambas em um projeto único de crescimento e plenitude. Como afirma a Declaração *Gravissimum Educationis*, “uma verdadeira educação visa à formação da pessoa humana em vista do seu fim último e ao bem das sociedades, das quais o homem é membro e nas quais, no exercício das suas tarefas, terá, uma vez adulto, direitos e deveres” (n. 1).
134. A formação integral busca, portanto, preparar o estudante para o mercado de trabalho e para o sucesso pessoal, mas também – e sobretudo – para o testemunho ético, a participação social, a abertura ao transcendente e a busca sincera da verdade e do bem. O *Pacto Educativo Global*, convocado pelo Papa Francisco, insiste vigorosamente nessa visão ao propor que a educação “integre todas as linguagens da pessoa: cabeça, coração e mãos” (Mensagem do Papa Francisco para o lançamento do Pacto Educativo Global, 2019). Isso significa educar para o pensamento crítico e criativo (cabeça), para a sensibilidade afetiva e a maturidade interior (coração) e para a ação responsável e solidária (mãos).

135. Retomando a metáfora do “bunker”, usada pelo Papa Francisco na *Christus Vivit*, tem-se que a pastoralidade, para não ficar reduzida ao espaço da instrução religiosa ou de uma apologética estéril que não ajuda os jovens na formação da sua fé, deve se empenhar em formar jovens fortes, integrados, protagonistas, capazes de dialogar com a cultura contemporânea sem medo, cultivando uma fé viva e uma busca corajosa de sentido para suas vidas. A pastoral, assim, é desafiada a combater a tentação de oferecer respostas banais ou superficiais às grandes questões humanas, promovendo, em vez disso, a coragem da busca, a abertura ao mistério e a capacidade crítica diante dos modelos efêmeros e consumistas de vida.
136. A pastoralidade, nesse contexto, é o fermento que potencializa a formação integral. Ela introduz, no processo educativo, o olhar da fé, a dimensão da esperança cristã e a experiência do amor de Deus, sem os quais qualquer formação humana permanece incompleta. A pastoral deve assegurar que a formação oferecida pelas instituições católicas cultive a unidade entre fé e cultura, promovendo a síntese vital entre saber e crer, agir e contemplar, ser e conviver.
137. Assim, a formação integral, iluminada pela fé, prepara as novas gerações para serem testemunhas autênticas do Evangelho no meio da sociedade, agentes de transformação inspirados pelos valores do Reino de Deus. Trata-se de formar pessoas livres e solidárias, inteligentes e compassivas, críticas e responsáveis, abertas à transcendência e comprometidas com a construção de um mundo mais humano, mais justo e mais belo.

5. Dimensões da ação pastoral nas instituições educacionais católicas

138. A pastoralidade, para ser efetiva e integral, deve se expressar em diversas dimensões complementares, que refletem a riqueza da vida cristã e as múltiplas necessidades da formação humana. Cada dimensão da ação pastoral se articula em torno de aspectos essenciais da experiência da fé e da missão educativa da Igreja. Assim, a presença pastoral, nas instituições educacionais católicas, se desenvolve, de modo particular, nas dimensões descritas a seguir.

Dimensões da ação pastoral nas instituições educacionais católicas



Dimensão celebrativa e mística



Dimensão formativa e catequética



Dimensão sociotransformadora



Dimensão artístico-cultural

Dimensão celebrativa e mística

139. A dimensão celebrativa e mística da pastoralidade reconhece que o encontro com Deus é o centro e a fonte de toda ação evangelizadora. Sem a oração, sem a celebração da fé e sem o contato com o mistério, a ação educativa corre o risco de reduzir-se à mera atividade técnica ou ideológica, desconectada da verdadeira finalidade de promover a vida plena em Cristo. Como lembrava o Papa Francisco, “a evangelização com espírito é muito diferente de um conjunto de tarefas vividas como uma obrigação pesada que simplesmente se tolera” (*Evangelii Gaudium*, n. 261).
140. Nesta dimensão, a pastoral promove momentos litúrgicos, celebrações comunitárias e espaços de interioridade que introduzem estudantes, educadores e famílias na experiência viva do mistério de Cristo. Celebrações eucarísticas, momentos de oração comunitária, retiros espirituais, leitura orante da Palavra (*lectio divina*) e práticas de mística cotidiana são expressões concretas deste esforço de enraizar a vida acadêmica e comunitária na fonte da fé.
141. É fundamental valorizar momentos de oração antes de eventos e reuniões institucionais, ainda que breves, pois eles ajudam a demarcar a identidade cristã da instituição, recordam a presença de Deus na vida comunitária e favorecem a formação espiritual contínua. Sempre que possível, a oração deve privilegiar a escuta da Palavra de Deus, que ilumina as atividades e fortalece a consciência da missão educativa. A celebração dos tempos fortes do Ano Litúrgico — como Advento, Natal, Quaresma, Páscoa e Pentecostes — insere a comunidade educativa no ritmo da vida cristã, permitindo que a formação se enriqueça com a riqueza espiritual do calendário eclesial.
142. As celebrações e os ritos devem ser sensíveis às experiências existenciais dos estudantes e educadores, acolhendo alegrias, dores, esperanças e desafios, para que a fé se torne significativa no cotidiano e ajude a iluminar o sentido da vida.

Quando realizadas celebrações sacramentais, é essencial que sigam fielmente as normas litúrgicas, garantindo a autenticidade dos ritos e preservando a dignidade do mistério celebrado. Ao mesmo tempo, a criatividade é um recurso valioso na pastoralidade celebrativa, pois favorece a proposição de momentos de espiritualidade que, sem perder a sobriedade, possam dialogar com as diversas sensibilidades da comunidade educativa — como vigílias, círculos de oração, caminhadas orantes ou oficinas de espiritualidade.

143. As escolas católicas, ao favorecerem a celebração e a interiorização da fé, criam condições para que a dimensão transcendente da existência humana seja reconhecida, cultivada e integrada ao processo formativo. Neste ambiente, a fé é apresentada como o coração que anima o percurso educativo, iluminando o saber, inspirando a convivência e alimentando a esperança.

Dimensão formativa e catequética

144. A formação na fé é uma dimensão essencial da missão pastoralidade. Sem o amadurecimento da fé, a evangelização permanece incompleta. A dimensão formativa e catequética, portanto, busca oferecer uma educação sistemática, progressiva e vital na fé, que ajude estudantes e educadores a conhecerem, compreenderem e viverem os conteúdos do Evangelho e da tradição cristã. Essa formação integra programas de formação teológica, ética e espiritual; itinerários catequéticos adaptados às diferentes idades e aos contextos; preparação para os sacramentos (quando aplicável); reflexões sobre a vida cristã e o desenvolvimento de um pensamento crítico iluminado pela fé. Trata-se de formar para a vida nova em Cristo, educando no amor, na liberdade interior e no compromisso com o Reino de Deus.
145. Dentro deste horizonte, é importante distinguir o Ensino Religioso escolar da catequese propriamente dita. O Ensino Religioso, previsto nas diretrizes educacionais brasileiras, é um componente curricular que aborda o fenômeno religioso de forma sistemática, plural e crítica, contribuindo para a formação integral dos estudantes e promovendo o respeito à diversidade de crenças. A catequese, por sua vez, é uma ação eclesial voltada à iniciação e ao amadurecimento da fé cristã, no seio da comunidade eclesial e pressupõe a adesão pessoal. São realidades distintas e complementares. Enquanto o Ensino Religioso se insere no campo da formação cultural e do diálogo entre saberes, a catequese introduz a pessoa no mistério da fé e na vida da Igreja. É fundamental respeitar essa distinção para garantir tanto a fidelidade à missão evangelizadora da Igreja quanto o cumprimento da legislação educacional brasileira. Na escola católica, o diálogo entre o Ensino Religioso e a Pastoral Escolar enriquece o projeto educativo, sem que se confundam suas finalidades e naturezas.

146. A formação na fé, no contexto educativo, é mais que uma simples instrução doutrinal. A *Evangelii Gaudium* lembra que “não seria correto interpretar o chamado ao crescimento na fé apenas como formação doutrinal. Trata-se de ‘cumprir’ aquilo que o Senhor nos indicou como resposta ao seu amor, sobressaindo, junto com todas as virtudes, aquele mandamento novo que é o primeiro, o maior, o que melhor nos identifica como discípulos: ‘É este o meu mandamento: que vos ameis uns aos outros como Eu vos amei’” (n. 161). A verdadeira formação implica tomar a sério o projeto de Deus para cada pessoa, formando para o amor, a solidariedade e a maturidade cristã. O primeiro anúncio (querigma) deve estar sempre no centro da ação pastoral: “Jesus Cristo ama-te, deu a sua vida para te salvar, e agora vive contigo todos os dias para te iluminar, fortalecer e libertar” (n. 164).
147. A formação catequética deve ser querigmática, mistagógica e progressiva. Querigmática, porque o primeiro anúncio deve ressoar constantemente e iluminar todo o processo formativo. Mistagógica, porque é preciso introduzir os estudantes, de maneira progressiva e experiencial, no mistério de Cristo, da Igreja e dos sacramentos, valorizando a força pedagógica dos sinais litúrgicos e da vida comunitária. Progressiva, porque respeita os ritmos do amadurecimento espiritual, conduzindo, de maneira paciente e profunda, à plena vida em Cristo.
148. Para integrar, de maneira efetiva, a dimensão formativa e catequética, as instituições educacionais católicas devem considerar que a formação da fé deve estar organicamente conectada ao projeto pedagógico e pastoral da escola, respeitando a diversidade de contextos e orientações da Igreja local. No que diz respeito à catequese propriamente dita, é importante recordar que não existe uma norma universal que obrigue ou proíba a realização dela no ambiente escolar: trata-se de uma possibilidade pastoral que deve ser avaliada à luz das disposições da Igreja local. Onde houver a oferta de itinerários catequéticos nas instituições de ensino, eles devem ser integrados, de maneira harmoniosa, com a pastoral da paróquia ou da Diocese, respeitando as diretrizes estabelecidas pelo plano catequético diocesano, garantindo a unidade e a continuidade da formação na fé.
149. Entretanto, essa formação não se limita aos itinerários sacramentais. Ela é sempre mais ampla e pode ser promovida por meio de propostas formativas diversificadas, como grupos de reflexão, oficinas de leitura orante da Palavra, jornadas de espiritualidade, projetos interdisciplinares que integrem fé e cultura, e espaços de diálogo sobre ética, cidadania e vocação. Além disso, a organização de encontros periódicos para educadores, estudantes e famílias sobre fundamentos da fé e valores evangélicos fortalece o caráter educativo e missionário da instituição.

Dimensão sociotransformadora

150. A dimensão sociotransformadora da pastoralidade enraíza-se na convicção de que a fé cristã deve gerar compromisso concreto com a justiça, a solidariedade e a dignidade humana. A opção preferencial pelos pobres, como ensina o *Documento de Aparecida*, é intrínseca à fé cristológica (n. 391-398) e deve ser incorporada, de modo transversal, à ação educativa. A fé, como ensina a Igreja, projeta-se na vida pública, inspirando atitudes de compaixão ativa, de responsabilidade social e de compromisso com a transformação do mundo segundo os valores do Reino de Deus.
151. Projetos de voluntariado, campanhas de solidariedade, programas de educação para os direitos humanos, ações de cuidado com a Casa Comum e inserções sociais em realidades de vulnerabilidade são expressões concretas desta dimensão. No entanto, é preciso cuidar para que tais ações não sejam pontuais ou assistencialistas, mas ajudem a formar uma consciência crítica, lúcida e solidária, capaz de ler os sinais dos tempos à luz do Evangelho, discernindo as injustiças estruturais e assumindo responsabilidades efetivas na construção de uma sociedade mais justa, fraterna e sustentável.
152. A Pastoral Escolar devem fomentar, assim, uma espiritualidade da ação, que vê em cada gesto de serviço uma participação na missão salvífica de Cristo e um testemunho profético da esperança cristã. Essa espiritualidade une oração e compromisso, fé e vida, contemplação e transformação social. Como recordou o Papa Francisco na *Evangelii Gaudium*, “uma fé autêntica – que nunca é cômoda nem individualista – comporta sempre um profundo desejo de mudar o mundo, transmitir valores, deixar a terra um pouco melhor depois da nossa passagem por ela. Amamos este magnífico planeta, onde Deus nos colocou, e amamos a humanidade que o habita, com todos os seus dramas e cansaços, com os seus anseios e esperanças, com os seus valores e fragilidades” (n. 183).
153. Dessa forma, as instituições educacionais católicas são chamadas a formar estudantes e educadores que sejam bons profissionais e cidadãos conscientes, discípulos-missionários que, impulsionados pela fé, se engajam na promoção da justiça social, no respeito à dignidade de cada pessoa e na defesa da vida em todas as dimensões. A educação integral, iluminada pela fé, implica educar para a compaixão ativa, para a cidadania crítica e para a construção coletiva de uma sociedade mais humana e reconciliada.

Dimensão artístico-cultural

154. A fé cristã sempre encontrou, no campo das artes e da cultura, formas privilegiadas de expressão e comunicação. Desde os primeiros séculos, a Igreja soube dialogar com a criatividade humana, reconhecendo nas linguagens artísticas um caminho singular para o anúncio do Evangelho e para a manifestação da beleza da fé. A dimensão artístico-cultural da pastoralidade reconhece que a beleza é um caminho privilegiado para o encontro com Deus, conforme afirmou Bento XVI: “a beleza é o esplendor da verdade e do bem”⁵.
155. Nessa perspectiva, a pastoral promove a arte como expressão da experiência de fé, da busca de sentido e da alegria de viver. Música, teatro, literatura, dança, pintura, cinema, circo e outras manifestações culturais são valorizadas como linguagens que educam o sensível, abrem à transcendência e promovem o diálogo entre a fé e a cultura. Como recordou o Papa Francisco, a literatura e as artes “descobrem os abismos que habitam o homem”, oferecendo caminhos de acesso à experiência do mistério e tornando possível um diálogo fecundo entre o Evangelho e a cultura de cada tempo⁶.
156. Assim, projetos artísticos, festivais culturais, oficinas de expressão criativa e mostras de arte religiosa podem ser meios eficazes para integrar essa dimensão no cotidiano escolar. Essas expressões artísticas são modos de educar a sensibilidade, de cultivar a dimensão estética da fé e de favorecer uma evangelização que fala ao coração, à inteligência e à imaginação.
157. A dimensão artístico-cultural da pastoralidade, portanto, é parte integrante da missão de formar pessoas capazes de reconhecer a beleza como expressão da verdade e do bem, de dialogar com as culturas e de testemunhar a fé com criatividade, sensibilidade e profundidade. Integrar arte e fé é, também, educar para a esperança, para a abertura ao outro e para a busca do infinito que habita o coração humano.

6. Maria, mãe educadora: exemplo e paradigma

158. Maria, a mãe de Jesus, é um modelo luminoso de educadora e evangelizadora para a Igreja e para todas as instituições educacionais católicas. A vida simples e profunda dela revela uma verdadeira pedagogia do cuidado, da escuta e do

⁵ cf. Mensagem para o Encontro de Artistas, 2009

⁶ cf. Carta sobre a Literatura, 2023, n. 13

acompanhamento, profundamente enraizada na fé, na esperança e na caridade. Como primeira discípula de Cristo, Maria ensina que educar é, antes de tudo, gerar vida, cuidar dos processos silenciosos de amadurecimento e confiar no tempo de Deus.

159. A pedagogia de Maria é marcada pela atenção amorosa aos sinais de Deus na história, pela escuta atenta das realidades humanas e pela capacidade de acompanhar, com paciência e ternura, os processos de crescimento. Desde a anunciação até a vida pública de Jesus, Maria se coloca como presença firme e discreta, que sustenta, orienta e impulsiona sem jamais substituir o protagonismo do estudante. No episódio das Bodas de Caná (cf. Jo 2,1-11), Maria revela o olhar sensível às necessidades concretas e a fé confiante no agir de Deus, antecipando o tempo do ministério do Filho e ensinando-nos a provocar, com sabedoria e responsabilidade, os momentos de maturação e entrega.
160. O *Magnificat* (cf. Lc 1,46-55) é expressão de uma pedagogia que integra fé e justiça, espiritualidade e compromisso social, gratidão e esperança transformadora. Maria educa para o louvor e para o serviço, para a confiança no Deus que “derruba os poderosos de seus tronos e eleva os humildes” (Lc 1,52), ensinando-nos que a verdadeira educação cristã forma corações livres, humildes e abertos à missão.
161. Para os educadores e evangelizadores, Maria é exemplo de uma escuta atenta, capaz de acolher tanto a Palavra de Deus quanto a dos outros, sem precipitação nem julgamento. Ela inspira um acompanhamento paciente, que respeita os ritmos de crescimento e promove a liberdade responsável, e uma presença discreta e eficaz, que sustenta, inspira e fortalece sem jamais controlar ou dominar. Maria testemunha uma fé operosa, que transforma o amor em serviço concreto e a esperança em gestos de cuidado e solidariedade. A coragem profética dela ensina a ler os sinais dos tempos e a agir com ousadia quando necessário, sempre confiando na ação silenciosa e fecunda do Espírito Santo.
162. A pastoralidade, inspirando-se em Maria, é chamada a assumir essa pedagogia do cuidado e da esperança, educando para a liberdade no Espírito, para a escuta da Palavra e para o compromisso com a transformação do mundo. Seguindo o exemplo da mãe educadora, as instituições educacionais católicas podem formar novas gerações capazes de integrar fé e vida, cultura e transcendência, esperança e responsabilidade.

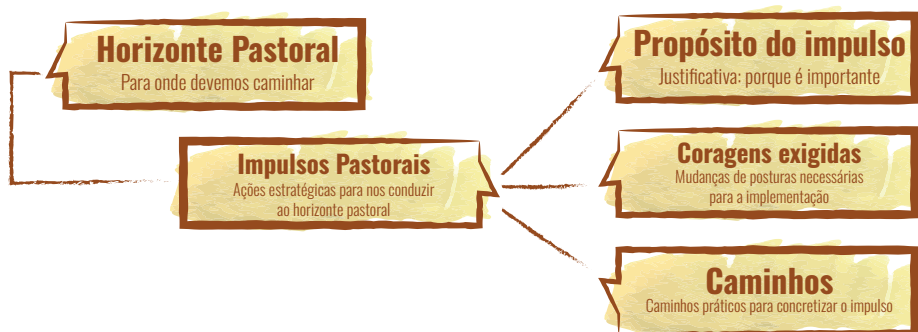


Linhas de Ação Pastoral

O que são as linhas de ação e como elas devem orientar o trabalho das instituições educacionais

163. As Linhas de Ação Pastoral foram concebidas para oferecer orientações consistentes e inspiradoras às instituições educacionais católicas do Brasil, no exercício da missão evangelizadora. Elas constituem direcionamentos estratégicos e pastorais que respeitam a diversidade de realidades locais e a autonomia pedagógica e pastoral de cada escola. O objetivo é fortalecer a identidade da educação católica no país, criando uma linguagem comum que expresse o caráter evangelizador das nossas instituições com vigor, criatividade e fidelidade.
164. As Linhas de Ação Pastoral propõem um caminho de articulação entre a tradição viva da Igreja, os desafios do mundo contemporâneo e a prática concreta das comunidades educativas. Elas servem como referência para o discernimento, a criatividade e o planejamento pedagógico-pastoral de cada instituição, ajudando a assegurar que o trabalho educativo-pastoral esteja profundamente enraizado na identidade católica, aberto ao diálogo com a realidade e o comprometido com a formação integral da pessoa humana à luz do Evangelho.
165. Ao aplicar as Linhas de Ação Pastoral, cada instituição é chamada a fazer um discernimento atento da realidade, dialogando com a própria história, a comunidade, os contextos culturais e sociais, para adaptar os impulsos pastorais às possibilidades e necessidades específicas.

Linhas de ação pastoral



Como estão organizadas as Linhas de Ação Pastoral

166. As Linhas de Ação Pastoral estão organizadas de maneira articulada em dois níveis.

- **Horizontes:** são os grandes eixos norteadores do trabalho pastoral, que funcionam como metas amplas e inspiradoras. Cada horizonte indica um aspecto que deve ser perseguido para a vitalidade e o crescimento da pastoralidade.
- **Impulsos:** dentro de cada horizonte, são apresentados impulsos concretos de ação, que representam caminhos objetivos para dinamizar a pastoral em direção às metas propostas. Cada impulso é estruturado em três elementos:
 - **propósito:** apresenta a justificativa e a fundamentação do impulso, esclarecendo a importância para a missão educativa e evangelizadora;
 - **coragens:** identifica as mudanças de mentalidade, práticas e estruturas que precisam ser assumidas para que o impulso se realize de maneira efetiva. É um convite à conversão pastoral;
 - **caminhos:** propõe caminhos práticos, ações e iniciativas que podem ser desenvolvidas pelas instituições para concretizar o impulso na realidade.

Os horizontes orientadores da ação pastoral



Horizonte 1: Identidade sólida

167. Nos últimos tempos, a questão da identidade tem ressurgido com força, impulsionada por questionamentos sobre o real posicionamento das instituições educacionais católicas. Em muitos casos, observa-se a existência de um “verniz” confessional⁷, em que a identidade católica se restringe à aparência, sem influenciar, de forma significativa, a dinâmica institucional e a vivência cotidiana. Diante desse cenário, a identidade se torna uma questão estratégica, capaz de fortalecer a presença e o trabalho das escolas católicas na sociedade.
168. Fortalecer a identidade confessional é uma estratégia para garantir a finalidade da instituição e fortalecê-la. Por isso, é considerado o primeiro horizonte pastoral que as instituições educacionais devem perseguir. A pastoral tem um papel central nesse processo, ajudando as escolas a se reconhecerem como espaços eclesiais relevantes e a se conectarem a um projeto eclesial mais amplo, vinculado às igrejas locais.
169. A identidade confessional precisa ser, também, uma preocupação dos gestores administrativos e pedagógicos que devem preservar, promover e gerenciar a identidade institucional. É missão garantir que a missão educativa católica não seja fragmentada ou diluída diante das pressões do mercado e das exigências burocráticas. Nesse sentido, a pastoralidade tem um papel fundamental na identidade institucional. Ela é ao mesmo tempo espelho, vitrine e guardiã da identidade confessional. Como espelho, reflete para a própria instituição aquilo que ela realmente é, ajudando-a a manter coerência entre discurso e prática. Como vitrine, torna visível para famílias e estudantes a confessionalidade da instituição, revelando a essência e o propósito. E, como guardiã, é a referência constante em meio às demandas do cotidiano, lembrando sempre qual é a finalidade última de uma escola católica: formar integralmente o ser humano e evangelizar por meio da educação.
170. Para alcançar esse horizonte de identidade sólida, é fundamental impulsionar iniciativas que consolidem a pastoralidade como área estratégica da instituição,

7 Na *Evangelii Nuntiandi*, São Paulo VI alertava: “Poder-se-ia exprimir tudo isto dizendo: importa evangelizar, não de maneira decorativa, como que aplicando um verniz superficial, mas de maneira vital, em profundidade e isto até às suas raízes, a civilização e as culturas do homem, no sentido pleno e amplo que estes termos têm na Constituição *Gaudium et Spes*, (50) a partir sempre da pessoa e fazendo continuamente apelo para as relações das pessoas entre si e com Deus. O Evangelho, e consequentemente a evangelização, não se identificam por certo com a cultura, e são independentes em relação a todas as culturas. No entanto, o reino que o Evangelho anuncia é vivido por homens profundamente ligados a uma determinada cultura, e a edificação do reino não pode deixar de servir-se de elementos da civilização e das culturas humanas. O Evangelho e a evangelização independentes em relação às culturas não são, necessariamente, incompatíveis com elas, mas suscetíveis de impregná-las a todas sem se escrivar nenhuma delas. A ruptura entre o Evangelho e a cultura é, sem dúvida, o drama da nossa época, como o foi também de outras épocas. Assim, importa envidar todos os esforços no sentido de uma generosa evangelização da cultura, ou mais exatamente das culturas. Essas devem ser regeneradas mediante o impacto da Boa Nova, mas um tal encontro não virá a dar-se se a Boa Nova não for proclamada”.

assegurando a inserção nos processos de gestão e tomada de decisão. A própria gestão pastoral deve ser aprimorada com planejamento sistemático, registros e avaliação de impacto. Além disso, a integração com a Igreja local e universal promove um senso profundo de pertencimento e missão, enquanto o trabalho em rede entre instituições da mesma mantenedora fortalece a identidade confessional compartilhada. A comunicação estratégica deve visibilizar a pastoralidade, destacando o papel central dela na vivência cristã dentro da instituição. Por fim, garantir que todos os setores estejam alinhados com os princípios da identidade confessional reforça a corresponsabilidade na missão evangelizadora, de forma a assegurar que cada ação reflita os valores e a visão da educação católica.



Horizonte 2: Integração pedagógico-pastoral

171. Por muito tempo, a pastoral foi considerada um complemento da escola, funcionando como uma dimensão autônoma e desvinculada do núcleo pedagógico. Enquanto a pastoral se ocupava da dimensão religiosa, o pedagógico assumia a responsabilidade pela formação acadêmica. Essa separação gerou, ao longo do tempo, um distanciamento entre as duas áreas e fomentou uma cultura de terceirização da missão evangelizadora. No entanto, todos os documentos da Igreja sobre educação são unânimes em afirmar a necessidade de uma formação integral, sustentada pelo princípio de que a escola católica evangeliza educando e educa evangelizando.
172. Diante desse cenário, torna-se imprescindível que as instituições educacionais católicas avancem rumo a uma integração efetiva entre as dimensões pedagógica e pastoral, superando dicotomias e polarizações que comprometem a identidade e a missão da escola. Essa integração não significa sobrepor a pastoral ao pedagógico ou diluir a identidade confessional da escola em uma abordagem genérica de valores. Pelo contrário, trata-se de reconhecer que a identidade católica deve permear toda a experiência educativa, manifestando-se de forma orgânica no projeto pedagógico, no currículo escolar e na vivência cotidiana da comunidade educativa.
173. O ponto de convergência entre a pedagogia e a pastoral na escola católica está no Currículo Evangelizador, no qual se expressam as concepções de ser humano, de conhecimento e de aprendizagem que orientam o projeto educativo. Por isso, o currículo prevê os objetos de conhecimento, as metodologias de ensino, o processo avaliativo e as ofertas de atividades extracurriculares. Segundo o número 18 da instrução do Dicastério para a Cultura e a Educação, A identidade da escola católica para uma cultura do diálogo, “o que define a identidade da escola católica é a sua referência à verdadeira concepção cristã da realidade”. Se o currículo é a expressão dessa identidade, ele deve ser estruturado de modo

que os fundamentos da antropologia, da cosmologia, da ética e da epistemologia cristãs estejam contemplados de forma visível e perceptível.

174. Na prática, um currículo evangelizador se concretiza na transposição didático-pedagógica da fé. Isso significa articular os objetos de conhecimento definidos pela BNCC com os valores cristãos; escolher metodologias e abordagens didáticas que favoreçam o amadurecimento humano e o protagonismo do estudante; incorporar a mensagem do Evangelho, de forma orgânica, nas atividades curriculares e extracurriculares.
175. O currículo evangelizador envolve um processo de evangelização que se manifesta de duas formas: explícita e implícita. A evangelização explícita ocorre quando a escola aborda diretamente o que é próprio da tradição católica, como a Campanha da Fraternidade, a Páscoa, as festividades dos santos fundadores ou a celebração dos sacramentos. Essas atividades são elementos distintivos de uma escola católica e devem estar presentes no calendário formativo. Contudo, mais importante e eficaz é a evangelização implícita, que se dá de maneira sutil e cotidiana, permeando a transmissão dos valores cristãos no dia a dia escolar. Essa evangelização ocorre na forma como se lê e se interpreta os objetos de conhecimento, nas metodologias adotadas e na didática empregada. Valores cristãos, como amor universal, caridade, justiça social, bem comum, partilha, desapego dos bens materiais, verdade, perdão, cooperação, humildade e pureza de coração, devem ser cultivados no ambiente escolar e contemplados na prática pedagógica, no chão da sala de aula.
176. O currículo evangelizador, portanto, ultrapassa a dimensão acadêmica-científica e amplia a abrangência para incluir aprendizagens atitudinais, socioemocionais e espirituais. Essas aprendizagens podem ser chamadas de pastorais, pois expressam a vocação evangelizadora da escola e o compromisso com a formação integral do estudante.
177. Para que um currículo evangelizador seja efetivamente implementado, a escola precisa assumir alguns compromissos institucionais. O primeiro refere-se a revisar o projeto pedagógico e a matriz curricular, para identificar e demarcar as aprendizagens pastorais de forma estruturada. Nesse processo, é útil tornar evidente o perfil do egresso esperado para educadores e famílias, destacando as competências e habilidades pastorais que são desenvolvidas ao longo do percurso formativo. O segundo compromisso é o de garantir a formação e o envolvimento dos professores na vida pastoral da instituição. Para isso, será imprescindível capacitar professores e funcionários para compreenderem e aplicarem o currículo evangelizador, além de integrar os educadores à dinâmica pastoral da escola, para que sejam agentes ativos da identidade e da missão evangelizadora. Esses movimentos garantem que a evangelização, na escola católica, seja

um princípio estrutural que permeia todo o processo educativo, consolidando a identidade confessional da instituição e promovendo uma formação verdadeiramente integral.



Horizonte 3: Evangelização transformadora

178. O horizonte da evangelização transformadora busca reafirmar e fortalecer o caminho fecundo que as escolas católicas trilharam em todo o Brasil. Há uma riqueza imensa sendo vivida no cotidiano escolar: no anúncio do Reino, na vivência da fé que anima a caminhada educativa e na construção de comunidades que refletem os valores evangélicos. Este horizonte nos lembra que a evangelização na escola, diferente da evangelização paroquial, exige uma intencionalidade diferenciada.
179. Isso significa considerar, cuidadosamente, os interlocutores desse processo: estudantes, famílias e educadores. É essencial compreender a cultura, a linguagem e encontrar metodologias que aproximem o Evangelho da vida concreta dessas pessoas. Em um mundo saturado de ofertas midiáticas, de lazer e de entretenimento, a fé pode acabar se tornando apenas mais uma opção entre tantas outras. O diferencial está na forma como a apresentamos e testemunhamos.
180. As instituições educacionais católicas, pela identidade e missão, são autênticas comunidades de fé⁸. Isso implica um compromisso concreto com a educação da fé, que deve ir ao encontro da iniciação à fé cristã em perspectiva mistagógica, como ensina o Novo Diretório para a Catequese. A educação da fé, na escola católica, deve abranger o anúncio querigmático-catequético, que apresenta Jesus Cristo como o centro da vida e da história e a formação doutrinal e espiritual, fundamentada no Magistério da Igreja e aberta ao diálogo, com impacto real na vida dos estudantes e das famílias.
181. Vivemos em um tempo marcado por uma enorme oferta de espiritualidades, inclusive dentro do próprio catolicismo. São muitos os apelos ideológicos, midiáticos e comerciais que chegam aos estudantes e suas famílias, muitas vezes gerando confusão ou um sincretismo que enfraquece a fé. A escola católica deve ser um espaço de amadurecimento espiritual, que ajude os alunos a encontrarem uma experiência de fé autêntica, comunitária e bem fundamentada.
182. Nesse contexto, a formação religiosa oferecida pela escola precisa ser fiel à doutrina da Igreja, garantindo que os estudantes tenham contato com os fundamentos da fé cristã; sólida e bem estruturada, proporcionando um caminho formativo coerente e adaptado às necessidades do nosso tempo e conectada à

8 Cf. Documento de Aparecida, n. 312.

busca de sentido, ajudando os jovens a encontrarem respostas para as grandes questões da vida e da existência humana.

183. Nos últimos anos, a Pastoral Escolar têm se concentrado na vivência da espiritualidade, por meio de celebrações, momentos de oração e experiências religiosas, como retiros, encontros e grupos de espiritualidade. Esse esforço é essencial, mas deve ser complementado por uma experiência litúrgica e mística coerente com os desafios do nosso tempo. É necessário encontrar um equilíbrio, sem ceder aos modismos emocionalistas, que podem reduzir a fé a um sentimento passageiro ou a uma busca por experiências sensoriais superficiais e superando práticas meramente formalistas, que tornam a espiritualidade fria, distante e desconectada da vida.
184. A espiritualidade, na escola católica, deve ser pedagógica, ou seja, deve ensinar algo sobre Deus, sobre nós mesmos e sobre nossas relações com o mundo. O envolvimento das emoções, dos sentimentos e dos afetos é bem-vindo, desde que esteja integrado a um caminho formativo sólido e consciente dentro de uma perspectiva querigmática. Não podemos cair no risco do pensamento mágico ou fantástico, que reduz a fé a um instrumento utilitário ou a uma promessa de soluções imediatas. Para isso, a espiritualidade precisa estar ligada a uma catequese estruturada, que ajude os estudantes a compreenderem, de um lado, o quanto dependemos de Deus e, de outro, o quanto temos responsabilidade na obra de Deus, sendo chamados a colaborar ativamente na construção do Reino.
185. Essa espiritualidade encarnada, que integra fé e vida, deságua em uma das tarefas fundamentais da escola católica: o apoio aos estudantes na construção do projeto de vida. Na Educação Básica, o Projeto de Vida é um eixo pedagógico previsto na BNCC e ajuda os estudantes a se situarem em um mundo volátil, incerto, complexo e ambíguo que produz sujeitos frágeis, ansiosos e inconstantes. No entanto, a proposta da escola católica não pode se limitar à busca do sucesso pessoal e financeiro. O horizonte deve ser mais profundo e mais humano, fundamentado na busca pela felicidade genuína, inspirada nas Bem-Aventuranças, num projeto de vida orientado para o bem comum, e não apenas para realizações individuais e na dimensão vocacional da existência, reconhecendo que cada pessoa possui uma missão única no mundo. Em outras palavras, o projeto de vida do cristão é alcançar o fim último, ou seja, a santidade, a vocação universal a qual a escola católica está a serviço.
186. Atualmente, vivemos em uma sociedade que oferece múltiplas possibilidades profissionais, mas que, paradoxalmente, dá pouca importância à realização vocacional. Por isso, o Projeto de Vida em perspectiva de Pastoral Vocacional é tão necessário. Além de auxiliar os estudantes no discernimento, essa abordagem

também contribui para o fortalecimento das vocações dentro da Igreja, beneficiando tanto congregações religiosas quanto as dioceses.

187. Por fim, a evangelização transformadora, na escola católica, precisa envolver a família – especialmente na Educação Básica. Muitas famílias não acompanham de perto as atividades pastorais da escola, o que pode reforçar a percepção equivocada de que as escolas católicas estão perdendo a identidade confessional. Para evitar isso, é necessário dar visibilidade ao que a escola já faz, comunicar bem a identidade e a pastoral, mostrando às famílias que a evangelização está viva e presente; criar espaços concretos de envolvimento, pois a pastoral não pode ser uma ação vivida intramuros da escola. Ela precisa chegar até as famílias e integrá-las ao processo educativo, bem como oferecer formação para os pais, ajudando-os a aprofundar a vivência de fé e a compreender melhor o papel na educação espiritual dos filhos.
188. A família é parceira fundamental na formação espiritual dos estudantes. Muitas vezes, essa parceria exige acolhimento, orientação e catequese. A escola católica deve estar aberta para apoiar as famílias nesse caminho, criando projetos e iniciativas que favoreçam a participação ativa na missão evangelizadora.



Horizonte 4: Humanização solidária

189. O humanismo solidário é uma dimensão essencial da fé cristã e um dos pilares do trabalho desenvolvido pelas escolas católicas. De acordo com os documentos da Igreja, especialmente a *Populorum Progressio* e a *Gravissimum Educationis*, a humanização está no cerne da vocação da educação católica – é a contribuição para o mundo. Educar para o humanismo solidário significa integrar todas as aprendizagens, sejam elas cognitivas, pastorais, sociais, culturais, políticas ou éticas, ao desenvolvimento pleno da pessoa humana. A formação educacional deve abranger a multidimensionalidade do ser humano, garantindo que todas as suas faculdades sejam desenvolvidas de maneira equilibrada. Nesse sentido, a pastoralidade tem um papel fundamental, pois promove a integração dessas dimensões e articula a vida como um todo, ajudando na formação de indivíduos verdadeiramente humanos e solidários. Falar em horizonte da humanização solidária significa que as instituições educacionais católicas devem assumir um compromisso orgânico e estruturado com a promoção de aprendizagens humanísticas, superando abordagens fragmentadas.
190. A cultura contemporânea, muitas vezes, prega um individualismo exacerbado, um subjetivismo radical e o isolamento do indivíduo em relação ao mundo e aos outros. O narcisismo e o egocentrismo são cada vez mais normalizados, reduzindo a vida a um projeto pessoal de sucesso e bem-estar individual. No en-

tanto, a solidariedade não é inata; ela nasce de um processo formativo que leva à convicção de que “somos todos irmãos” (cf. Mt 23,8). Fraternidade e justiça social, frequentemente reduzidas a conceitos abstratos, devem se traduzir nas instituições educacionais católicas em práticas concretas que formem cidadãos comprometidos com o bem comum. O desafio, portanto, é tornar essa aprendizagem vivencial e significativa, para que os valores cristãos se tornem parte do modo de ser e agir dos estudantes.

191. O primeiro passo na direção da humanização solidária é garantir que a pastoralidade seja um verdadeiro espaço de acolhimento. A escola católica é um ambiente plural e diverso, que reúne pessoas de diferentes crenças, culturas e visões de mundo. A pastoral precisa testemunhar o acolhimento de Jesus, que não fazia acepção de pessoas, mas estendia a mão a todos. Essa perspectiva está profundamente alinhada com o Magistério do Papa Francisco, o qual reforça que a Igreja deve ser um espaço para “todos, todos, todos”⁹. Isso significa que, independentemente da fé, da condição social, da personalidade, da etnia ou da orientação sexual, todos devem ser acolhidos pela pastoralidade como são – isto é, como dom e graça de Deus para o mundo. Esse processo de acolhimento precisa ser estruturado e sistemático, e há diversas maneiras de concretizá-lo, seja por meio da direção espiritual e do aconselhamento, ao oferecer um espaço seguro para escuta e orientação, seja pelo acompanhamento vocacional, ao ajudar os estudantes a discernirem a missão na vida, seja por atitudes institucionais de acolhimento, garantindo que a escola seja um ambiente de hospitalidade e diálogo aberto. A pastoralidade deve garantir que as portas da escola estejam sempre abertas para todas as pessoas, criando um ambiente de pertencimento e cuidado e vencendo a tentação do proselitismo e do sectarismo.
192. Outro ponto essencial no horizonte da humanização solidária é o cuidado socioemocional, especialmente em um contexto pós-pandemia, onde enfrentamos uma verdadeira epidemia de depressão e ansiedade entre os jovens, além do *burnout* entre educadores e gestores. Infelizmente, essa realidade ainda não é levada a sério por muitas instituições. Diante disso, a pastoralidade tem o dever de impulsionar esse cuidado, articulando esforços com outros setores da escola. É urgente que a pastoral contribua para a criação de espaços de acolhimento e cuidado emocional, promovendo iniciativas que trabalhem o bem-estar psíquico e espiritual da comunidade escolar.
193. A pastoral também deve fortalecer e expandir o trabalho do voluntariado estudantil, uma iniciativa já consolidada em muitas redes de educação católica. O voluntariado é uma das maneiras mais eficazes de ensinar solidariedade na prática e ajudar os estudantes a vivenciarem a fé de maneira concreta. No entanto, esse trabalho não pode cair no assistencialismo, em que a ajuda ao outro se tor-

9 FRANCISCO. **Discurso na cerimônia de acolhimento da Jornada Mundial da Juventude**. Lisboa: Parque Eduardo VII, 3 ago. 2023.

na um mero gesto esporádico ou superficial. O voluntariado deve ser estruturado de tal forma que envolva aprendizagens sociais profundas, permitindo que os estudantes compreendam as realidades sociais e desenvolvam um compromisso genuíno com a justiça e a dignidade humana. Para isso, é fundamental que as instituições: estruturem bem os programas de voluntariado, garantindo impacto real e continuidade; ofereçam certificação e reconhecimento, valorizando o envolvimento dos estudantes; e façam do voluntariado uma estratégia pedagógica, alinhada à proposta formativa da escola, na perspectiva da metodologia da aprendizagem-serviço. Além de ser uma ferramenta poderosa de evangelização, o voluntariado também agrega valor à formação dos estudantes, preparando-os para uma vida comprometida com a construção de uma sociedade mais justa e fraterna.

194. Por fim, um aspecto fundamental da humanização solidária é a educação ecológica, que deve formar consciências, afetos e práticas voltadas para o cuidado com a Casa Comum. A insistência do Papa Francisco sobre esse tema não é à toa. Os cientistas, frequentemente, dizem que “não existe um plano B para a Terra”, o que reforça a urgência de uma educação ambiental sólida e transformadora. Apesar dessa importância, muitas escolas ainda tratam a educação ecológica de forma tímida. Em alguns casos, ela fica restrita às disciplinas da área de Ciências da Natureza, sem se refletir no projeto pedagógico da escola como um todo. A pastoralidade, guiada pelo Magistério do Papa Francisco, deve assumir um papel ativo na promoção da Ecologia Integral, garantindo que esse tema seja eixo norteador da formação humana e cristã no currículo e na pastoral.

HORIZONTE 1 **Identidade sólida**



1. Tornar a pastoralidade uma área estratégica da instituição
2. Aprimorar a gestão da pastoralidade
3. Cultivar o senso de pertencimento eclesial
4. Fomentar a organização do trabalho pastoral em rede
5. Visibilizar a identidade confessional por meio de uma comunicação estratégica
6. Garantir que todos os setores da instituição estejam alinhados

HORIZONTE 2 **Integração pedagógico-pastoral**

7. Implementar um currículo evangelizador que faça a transposição didático-pedagógica da fé
8. Envolver os educadores nas atividades pastorais como interlocutores e parceiros.



Linhas de ação pastoral da ANEC para para as escolas católicas



HORIZONTE 3 **Evangelização transformadora**

9. Explorar novas linguagens e metodologias do trabalho pastoral
10. Cuidar da educação da fé para a maturidade humana com zelo pelo anúncio querigmático, pelo cultivo da espiritualidade e pelo aprofundamento da doutrina cristã.
11. Incrementar o trabalho do projeto de vida com a perspectiva da pastoral vocacional.
12. Envolver as famílias nas atividades de evangelização

HORIZONTE 4 **Humanização solidária**



13. Promover o acolhimento a todas as pessoas da comunidade educativa
14. Estabelecer processos e atividades sistemáticas de cuidado sócio-emocional
15. Formar a dimensão sócio-transformadora da fé
16. Educar corações, mãos e mentes para o cuidado da Casa Comum.

Identidade sólida

Impulso 1 – Tornar a pastoralidade uma área estratégica da instituição, como parte do projeto político-pedagógico, para que esteja envolvida nos processos de gestão e tomadas de decisão.

PROPÓSITO

195. Por muito tempo, a pastoralidade foi compreendida como um setor complementar, restrito à dimensão da espiritualidade. No entanto, a experiência recente de diversas redes educacionais demonstra que tratá-la como uma área estratégica agrega valor institucional, amplia os diferenciais competitivos e fortalece a proposta educativa católica. Reconhecer a pastoralidade como estratégica implica explicitá-la nos documentos institucionais, incluí-la nos espaços formais de gestão e fomentar uma cultura de corresponsabilidade entre todos os setores da escola. Essa perspectiva qualifica a presença confessional, fortalece a missão evangelizadora e contribui para a coerência institucional entre discurso e prática.

CORAGENS

1. Reconhecer a pastoralidade como eixo estratégico da identidade institucional

196. É necessário romper com a compreensão da Pastoral como setor acessório, celebrativo ou isolado, reafirmando-a como dimensão constitutiva da proposta educativa das instituições católicas. A pastoralidade deve ser assumida como expressão qualificada da identidade confessional, com valor agregado, também, diante das exigências do mercado educacional. Isso implica compreender a missão evangelizadora não como responsabilidade exclusiva de um setor, mas como horizonte orientador de toda a vida institucional. Tal compreensão deve estar registrada, de maneira explícita, nos documentos institucionais, como Planejamento Estratégico, Projeto Político-Pedagógico (PPP) e Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI).

2. Reconfigurar a cultura organizacional para a corresponsabilidade evangelizadora

197. A efetividade da pastoralidade exige a superação de modelos fragmentados e a construção de uma cultura institucional pautada na corresponsabilidade. É preciso abandonar a lógica que terceiriza a missão pastoral a um único departamento, promovendo o envolvimento transversal de todos os setores num processo contínuo de formação, participação e compromisso com a evangelização. Essa mudança cultural requer coragem para rever prioridades, práticas e mentalidades arraigadas.

3. Consolidar estruturas e instâncias de decisão que garantam o protagonismo da Pastoral

198. A presença efetiva da Pastoral nas estruturas decisórias é indispensável para que a missão não se dilua nem seja reduzida a atividades periféricas. Isso exige revisar os organogramas institucionais, garantindo representação qualificada da pastoralidade nos espaços de planejamento, gestão e avaliação. Trata-se de reconhecer que a identidade católica se sustenta, também, na forma como se organiza, planeja e toma decisões, assegurando coerência entre discurso e prática.

4. Profissionalizar a atuação pastoral com competência, espiritualidade e liderança

199. A transformação da pastoralidade em eixo estruturante passa pela valorização dos agentes. É necessário reconhecer os coordenadores de Pastoral como gestores estratégicos, com formação sólida em Teologia, Pastoral, Educação ou áreas afins, e com competências em comunicação, liderança e gestão. Essa profissionalização deve ser acompanhada por processos institucionais de formação continuada, integrando a dimensão espiritual e relacional às exigências técnicas e administrativas do fazer pastoral. Mais do que habilidades operacionais, exige-se desses agentes um perfil marcado pelo seguimento a Jesus Cristo, pela maturidade da fé cristã e pelo testemunho coerente de vida evangélica, capazes de inspirar e mobilizar a comunidade educativa com autenticidade e esperança.

CAMINHOS

- a. Definir, com clareza, a missão, a visão e os objetivos da Pastoral Escolar.
- b. Revisar o PPPP e o Planejamento Estratégico para incorporar a pastoralidade como eixo estruturante, com metas e indicadores.
- c. Instituir uma formação anual obrigatória sobre identidade católica e missão evangelizadora para lideranças e equipes.

- d. Promover processos participativos de autoavaliação da identidade confessional e da pastoralidade.
- e. Garantir lugar formal da Pastoral na estrutura organizacional.
- f. Inserir formalmente a Coordenação de Pastoral nos conselhos de gestão, pedagógico e de comunicação.
- g. Incluir o coordenador de Pastoral nas reuniões de planejamento e gestão.
- h. Criar um núcleo de espiritualidade e gestão com a participação de lideranças institucionais.
- i. Criar um Plano de Ação Pastoral anual, com orçamento definido e integrado aos demais planos institucionais.
- j. Incluir atividades pastorais no calendário letivo anual.

Impulso 2 – Aprimorar a gestão da pastoralidade, implementando processos de organização, planejamento, sistematização, registro e mensuração de resultados e impactos.

PROPÓSITO

200. A pastoralidade, como área estratégica da instituição, demanda práticas de gestão que assegurem eficácia, integração e relevância. Superar a lógica de uma “pastoral de eventos” e avançar para uma “pastoral de processos” requer profissionalização, clareza de funções, estruturação de fluxos e uso sistemático de indicadores. Ao incorporar planejamento, avaliação e registro à dinâmica pastoral, fortalece-se a conexão com a missão institucional e amplia-se a contribuição para a formação integral. Essa gestão qualificada garante coerência, continuidade e visibilidade à ação evangelizadora, favorecendo a corresponsabilidade institucional.

CORAGENS

1. Consolidar a pastoralidade como processo estratégico, contínuo e formativo

201. É necessário reconhecer a pastoralidade como um processo articulado, que contribui, de forma orgânica, para a formação integral e para a identidade institucional. Essa transição exige o abandono de práticas improvisadas e a consolidação de rotinas sistemáticas de planejamento, execução, acompanhamento e registro das ações pastorais, com clareza de objetivos pedagógicos e formativos.

2. Profissionalizar a gestão pastoral com clareza de funções, competências e estrutura

202. A eficácia da pastoralidade depende da qualificação da gestão. Isso implica definir uma estrutura organizacional para a Pastoral, com cargos e funções específicas, além de estabelecer critérios profissionais para seleção, contratação e avaliação dos agentes pastorais. A formação contínua deve ser promovida com intencionalidade, alinhando competências pastorais, pedagógicas e relacionais às exigências da missão e às necessidades da comunidade. A criação de um Código de Ética Pastoral também contribui para consolidar identidade, coerência e responsabilidade no exercício da função.

3. Criar mecanismos de avaliação e indicadores para qualificar a ação pastoral

203. A maturidade institucional da pastoralidade se expressa na capacidade de avaliar a própria ação. É necessário desenvolver e aplicar indicadores de impacto e avaliação que permitam monitorar resultados, identificar desafios e promover ajustes contínuos. Essa cultura de avaliação deve ser transversal e envolver a comunidade na reflexão sobre a eficácia das ações pastorais, os frutos formativos e a sintonia com os valores institucionais. Metodologias e tecnologias devem ser incorporadas para ampliar a eficiência, o engajamento e a visibilidade da ação pastoral.

4. Articular a Pastoral com as demais áreas institucionais para promover integração e corresponsabilidade

204. A pastoralidade não se sustenta isoladamente. A vitalidade dela depende da articulação com os demais setores da instituição, como a gestão pedagógica, a comunicação e a administração. A construção de fluxos de trabalho, com definição de responsabilidades, prazos e interfaces entre setores, contribui para consolidar uma cultura de corresponsabilidade institucional. Essa integração amplia o alcance da Pastoral, favorece a sinergia entre as ações e fortalece a coerência entre a missão institucional e a experiência cotidiana vivida na escola.

CAMINHOS

- a. Criar uma estrutura organizacional com definição de cargos e papéis específicos na equipe de Pastoral.
- b. Definir o perfil profissional dos agentes de Pastoral, a começar pela qualidade da experiência de fé e eclesial, que tenha desenvolvido competências teológicas, pedagógicas e de gestão, baseando-se nele para seleção, contratação e formação.

- c. Estabelecer e divulgar um Código de Ética Pastoral, orientando a atuação conforme os princípios e valores da instituição.
- d. Oferecer formação contínua em gestão de projetos, planejamento e avaliação de impacto para a equipe de Pastoral.
- e. Promover momentos de formação integrada entre Pastoral e equipe pedagógica para articulação das ações institucionais.
- f. Elaborar um Plano de Ação Pastoral anual, com metas, cronograma, responsáveis e orçamento, alinhado ao planejamento estratégico.
- g. Desenvolver instrumentos próprios da pastoralidade (mapas de processos, manuais de boas práticas, cronogramas) que qualifiquem a gestão, mantendo o caráter formativo.
- h. Implantar um sistema de registros pastorais (formulários, relatórios e plataformas digitais) para documentar processos, ações e resultados.
- i. Estabelecer indicadores de impacto (como engajamento de estudantes, participação familiar e integração ao projeto de vida) para avaliar a efetividade das ações.
- j. Realizar reuniões periódicas de monitoramento e avaliação com a equipe gestora, promovendo replanejamento estratégico.

Impulso 3 – Cultivar o senso de pertencimento eclesial pela integração do projeto pastoral da instituição ao da Igreja local e reverberando as iniciativas da Igreja universal.

PROPÓSITO

205. As instituições educacionais católicas são, como afirma o Documento de Aparecida, comunidades eclesiais inseridas na missão evangelizadora da Igreja. No entanto, muitas vezes, essas instituições permanecem isoladas da vida paroquial e diocesana, o que compromete a autenticidade da identidade confessional. Integrar-se à Igreja local e alinhar-se às iniciativas da Igreja universal é uma dimensão estratégica da missão e da identidade da escola católica. Essa integração fortalece o sentido de pertença, aprofunda os vínculos com a comunidade eclesial e garante coerência entre o que se ensina, se vive e se testemunha. Assumir um protagonismo na relação com a Igreja é, portanto, um gesto de fidelidade à vocação evangelizadora e de comunhão com o corpo eclesial.

CORAGENS

1. Assumir a identidade eclesial como dimensão constitutiva da missão institucional

206. Romper com o isolamento institucional e reconhecer que a identidade confessional das escolas está intrinsecamente ligada à sua pertença à Igreja é o primeiro passo para uma integração autêntica. Isso exige superar a lógica da escola católica como instância autônoma, assumindo, de forma institucional, o vínculo com a Igreja local como parte essencial da missão educativa e evangelizadora. A inserção formal dessa pertença nos documentos e planejamentos institucionais reforça a coerência entre o que se ensina, o que se vive e o que se testemunha.

2. Adotar uma postura proativa e corresponsável na comunhão eclesial

207. A integração com a vida eclesial não pode depender de convites esporádicos ou de relações informais. É preciso cultivar uma atitude proativa e corresponsável, estabelecendo uma agenda permanente de participação nos espaços paroquiais e diocesanos, criando canais estáveis de comunicação e diálogo com as lideranças eclesiais. Essa cultura de presença e cooperação fortalece os vínculos, amplia a escuta e abre espaço para o discernimento conjunto de ações pastorais relevantes para a realidade local.

3. Fortalecer estruturas e práticas que garantam a presença institucional na vida da Igreja

208. A participação eclesial da instituição deve ser organizada e estruturada. Isso passa pela designação formal de um responsável institucional pela relação com a Igreja local, pela avaliação periódica do nível de integração e pelo desenvolvimento de projetos conjuntos com a paróquia e a diocese que expressem o compromisso social e evangelizador da instituição. Também é fundamental integrar ao planejamento pastoral as campanhas e iniciativas da Igreja universal, como expressão concreta de comunhão com a missão eclesial mais ampla.

4. Formar e envolver toda a comunidade educativa na vivência da eclesialidade

209. Para que a integração com a Igreja não se restrinja a setores isolados, é preciso promover uma cultura formativa que aprofunde a consciência eclesial em todos os membros da comunidade educativa. Isso inclui momentos de formação sobre identidade e missão da Igreja, o estímulo à presença de religiosos, sacerdotes e leigos engajados na vida da Pastoral Escolar e a criação de espaços de escuta e reflexão conjunta. A vivência da eclesialidade precisa ser visível, compartilhada e testemunhada por toda a instituição como sinal de fidelidade à vocação católica.

CAMINHOS

- a. Participar ativamente de organismos da Igreja local, como vicariatos, comissões e pastorais da educação.
- b. Engajar-se nas assembleias paroquiais e diocesanas, garantindo a presença e a contribuição da educação católica.
- c. Manter agenda regular de diálogo com o bispo e os párocos locais.
- d. Integrar, no Plano Anual de Pastoral, ações alinhadas a campanhas e iniciativas da Igreja universal (Campanha da Fraternidade, Pacto Educativo Global, JMJ etc.).
- e. Registrar e avaliar, anualmente, o grau de participação institucional nas estruturas da Igreja.
- f. Promover formações com a equipe gestora e educadores sobre o papel da escola como comunidade eclesial.
- g. Incentivar a participação dos estudantes nas pastorais paroquiais (catequese, liturgia e grupos de jovens).
- h. Desenvolver projetos educativos e sociais em parceria com a paróquia e a diocese, enraizando a fé no compromisso com a comunidade.
- i. Fortalecer a Pastoral da Educação em nível diocesano e pastoral, integrando as ações da comunidade.

Impulso 4 – Fomentar a organização do trabalho pastoral em rede, buscando integrar as instituições da mesma mantenedora num projeto compartilhado de identidade e missão.

PROPÓSITO

210. Fortalecer a identidade confessional exige superar a atuação isolada de cada unidade educativa e promover uma cultura de rede, na qual identidade, missão e pastoralidade sejam compartilhadas por todas as instituições ligadas a uma mesma mantenedora. A articulação pastoral em rede permite alinhar princípios e práticas, qualificar a presença institucional, otimizar recursos e ampliar o impacto da missão evangelizadora. Isso implica planejamento conjunto, governança participativa, comunicação integrada e criação de espaços de escuta e corresponsabilidade. Uma pastoral em rede fortalece a marca institucional,

aprofunda o carisma e favorece a construção de uma narrativa comum, sem ignorar as particularidades de cada realidade local.

CORAGENS

1. Assumir a missão evangelizadora como responsabilidade compartilhada em rede

211. A superação da lógica de isolamento entre unidades educativas exige o reconhecimento da identidade e da missão como bens comuns a toda a rede institucional. Isso implica romper com a fragmentação e adotar uma cultura de comunhão, na qual a pastoralidade deixa de ser uma experiência local autônoma e passa a ser vivida em chave colaborativa, sem perder a sensibilidade às realidades específicas. O compromisso com a evangelização se torna, assim, uma tarefa assumida coletivamente, sustentada por vínculos de corresponsabilidade e confiança mútua.

2. Estruturar uma governança pastoral em rede com planejamento, participação e compromisso

212. O trabalho em rede exige organização. É fundamental construir instâncias formais de governança pastoral, com representações das unidades e processos de escuta e deliberação conjunta. A criação de um Plano de Pastoral compartilhado, com princípios, diretrizes e metas comuns, permite alinhar as ações das instituições ao carisma fundacional e às diretrizes da mantenedora, promovendo coesão estratégica. Essa governança precisa garantir adesão efetiva, com papéis e responsabilidades definidos, que sustentem o compromisso com os projetos comuns.

3. Integrar planejamento, comunicação e avaliação para garantir unidade e sinergia

213. A coerência pastoral em rede depende da articulação concreta dos processos de planejamento, comunicação institucional e avaliação de impacto. A integração entre as unidades deve incluir cronogramas compartilhados, metodologias comuns de monitoramento e instrumentos de avaliação contínua, que permitam aprimorar as ações e evidenciar seus frutos. Essa sinergia fortalece a presença pública da rede, confere visibilidade à ação evangelizadora e reforça a credibilidade institucional.

4. Cultivar uma cultura de formação, partilha e aprendizagem mútua entre as unidades

214. Uma pastoral em rede só se sustenta quando há circulação de saberes, experiências e boas práticas. É necessário desenvolver estratégias formativas comuns, voltadas à qualificação dos profissionais que atuam na Pastoral e à consolidação de uma cultura de rede viva e colaborativa. Isso significa criar espaços regula-

res de encontro, partilha e escuta, que permitam alinhar diretrizes, alimentar a identidade institucional, fortalecer o carisma e construir uma narrativa unificada que testemunhe a presença da Igreja na educação.

CAMINHOS

- a. Elaborar um Plano de Pastoral compartilhado da mantenedora, com princípios, eixos, diretrizes e ações comuns.
- b. Constituir um Comitê de Pastoral da mantenedora, com representantes das unidades, para planejar, acompanhar e avaliar as ações da rede.
- c. Mapear e sistematizar boas práticas pastorais, criando um repositório digital compartilhado de experiências inspiradoras.
- d. Desenvolver projetos e eventos pastorais integrados em rede: retiros, jornadas, campanhas, intercâmbios e ações de evangelização.
- e. Promover formações conjuntas para equipes de Pastoral das unidades, qualificando os profissionais e alinhando práticas à identidade da rede.
- f. Implantar uma agenda anual de reuniões de alinhamento pastoral da mantenedora, com foco em acompanhamento, avaliação e planejamento conjunto.
- g. Estabelecer critérios e processos comuns de planejamento e avaliação pastoral, assegurando o alinhamento com o projeto de identidade da rede.
- h. Integrar a comunicação pastoral das unidades, promovendo campanhas conjuntas e fortalecendo a narrativa institucional nas mídias e nos materiais de divulgação.
- i. Estimular as unidades a participarem ativamente dos grupos estratégicos da ANEC em seus estados, como o Fórum Estadual de Pastoral, e garantir a presença do gestor pastoral da mantenedora no Fórum Nacional de Pastoral Escolar da ANEC.

Impulso 5 – Visibilizar a identidade confessional, por meio de uma comunicação estratégica que divulgue as ações pastorais da escola, evidenciando o Projeto Pastoral da instituição.

PROPÓSITO

215. Na sociedade contemporânea, marcada pela velocidade das mídias e pela centralidade da imagem, a comunicação tornou-se um eixo fundamental da construção e percepção institucional. A identidade confessional precisa ser percebida, reconhecida e comunicada de forma coerente e intencional. Muitas instituições católicas perdem relevância e visibilidade justamente por não comunicarem a identidade com clareza. Valorizar e comunicar, estrategicamente, a pastoralidade e a missão evangelizadora fortalece a marca institucional, aprofunda o vínculo com a comunidade e expressa, com autenticidade, a fidelidade ao Evangelho.

CORAGENS

1. Assumir a comunicação institucional como dimensão estratégica da missão evangelizadora

216. Na cultura contemporânea, a comunicação deixou de ser um instrumento secundário e se tornou um território em que se disputa sentido e se constrói identidade. Romper com a invisibilidade pastoral exige compreender que a comunicação é, em si, uma forma de evangelização. Isso implica superar a ideia de neutralidade e reconhecer que toda linguagem comunica valores, visões de mundo e posicionamentos. A missão evangelizadora, portanto, precisa ser assumida com clareza e coragem também no campo comunicativo, sem medo de se identificar como escola católica.

2. Integrar, intencionalmente, a identidade confessional à comunicação institucional

217. A pastoralidade precisa ser visivelmente comunicada como parte do cotidiano institucional. Isso requer que os conteúdos, os símbolos, a linguagem e a estética dos materiais institucionais — impressos, digitais e presenciais — expressem, de forma coerente, o carisma, a espiritualidade e os valores da fé cristã. A comunicação deve refletir a identidade confessional de maneira coerente, bela e evangélica, reforçando a unidade entre o que se diz, o que se mostra e o que se vive.

3. Qualificar, técnica e pastoralmente, a equipe de Comunicação

218. Para que a comunicação institucional expresse verdadeiramente a identidade católica, é necessário formar e sensibilizar as equipes responsáveis por essa área. A formação deve abordar técnicas de comunicação, bem como os funda-

mentos da missão evangelizadora, a espiritualidade da instituição, o carisma fundacional e os elementos centrais da tradição cristã. Essa qualificação fortalece a capacidade da equipe de comunicar com autenticidade, criatividade e fidelidade os sinais da fé no espaço público.

4. Transformar os canais institucionais em espaços de anúncio, espiritualidade e testemunho

219. Mais do que promover eventos ou divulgar informações, a comunicação institucional deve ser um canal de evangelização e uma expressão profética no mundo contemporâneo. Isso implica produzir conteúdos significativos, com qualidade estética e profundidade pastoral, que cultivem a espiritualidade, iluminem a realidade com a luz do Evangelho e confrontem corajosamente as distorções dos valores cristãos na sociedade. A comunicação torna-se, assim, um campo de missão e presença pública da fé.

CAMINHOS

- a. Revisar o Plano de Comunicação institucional, integrando diretrizes sobre identidade confessional e pastoralidade.
- b. Produzir conteúdos periódicos sobre a Pastoral: projetos, testemunhos, ações solidárias e evangelizadoras.
- c. Formar a equipe de Comunicação sobre identidade católica, carisma institucional e missão evangelizadora.
- d. Utilizar símbolos e linguagens cristãs em peças de comunicação (visuais, textuais e audiovisuais).
- e. Criar seção específica no site e nas redes sociais sobre o Projeto Pastoral da instituição.
- f. Incluir a pastoralidade nas campanhas de matrícula e nas apresentações institucionais.
- g. Produzir vídeos, podcasts e conteúdos digitais sobre a educação católica, a missão da Pastoral e os valores institucionais.
- h. Avaliar, periodicamente, a percepção da comunidade sobre a identidade da instituição, ajustando a comunicação, conforme o necessário.
- i. Estabelecer parcerias com instituições da Igreja para fortalecer conteúdos e presença eclesial nos canais de comunicação.

- j. Estimular estudantes e famílias a se envolverem em ações solidárias, eventos religiosos e conteúdos de fé nas redes.
- k. Desenvolver projetos sociais que expressem o compromisso cristão com os mais necessitados e os comuniquem com coerência.

Impulso 6 – Garantir que todos os setores da instituição estejam alinhados com os princípios da identidade confessional e cientes da corresponsabilidade na missão evangelizadora.

PROPÓSITO

220. A missão evangelizadora das instituições educacionais católicas não se restringe ao setor de Pastoral ou ao corpo docente, pois é compartilhada por toda a comunidade educativa. Mesmo que a confissão de fé pessoal não seja um critério de contratação, é essencial que todos os colaboradores — independentemente da função — estejam alinhados à cultura institucional, compreendam os princípios da identidade católica e reconheçam o próprio papel na missão evangelizadora. Esse alinhamento se consolida por meio de formação continuada, espaços de escuta, liderança inspiradora e integração natural da identidade confessional às práticas do cotidiano escolar. Trata-se de promover uma cultura institucional coerente, viva e comprometida com a fé que professa.

CORAGENS

1. Promover uma cultura institucional coerente com a identidade católica

221. A missão evangelizadora das instituições católicas não pode se restringir a setores ou funções específicas: é responsabilidade de todos. Romper com práticas que negligenciam a cultura institucional nas contratações e na vida cotidiana exige afirmar que todos os colaboradores — independentemente de cargo ou confissão de fé — fazem parte de um projeto educativo inspirado no Evangelho. Isso requer promover um ambiente de coerência, testemunho e espiritualidade acessível, no qual os valores da fé cristã estejam integrados às relações, decisões e rotinas da vida escolar.

2. Integrar identidade confessional às políticas institucionais de gestão de pessoas

222. A consolidação de uma cultura institucional evangelizadora começa nos processos de seleção, integração, formação e avaliação de colaboradores. É necessário revisar os perfis de competência, políticas de RH e critérios de desempenho à luz dos princípios e valores da instituição. Isso inclui a implantação de processos formais de acolhimento identitário, o acompanhamento contínuo das lide-

ranças e a inclusão de critérios ligados à missão nas avaliações institucionais. O pertencimento à identidade confessional deve ser cultivado com intencionalidade e cuidado desde o início.

3. Formar, continuamente, para o pertencimento e a corresponsabilidade na missão

223. O alinhamento identitário não é espontâneo: ele exige formação continuada, escuta qualificada e acompanhamento próximo. Assumir esse desafio é reconhecer que o pertencimento à missão precisa ser cultivado ao longo do tempo, em processos pedagógicos que integrem fé, cultura e vida. A formação deve ser sensível à diversidade, respeitosa das trajetórias individuais e articulada com as demandas reais de cada função. Com isso, fortalece-se uma cultura de compromisso, reconhecimento e valorização das competências que expressam adesão concreta à missão institucional.

CAMINHOS

- a. Definir e implementar uma matriz de corresponsabilidade pastoral por setor, detalhando como cada área contribui concretamente para a missão.
- b. Implantar um programa permanente de formação sobre a identidade confessional e a missão evangelizadora para todos os colaboradores, inclusive dos setores Administrativo, Financeiro, Comunicação e Serviços Gerais.
- c. Estabelecer um processo formal de integração de novos colaboradores, com apresentação da missão, da identidade e dos valores da instituição.
- d. Promover momentos periódicos de espiritualidade, reflexão e diálogo institucional sobre a missão com todos os setores.
- e. Incluir critérios relacionados à identidade e à missão nos processos de avaliação de desempenho individual e institucional.
- f. Realizar, durante as reuniões das equipes e dos setores, momentos de conversa e escuta com as equipes para acompanhar a compreensão e aplicação da identidade institucional.
- g. Reconhecer e valorizar profissionais que expressem em suas práticas o compromisso com a missão e os valores da instituição.
- h. Fortalecer a liderança como testemunho vivo da cultura institucional, promovendo coerência entre discurso e prática.

Integração pedagógico-pastoral

Impulso 7 – Implementar um currículo evangelizador que faça a transposição didático-pedagógica da fé de maneira implícita e explícita, e transversalize a missão evangelizadora da instituição em todas as áreas do conhecimento e segmentos, abrangendo objetos do conhecimento, didáticas e metodologias pedagógicas, processos avaliativos e atividades extracurriculares.

PROPÓSITO

224. A implementação do currículo evangelizador exige uma revisão profunda do projeto educativo da escola, orientada pelas diretrizes do Magistério da Igreja e pelos documentos carismáticos da instituição. Esse processo não se limita a ajustes pontuais, mas requer uma análise criteriosa das práticas pedagógicas, garantindo que elas reflitam autenticamente a visão cristã do ser humano e da educação. Para isso, é essencial avaliar se a escola realmente coloca a pessoa humana no centro do processo educativo, respeitando sua dignidade e vocação integral. Igualmente, é preciso considerar se há alinhamento entre os conteúdos ensinados e a fé da Igreja, evitando incoerências que possam descaracterizar a identidade católica da instituição. Um exemplo clássico são temas contemporâneos, como empreendedorismo e educação socioemocional, que podem ser facilmente capturados por ideologias estranhas à fé cristã. Uma abordagem de cultura empreendedora que ignore os princípios de partilha e solidariedade contraria os fundamentos da Doutrina Social da Igreja. Da mesma forma, um discurso sobre autoconhecimento que negligencie a dimensão transcendente e espiritual da pessoa humana ou reduza a realização pessoal ao sucesso profissional não está em sintonia com a antropologia cristã.

CORAGENS

1. Superar a fragmentação entre fé, conhecimento e vida, integrando a missão evangelizadora ao currículo como eixo formativo

225. É urgente romper com a separação entre o desempenho acadêmico e a formação humana e espiritual, reconhecendo que o currículo é um dos espaços mais estratégicos de evangelização. A proposta pedagógica precisa partir da visão cristã da realidade, superando a neutralidade ideológica e assumindo que todo conteúdo, método e processo avaliativo comunica uma antropologia. A fé não deve ser um apêndice do ensino, mas critério unificador da experiência educativa, integrando razão e espiritualidade, saberes e sentido, ciência e transcendência.

2. Reconhecer e valorizar o currículo como campo estratégico de afirmação identitária e fidelidade à Doutrina da Igreja

226. A escola católica é chamada a revisar criticamente a proposta curricular à luz da Doutrina Social da Igreja e dos documentos do Magistério, especialmente diante de temas contemporâneos, como empreendedorismo, educação socio-emocional e projeto de vida. É preciso garantir que o currículo não incorpore, mesmo que de forma velada, visões reducionistas da pessoa humana ou lógicas mercantilistas incompatíveis com a ética evangélica. Isso exige discernimento, coragem crítica e fidelidade à missão eclesial.

3. Construir, coletivamente, uma proposta pedagógica inspirada no humanismo solidário e na inteligência espiritual

227. A implementação de um currículo evangelizador não se faz por decreto, mas por construção comunitária. É preciso investir na formação contínua dos educadores, reconhecendo-os como protagonistas da transposição didático-pedagógica da fé. A proposta pedagógica deve ser inspirada no humanismo solidário, promovendo interioridade, escuta, transcendência e vínculos fraternos. Nesse caminho, a inteligência espiritual torna-se uma dimensão formativa essencial, articulada ao desenvolvimento das competências da BNCC e ao cultivo da integralidade da pessoa.

4. Instituir uma governança partilhada da missão entre Pastoral e Coordenação Pedagógica

228. Para que a evangelização não seja reduzida ao Ensino Religioso ou a eventos celebrativos, é necessário estabelecer uma presença ativa da Pastoral nos planejamentos pedagógicos. A construção de um currículo evangelizador exige a superação da lógica de departamentos isolados e a consolidação de uma governança pedagógico-pastoral integrada, com espaços de diálogo e corresponsabilidade

entre setores. Esse modelo favorece coerência, unidade de visão e práticas mais intencionais, em que toda a escola se reconhece como espaço de anúncio, formação e testemunho.

CAMINHOS

- a. Revisar o PPPP e a Matriz Curricular, incorporando, explicitamente, os princípios da antropologia cristã, da Doutrina Social da Igreja e da espiritualidade cristã como fundamentos pedagógicos.
- b. Tornar visíveis, no perfil do egresso, competências pastorais e espirituais, como discernimento ético, compromisso social, abertura à transcendência e interioridade.
- c. Criar um documento orientador da inteligência espiritual, articulando-a às fases de desenvolvimento dos estudantes e às práticas pedagógicas.
- d. Revisar abordagens de temas contemporâneos, garantindo a fidelidade à antropologia cristã e aos valores do Evangelho.
- e. Mapear os objetos de conhecimento da BNCC e indicar, por área, as conexões possíveis com a visão cristã do mundo, favorecendo a transversalidade da missão evangelizadora.
- f. Promover formações regulares para educadores, com foco na relação entre fé, ciência, cultura e conhecimento, e na transposição didático-pedagógica da fé.
- g. Garantir a presença da Coordenação de Pastoral nos planejamentos pedagógicos, assegurando a articulação entre fé e saber.
- h. Incluir elementos da identidade confessional nos instrumentos de planejamento pedagógico (planos de aula, sequências didáticas e projetos interdisciplinares).
- i. Criar atividades curriculares e extracurriculares integradas, como oficinas de interioridade, leitura orante, projetos de vida e discernimento vocacional.
- j. Desenvolver um roteiro avaliativo das práticas pedagógicas para verificar o alinhamento com os princípios da missão evangelizadora.
- k. Criar diretrizes institucionais para análise de materiais didáticos e seleção metodológica à luz da identidade confessional.

Impulso 8 – Envolver os educadores nas atividades pastorais como interlocutores e parceiros.

PROPÓSITO

229. A efetivação do currículo evangelizador depende diretamente do corpo docente. São os professores que dão vida a esse currículo, traduzindo-o em práticas concretas no cotidiano escolar. Embora não seja necessário que todos os docentes sejam católicos, é fundamental que compreendam o que significa ser professor em uma escola católica. Isso exige mais do que o cumprimento de normas institucionais; requer um envolvimento genuíno, fundamentado na proximidade pastoral e no diálogo, e não na imposição de regras. Quando os professores participam ativamente da dinâmica pastoral da escola, a identidade católica se torna mais tangível para eles. Esse engajamento fortalece a missão da instituição e ajuda os docentes a compreenderem o nível de compromisso esperado para lecionar em uma escola confessional.

CORAGENS

1. Reconhecer o educador como agente pastoral e corresponsável pela missão evangelizadora

230. É necessário romper com a visão reducionista do docente como mero executor técnico e assumir a vocação como formador integral. O professor, independentemente da disciplina que leciona e da confissão de fé, é, também, um interlocutor pastoral, capaz de integrar fé e cultura na prática pedagógica. Essa compreensão amplia o horizonte da missão educativa, superando a fragmentação entre ensino e pastoral e fortalecendo a identidade católica da escola como um todo.

2. Promover uma cultura de pertencimento e motivação vocacional entre os educadores

231. Mais do que adesão burocrática à missão institucional, espera-se dos educadores um envolvimento autêntico, motivado pela consciência do próprio papel na formação integral dos estudantes. Isso exige a superação da lógica da imposição e a promoção de um sentido de pertencimento que se fortaleça por meio da escuta, do diálogo e do testemunho cotidiano. Um ambiente de espiritualidade acessível, valores vividos e reconhecimento mútuo favorece o engajamento real na missão da escola.

3. Investir em processos formativos contínuos e significativos

232. A participação pastoral dos educadores não se improvisa. Ela precisa ser cultivada por meio de formações regulares, que possibilitem a compreensão profunda da missão evangelizadora e da identidade da escola católica. Essas formações devem articular fé, cultura e prática docente, com metodologias vivenciais, linguagem acessível e espaços de escuta, superando resistências e promovendo experiências significativas de espiritualidade e comunidade.

4. Criar estruturas de escuta e participação docente na vida pastoral da escola

233. A corresponsabilidade se concretiza quando há espaços reais de participação dos educadores no planejamento, no acompanhamento e na avaliação da Pastoral. Inserir a Pastoral como instância estratégica nas decisões pedagógicas e organizacionais fortalece a integração entre os setores e reafirma a missão evangelizadora como tarefa comum. Reconhecer e valorizar publicamente o engajamento dos docentes também contribui para consolidar uma cultura institucional de protagonismo compartilhado.

CAMINHOS

- a. Realizar seminários temáticos com especialistas em educação cristã, direcionados a gestores e professores.
- b. Oferecer formação continuada anual sobre a missão evangelizadora, identidade católica e papel do professor como agente pastoral.
- c. Avaliar, anualmente, o nível de envolvimento dos educadores na vida pastoral e planejar estratégias para ampliar a participação.
- d. Incluir representantes dos educadores nas reuniões de planejamento e avaliação pastoral.
- e. Elaborar materiais e roteiros pedagógicos com propostas de atividades que integrem os valores cristãos de forma transversal ao conteúdo.
- f. Desenvolver projetos interdisciplinares com temas contemporâneos abordados à luz da fé cristã, como cidadania, justiça social, ecologia integral, entre outros.

- g. Criar oportunidades concretas de participação dos educadores em ações pastorais: celebrações, campanhas solidárias, projetos interdisciplinares, rodas de conversa e retiros.
- h. Organizar experiências sociais e pastorais que incentivem o engajamento dos educadores com a realidade da comunidade.
- i. Promover momentos de espiritualidade e cuidado para os educadores, como pausas orantes, encontros de escuta, mentorias e retiros.

Evangelização transformadora

Impulso 9 – Explorar novas linguagens e metodologias do trabalho pastoral para gerar conexão e significado com todos os interlocutores da evangelização, favorecendo o encontro com Cristo.

PROPÓSITO

234. Para que a evangelização, na escola católica, seja significativa e alcance os interlocutores, é essencial explorar novas linguagens e metodologias pastorais que dialoguem com a cultura contemporânea. Isso significa adotar abordagens inovadoras, utilizar recursos multimídia, incentivar a participação ativa dos estudantes e conectar a mensagem do Evangelho às realidades concretas da vida. Para isso, a pastoralidade deve ser criativa e dinâmica, romper barreiras tradicionais e favorecer um encontro autêntico com Cristo, de forma a tocar o coração e transformar a vida.

CORAGENS

1. Reconhecer a cultura contemporânea como espaço legítimo de evangelização

235. Evangelizar hoje exige romper com o paradigma de separação entre fé e cultura. A escola católica precisa reconhecer a cultura digital, plural e simbólica dos jovens como terreno fértil para o anúncio do Evangelho. Isso implica adotar uma postura de escuta ativa, valorizando as experiências e inquietações dos estudantes e superando práticas abstratas ou descoladas da realidade. A evangelização se torna mais eficaz quando conecta a fé às buscas concretas de sentido, identidade e pertencimento.

2. Desapegar das fórmulas prontas e atualizar as linguagens e os métodos da Pastoral para comunicar com beleza, afeto e significado

236. A linguagem pastoral precisa ser afetiva, simbólica, relacional e acessível, deixando de lado vocabulários excessivamente técnicos, moralistas ou litúrgicos. A evangelização não pode se restringir a eventos religiosos: ela deve estar presente no cotidiano escolar, nas relações humanas e nos espaços de convivência. Expressões como arte, música, cinema, literatura, narrativas e corporeidade tornam-se caminhos legítimos para despertar a dimensão transcendente e promover experiências de encontro com Cristo.

3. Viver uma pastoral de escuta, empatia e cuidado, fiel ao Evangelho e aberta ao novo

237. A fidelidade à missão evangelizadora não está em preservar formatos ultrapassados, mas em renovar continuamente as formas de comunicar a mensagem, sem diluir o conteúdo. Uma pastoral relevante precisa ser inclusiva, empática e criativa, marcada pela escuta sensível, pela abertura à diversidade e pela coragem de experimentar. Inspirada na proposta de uma “Igreja em saída” do Papa Francisco, essa pastoral se estrutura mais como processo relacional do que como programação de eventos, favorecendo encontros reais que tocam e transformam a vida.

CAMINHOS

- a. Criar núcleos de criatividade pastoral formados por estudantes, educadores e pastoralistas, para conceber e testar novas propostas evangelizadoras.
- b. Criar eventos e experiências pastorais inovadoras, tais como oficinas artísticas, cine-debates, jornadas culturais, rodas de conversa temáticas e *performances*.
- c. Elaborar projetos interdisciplinares com foco em temas como espiritualidade, vocação, bem comum, justiça social e cuidado com a Casa Comum.
- d. Desenvolver roteiros pastorais que dialoguem com competências da BNCC, como empatia, cuidado, diversidade, colaboração, projeto de vida e responsabilidade social.
- e. Articular a pastoral à produção cultural dos estudantes, incentivando que criem músicas, vídeos, poemas, ilustrações e outras expressões de fé contemporânea.
- f. Criar ambientes alternativos de espiritualidade, dentro e fora da escola (praças, redes e espaços culturais), promovendo uma fé encarnada na vida cotidiana.

- g. Repensar o vocabulário institucional e pastoral, promovendo uma linguagem inclusiva, humana e significativa, capaz de tocar os estudantes onde estão.
- h. Incorporar a beleza como categoria pastoral, reconhecendo o poder de evocar o mistério de Deus (cf. *Laudato Si'*, n. 233).
- i. Planejar experiências místicas que conectem fé e vida, sem cair em emocionismos, mas que acolham as dimensões afetivas e espirituais dos estudantes.
- j. Realizar avaliações regulares das práticas evangelizadoras, verificando a relevância e o impacto real na vida dos estudantes.

Impulso 10 – Cuidar da educação da fé para a maturidade humana com zelo pelo anúncio querigmático, pelo cultivo da espiritualidade e pelo aprofundamento da doutrina cristã.

PROPÓSITO

238. Em um mundo marcado por espiritualidades subjetivistas e por uma fé líquida, a escola católica deve ser um espaço de enraizamento e maturidade, onde a fé transmitida é também compreendida, vivida e testemunhada. Em muitas instituições, a educação da fé já ocupa um lugar central na Pastoral, por meio da catequese, da formação, das celebrações e da oração. No entanto, para que a evangelização seja verdadeiramente transformadora, é essencial que essa dimensão seja cultivada com profundidade teológica, fidelidade ao Magistério da Igreja e compromisso com o amadurecimento humano, tornando-se um caminho sólido de crescimento espiritual e existencial.

CORAGENS

1. Promover uma espiritualidade encarnada, profunda e integrada à vida

239. A escola católica é chamada a superar práticas espiritualistas superficiais e a cultivar uma espiritualidade enraizada no cotidiano, conectada às dores, às alegrias e aos desafios existenciais dos estudantes, das famílias e dos educadores. Isso exige práticas que integrem fé, discernimento e realidade, evitando reducionismos devocionais ou desconectados da vida concreta. O cultivo da interioridade, da oração viva e dos sacramentos, como encontros com Cristo, deve ser parte estruturante da experiência escolar.

2. Anunciar o querigma com clareza, profundidade e relevância existencial

240. O núcleo do Evangelho precisa ser anunciado com coragem, linguagem acessível e conexão com o mundo contemporâneo, iluminando as contradições e esperanças dos interlocutores da evangelização. Isso requer romper dicotomias entre fé e razão, doutrina e vida prática, espiritualidade e engajamento social. O anúncio querigmático, para ser transformador, deve dialogar com a biografia dos estudantes e provocar decisões pessoais orientadas ao amor, à justiça e ao seguimento de Jesus.

3. Construir caminhos formativos que aprofundem a fé e acolham dúvidas com sabedoria

241. Educar para a fé madura é criar espaços onde perguntas difíceis e inquietações possam ser acolhidas com respeito, escuta e profundidade teológica. Isso implica oferecer itinerários distintos para estudantes e famílias, com experiências e conteúdos adequados a cada momento da vida. A formação contínua de educadores e agentes pastorais é essencial para que sejam testemunhas coerentes e referências seguras, capazes de articular a tradição da Igreja com os desafios do tempo presente.

4. Integrar a fé à ação e à responsabilidade social, em sintonia com a Doutrina Social da Igreja

242. A maturidade na fé não se mede unicamente pela mística, mas também pela capacidade de agir com compaixão, justiça e solidariedade – frutos de uma espiritualidade consistente. Por isso, é fundamental integrar a Doutrina Social da Igreja ao currículo e à vida escolar, formando consciências críticas e comprometidas com a transformação do mundo. Uma pedagogia do encontro, unida a ações missionárias e de serviço aos mais vulneráveis, dá corpo ao Evangelho e forma cidadãos que vivem a fé com responsabilidade ética e social.

CAMINHOS

- a. Reforçar as ações de evangelização querigmática, garantindo que o anúncio de Jesus Cristo seja claro, contextualizado e conectado à vida concreta dos estudantes.
- b. Criar espaços de escuta e diálogo sobre fé e sentido da vida, acolhendo dúvidas, inquietações e percursos diversos.
- c. Promover retiros espirituais significativos, especialmente em momentos de transição escolar, favorecendo silêncio, oração, partilha e escuta de Deus.

- d. Formar círculos de estudo bíblico e de leitura orante, para estudantes e educadores, integrando Palavra e vida.
- e. Desenvolver materiais pedagógicos e propostas interdisciplinares que articulem doutrina cristã com temas do currículo (ex.: ecologia integral, dignidade humana e ética na tecnologia).
- f. Oferecer formação continuada para educadores católicos, com conteúdos bíblicos, doutrinários, teológicos e pastorais.
- g. Cultivar momentos regulares de espiritualidade e oração no cotidiano escolar, com linguagem acessível e profunda.
- h. Implementar projetos de iniciação à vida cristã, especialmente com os mais jovens e com aqueles que estão distantes da prática da fé.
- i. Organizar experiências missionárias juvenis (missões urbanas, semanas vocacionais, atividades com congregações e paróquias).
- j. Construir itinerários diversificados de evangelização familiar, com encontros, conteúdos digitais, retiros e rodas de conversa.
- k. Garantir a integração da dimensão espiritual no Projeto de Vida, como caminho de discernimento vocacional e existencial.
- l. Estabelecer um calendário formativo pastoral, com temas progressivos ao longo do ano letivo que articulem espiritualidade, doutrina e atualidade.
- m. Criar ou fortalecer uma equipe de animação bíblico-catequética, com atuação integrada à Pastoral e ao pedagógico.
- n. Valorizar os sacramentos celebrados na escola (quando houver), cuidando da preparação, da linguagem e do sentido litúrgico-pedagógico.

Impulso 11 – Incrementar o trabalho do Projeto de Vida com a perspectiva da Pastoral Vocacional.

PROPÓSITO

243. Integrar o Projeto de Vida à Pastoral Vocacional é dar à educação um horizonte maior que o mero sucesso acadêmico ou profissional. É reconhecer que, por detrás de tantas possibilidades de escolha, há um chamado de Deus, um dom à espera de cada ser humano a ser abraçado na própria trajetória de vida. Em um tempo de tantas oportunidades, mas de pouca clareza sobre propósito, a escola católica precisa ajudar os estudantes a discernirem o que querem fazer e quem são chamados a ser. Isso significa realizar um trabalho que vá além da escolha de carreiras, orientando-os a enxergar a própria existência como vocação; integrar ao projeto de vida o chamado a contribuir com o bem comum e a realizar a própria missão no mundo, seja na vida profissional, familiar, religiosa ou comunitária; incluir as vocações religiosas, sacerdotais, ao matrimônio e ao laicato como possibilidades do projeto de vida.

CORAGENS

1. Reconfigurar o projeto de vida como caminho vocacional e não somente um plano de carreira

244. É essencial superar a visão reducionista do projeto de vida como mera escolha profissional e reconhecê-lo como um processo de discernimento existencial e espiritual. A escola católica deve ajudar os estudantes a compreenderem que a vida é vocação e que toda vocação é serviço, resposta a um chamado de Deus que ultrapassa o sucesso individual. Redefinir sucesso como fidelidade à consciência e ao bem comum é um passo decisivo para formar sujeitos com propósito, interioridade e responsabilidade.

2. Integrar o discernimento espiritual ao currículo como experiência educativa e formativa

245. O discernimento vocacional deve fazer parte do cotidiano pedagógico, por meio de metodologias que favoreçam a escuta de si, dos outros e de Deus. Inserir práticas de discernimento espiritual nos projetos de vida, nas reflexões curriculares e nas atividades escolares permite aos jovens reconhecerem afetos, dons, inquietações e chamados. A escuta dos “sinais dos tempos” e das necessidades do mundo também é critério fundamental para um discernimento responsável e comprometido.

3. Valorizar todas as vocações cristãs como caminhos legítimos de plenitude e missão

246. Em um contexto marcado por instabilidade e incertezas, a escola precisa apresentar, com clareza e alegria, as diferentes vocações cristãs — matrimônio, vida consagrada, sacerdócio e laicato — como caminhos possíveis e fecundos de realização pessoal e serviço ao Reino. Isso exige criar espaços onde os estudantes tenham contato com testemunhos reais de pessoas que vivem a vocação com sentido e coerência, ampliando o horizonte do projeto de vida para além da lógica utilitarista do mercado.

4. Assumir uma pedagogia vocacional integral, afetiva e personalizada

247. Educar para a vocação é um processo que envolve afetos, razão, espiritualidade e compromisso social. É preciso humanizar esse processo, acolhendo as dúvidas, as frustrações e as buscas como partes legítimas da formação. Abandonar modelos genéricos de orientação vocacional e investir em acompanhamentos personalizados, experiências simbólicas e expressivas, como arte, literatura, espiritualidade e escuta, favorece o florescimento de escolhas maduras, duradouras e coerentes com a fé.

CAMINHOS

- a. Promover formações sobre vocação e projeto de vida que articulem liberdade, propósito e discernimento à luz da fé cristã.
- b. Oferecer retiros de discernimento vocacional, com momentos de silêncio, oração, direção espiritual e partilha de experiências.
- c. Capacitar agentes leigos e líderes pastorais para atuarem no acompanhamento vocacional personalizado de estudantes.
- d. Integrar ao currículo momentos e projetos que articulem vocação, ética, espiritualidade e responsabilidade social.
- e. Realizar mapas de habilidades e talentos dos alunos, conectando-os a demandas reais da comunidade.
- f. Celebrar, anualmente, o Mês Vocacional (agosto), com oficinas, mesas de conversa, testemunhos e dinâmicas com religiosos, famílias e profissionais.
- g. Incluir a perspectiva vocacional no eixo Projeto de Vida da BNCC, associando a escolha de vida à busca de felicidade, sentido e missão.

- h. Criar espaços para partilha de testemunhos vocacionais, tanto de leigos como de consagrados e clérigos, mostrando a diversidade de caminhos.
- i. Incorporar arte e literatura como recursos simbólicos no processo de leitura da própria história, ajudando os jovens a perceberem a presença de Deus nas próprias trajetórias.
- j. Estimular os estudantes a elaborarem o projeto de vida como narrativa vocacional, articulando valores, espiritualidade e impacto social.
- k. Estabelecer parcerias com congregações, dioceses e organismos da Igreja, para ampliar a presença vocacional na vida escolar.
- l. Propor atividades missionárias e de engajamento com a comunidade, ajudando os jovens a descobrir a própria vocação no serviço aos outros.

Impulso 12 – Envolver as famílias nas atividades de evangelização e criar estratégias de comunicação direcionada a elas sobre as atividades pastorais da instituição.

PROPÓSITO

248. As famílias nem sempre percebem a profundidade do trabalho pastoral da escola, o que pode gerar a falsa impressão de que a identidade católica está se diluindo. Para reverter esse quadro, é essencial criar estratégias de comunicação eficazes, que tornem visíveis as ações pastorais e mostrem como a fé é cultivada no cotidiano escolar. Além disso, a evangelização deve acontecer com as famílias, por meio de momentos de formação, espiritualidade e vivência comunitária. Quando a escola católica acolhe, orienta e envolve as famílias na missão evangelizadora, constrói um verdadeiro pacto educativo.

CORAGENS

1. Reconhecer as famílias como interlocutoras e corresponsáveis da missão evangelizadora

249. Evangelizar, na escola católica, não pode se restringir aos estudantes. É preciso superar a ideia de que a Pastoral é voltada apenas para o ambiente escolar e reconhecer os pais e responsáveis como sujeitos ativos e interlocutores do processo evangelizador. Isso significa envolver as famílias na construção da identidade confessional da instituição, por meio de itinerários formativos, vivências comunitárias e projetos em sintonia com a missão da Igreja e da escola.

2. Fortalecer vínculos afetivos e espirituais com as famílias, superando relações formais e distantes

250. Mais do que transmitir informações, é necessário construir relações pastorais autênticas com as famílias, baseadas na escuta, no acolhimento e na empatia. A escola deve estar aberta a acompanhar realidades familiares complexas com espírito de misericórdia, oferecendo apoio espiritual, presença compassiva e gestos concretos de cuidado. Promover a espiritualidade doméstica — com propostas simples, acessíveis e significativas — ajuda a integrar fé e vida no cotidiano familiar.

3. Adotar uma comunicação missionária, clara, acessível e coerente com a identidade católica

251. A comunicação com as famílias precisa ir além da divulgação de eventos. É necessário desenvolver uma estratégia pastoral de comunicação, que reforce, com clareza e serenidade, a identidade católica da escola, sem receio de parecer contracultural. Essa comunicação deve utilizar uma linguagem próxima, sensível à realidade das famílias, evitando jargões e buscando sempre o diálogo respeitoso, o testemunho coerente e a inspiração cristã.

4. Criar espaços e iniciativas que aproximem as famílias da vida pastoral da escola

252. O vínculo com as famílias se consolida por meio de experiências concretas de fé partilhada. Grupos de famílias missionárias, encontros espirituais, rodas de conversa e atividades formativas são caminhos para fortalecer o senso de comunidade e corresponsabilidade. Ao participar da vida pastoral, os familiares percebem, com concretude, a missão evangelizadora da escola e tornam-se aliados orgânicos na formação integral dos filhos.

CAMINHOS

- a. Desenvolver uma estratégia de comunicação pastoral para as famílias, com conteúdos regulares sobre identidade, espiritualidade e atividades evangelizadoras.
- b. Criar momentos de formação espiritual e doutrinal para pais e responsáveis, com encontros presenciais, materiais digitais e trilhas formativas acessíveis.
- c. Implementar canais de escuta ativa, como pesquisas regulares, rodas de conversa, atendimento pastoral personalizado ou serviço de escuta com agentes ou religiosas(os).

- d. Organizar retiros familiares e fins de semana espirituais, integrando momentos lúdicos, oração, reconciliação e convivência.
- e. Oferecer subsídios para oração em casa, como roteiros para tempo litúrgico, bênçãos, celebrações familiares e iniciativas, como o terço missionário.
- f. Produzir conteúdos audiovisuais e interativos sobre a espiritualidade cristã e a missão da escola católica, pensados especialmente para pais e famílias.
- g. Promover acompanhamento pastoral em momentos críticos (luto, enfermidade e separação), com círculos de apoio, grupos de oração e acompanhamento espiritual.
- h. Estimular a criação de grupos de famílias missionárias, que possam visitar outras famílias, rezar juntas, partilhar experiências e convidar para a vida da comunidade escolar e paroquial.
- i. Integrar ações com as famílias à agenda anual da Pastoral, garantindo a presença sistemática no planejamento institucional.
- j. Trabalhar em parceria com paróquias, movimentos eclesiais e congregações para reforçar a vivência de fé em família.
- k. Reconhecer e valorizar o engajamento das famílias, promovendo celebrações, agradecimentos públicos e espaços de protagonismo em eventos e projetos.

Humanização solidária

Impulso 13 – Promover o acolhimento a todas as pessoas da comunidade educativa, superando preconceitos e discriminações.

PROPÓSITO

253. A pastoralidade deve ser um espaço de acolhida incondicional, onde todos se sintam pertencentes, independentemente de fé, origem, condição social ou identidade. Inspirada no testemunho de Jesus e na visão da Igreja como “casa de todos”, a escola católica deve refletir esse compromisso com a inclusão e o respeito, superando qualquer forma de preconceito ou discriminação. O acolhimento pastoral é um princípio evangelizador que transcende a simples hospitalidade ou cortesia, pois transforma relações e fortalece a comunidade educativa como um lugar de fraternidade e encontro. Tudo isso não significa renunciar ou omitir a verdade da pessoa humana, conforme a antropologia cristã. A acolhida cristã não se confunde com o dar permissão para que a outra pessoa possa fazer o que queira em “nossa casa”, neste caso, a escola.

CORAGENS

1. Assumir o acolhimento incondicional como princípio evangelizador e expressão da fé cristã

254. Acolher diz respeito a uma postura evangélica fundamental. Inspirada no testemunho de Jesus, a pastoralidade deve se comprometer com a escuta, o respeito e a valorização de cada pessoa, independentemente de fé, origem, condição social, identidade ou trajetória. Isso exige superar discursos e práticas excludentes, promovendo uma evangelização que começa pela proximidade, pela empatia e pela dignidade reconhecida no outro.

2. Romper com estruturas institucionais e culturais que perpetuam preconceitos ou silenciamentos

255. É necessário ter coragem para revisar criticamente práticas e discursos institucionais que, mesmo de forma sutil, reproduzem estigmas ou marginalizam realidades humanas diversas. O acolhimento pastoral deve ser, também, profético, e assumir uma postura ativa diante de qualquer forma de discriminação, inclusive aquelas naturalizadas pela cultura dominante. A escola católica deve ser sinal de contracultura evangélica, comprometida com a justiça e a inclusão.

3. Valorizar a diversidade como expressão da riqueza humana e da comunhão eclesial

256. A pluralidade presente nas comunidades educativas deve ser reconhecida como riqueza formativa e evangelizadora, e não como desafio a ser tolerado. A pastoralidade é chamada a promover uma cultura de convivência fraterna, que reconhece e acolhe as diferenças, favorecendo vínculos de pertencimento. Relações humanas horizontais, respeito mútuo e superação de estereótipos são fundamentos para construir uma escola verdadeiramente católica — universal e aberta à totalidade da pessoa humana.

4. Investir na formação da comunidade educativa para uma pastoral empática e inclusiva

257. O acolhimento pastoral não se improvisa: ele deve ser cultivado por meio da formação contínua de toda a equipe escolar. Temas, como diversidade, inclusão, direitos humanos, escuta e empatia pastoral, precisam fazer parte do itinerário formativo institucional. A inclusão começa na mentalidade e se concretiza nas práticas. Por isso, é fundamental formar lideranças, educadores e agentes pastorais capazes de sustentar uma cultura do encontro, como propôs o Papa Francisco.

CAMINHOS

- a. Oferecer formações permanentes para toda a equipe escolar sobre diversidade, inclusão e acolhimento cristão.
- b. Criar espaços institucionais de escuta e acompanhamento, como rodas de conversa, plantões pastorais e grupos de escuta ativa.
- c. Desenvolver uma política institucional de combate ao bullying, à discriminação e às práticas excludentes, com participação da Pastoral.
- d. Criar campanhas internas de sensibilização sobre respeito às diferenças, justiça social, cultura da paz e fraternidade.

- e. Implementar protocolos de acolhimento para novos estudantes, famílias e colaboradores, com especial atenção a grupos vulneráveis.
- f. Elaborar um manual institucional de acolhimento, com princípios, atitudes e boas práticas inspiradas no Evangelho e no Magistério da Igreja.
- g. Valorizar e divulgar histórias reais de inclusão e acolhida ocorridas na escola, como testemunhos de vivência cristã e educativa.

Impulso 14 – Estabelecer processos e atividades sistemáticas de cuidado socioemocional em parceria com todos os setores da comunidade educativa.

PROPÓSITO

258. O cenário pós-pandemia evidenciou uma crise global de saúde mental que afetou estudantes, educadores e gestores. A pastoralidade tem um papel essencial nesse contexto, atuando como um espaço de escuta, apoio e promoção do bem-estar integral. No entanto, esse cuidado não pode ser isolado: deve ser estruturado em parceria com outros setores da escola, promovendo iniciativas que fortaleçam a inteligência emocional, o equilíbrio psíquico e a resiliência. A educação católica precisa integrar o cuidado socioemocional à missão formativa, reconhecendo que a saúde emocional é uma dimensão essencial da dignidade humana e do crescimento espiritual.

CORAGENS

1. Integrar o cuidado emocional à missão evangelizadora da escola católica

259. A saúde mental é uma dimensão central da dignidade humana e da evangelização. É necessário superar a lógica da delegação exclusiva à psicologia escolar e assumir que o cuidado com as emoções, os afetos e o sofrimento é, também, missão da Pastoral. Escutar, acolher, sustentar e animar são expressões concretas da espiritualidade cristã e do mandamento do amor ao próximo.

2. Romper com o tabu sobre saúde mental e cultivar uma Pastoral da escuta e da compaixão

260. A escola católica precisa ser espaço seguro para acolher fragilidades, dúvidas, angústias e crises, sem julgamento nem estigmas. Isso exige romper com silêncios institucionais e promover uma cultura de escuta empática, em que estudantes, educadores e famílias se sintam acompanhados e compreendidos. A Pastoral deve ser um lugar de respiro, interioridade e cuidado, integrando a espiritualidade ao caminho de equilíbrio emocional.

3. Promover uma cultura de bem-estar integral, baseada em vínculos, espiritualidade e empatia

261. O cuidado socioemocional se constrói em uma cultura de relações humanas saudáveis, marcadas por afeto, empatia, diálogo e espiritualidade. Criar ambientes colaborativos e seguros, nos quais cada pessoa se sinta pertencente e respeitada, fortalece a saúde psíquica e favorece a aprendizagem, a convivência e o amadurecimento integral.

4. Estabelecer ações integradas entre Pastoral, gestão e setores pedagógicos para o cuidado emocional da comunidade

262. O cuidado emocional exige colaboração intersetorial. A Pastoral precisa atuar de forma articulada com a gestão, a Orientação Educacional, o Setor de Psicologia, os professores e outros agentes da escola, de forma a construir projetos, protocolos e iniciativas conjuntas. Essa sinergia fortalece a coerência institucional, amplia a eficácia das ações e garante continuidade e profundidade às práticas de cuidado, tornando o bem-estar uma prioridade comum a toda a comunidade educativa.

CAMINHOS

- a. Implantar espaços regulares de acolhimento emocional, como salas de escuta, pausas pastorais, rodas de cuidado e plantões afetivos.
- b. Oferecer formação e suporte emocional para educadores e colaboradores, com foco na prevenção do *burnout*, equilíbrio interior e espiritualidade do cuidado.
- c. Criar parcerias com profissionais da saúde mental da escola (ex.: Setor de Psicologia, Orientação Educacional etc.) para atuar em conjunto com a equipe de Pastoral em ações formativas e preventivas.
- d. Estabelecer protocolos institucionais de acolhimento e encaminhamento, com fluxos coesos para situações de sofrimento psíquico.
- e. Promover campanhas educativas e formativas sobre saúde emocional e espiritualidade, destinadas a estudantes, famílias e funcionários.
- f. Integrar práticas de cuidado e autocuidado (meditação, silêncio, respiração, leitura orante e oração) à rotina escolar.
- g. Inserir o cuidado socioemocional como eixo transversal do Plano Pastoral Anual, com metas e ações articuladas.

- h. Criar ou fortalecer núcleos intersetoriais de cuidado, com a presença da Pastoral, para articular ações de bem-estar.
- i. Estimular momentos de escuta em grupo, promovendo partilha de sentimentos e construção de vínculos solidários entre os membros da comunidade educativa.
- j. Desenvolver material de apoio e subsídios com linguagem acessível sobre saúde emocional, à luz da fé, para pais, professores e alunos.

Impulso 15 – Formar a dimensão sociotransformadora da fé com a implantação de programas de aprendizagem-serviço e voluntariado.

PROPÓSITO

263. A fé cristã não pode ser reduzida a uma experiência individual, mas deve se traduzir em compromisso com a justiça social e a solidariedade. O voluntariado estudantil é uma das formas mais eficazes de ensinar a dimensão sociotransformadora da fé, proporcionando experiências concretas e contínuas de serviço ao próximo. Isso significa estruturar projetos sólidos de voluntariado, vinculados ao currículo escolar, promovendo o encontro entre teoria e prática na perspectiva da aprendizagem-serviço. Ou seja, compreender o voluntariado como prática formativa que fortalece a identidade cristã e cidadã dos estudantes.

CORAGENS

1. Assumir o voluntariado como expressão da fé cristã e eixo estruturante da formação integral

264. A prática do voluntariado precisa ser compreendida como dimensão essencial da identidade cristã e cidadã. É necessário superar a visão do voluntariado como ação isolada e integrá-lo ao projeto pedagógico-pastoral da escola, reconhecendo-o como caminho de evangelização, maturidade humana e compromisso com o bem comum.

2. Implementar a aprendizagem-serviço como metodologia pedagógica e pastoral

265. O voluntariado deve ser mais que prática: precisa ser processo formativo intencional, articulado com o currículo escolar, por meio da metodologia da aprendizagem-serviço. Essa abordagem promove a união entre reflexão e ação, entre teoria e prática, entre fé e realidade social. Assim, o serviço ao próximo deixa de ser pontual e passa a ser um eixo permanente de aprendizagem e transformação.

3. Formar uma cultura de solidariedade crítica e transformadora, enraizada no Evangelho

266. Superar o assistencialismo e promover uma solidariedade crítica, consciente e libertadora é um desafio formativo e espiritual. A fé cristã, quando autêntica, gera compromisso com a justiça, sensibilidade ética e empatia ativa. A escola católica é chamada a formar sujeitos que, à luz do Evangelho, identifiquem as causas das injustiças e se posicionem como agentes de mudança social, com lucidez, coragem e compaixão.

4. Fortalecer o protagonismo juvenil nas ações solidárias como exercício de corresponsabilidade

267. A promoção do voluntariado deve valorizar o protagonismo dos estudantes, incentivando-os a participarem ativamente da concepção, organização e avaliação das ações, bem como reconhecer os jovens como sujeitos da missão e agentes de transformação, fortalecendo a autonomia, responsabilidade e identidade deles. Ao participarem com liberdade e intencionalidade, eles aprendem a viver a fé como serviço e a cidadania como vocação solidária.

CAMINHOS

- a. Estruturar programas de voluntariado baseados na metodologia da aprendizagem-serviço, com objetivos pedagógicos, sociais e pastorais claros.
- b. Integrar as ações de voluntariado à proposta pedagógica da escola, garantindo articulação com o currículo e os itinerários formativos, incluindo a possibilidade de constar como carga horária no histórico escolar.
- c. Estabelecer parcerias com organizações sociais, pastorais e movimentos eclesiais, para ampliar os espaços de atuação solidária dos estudantes.
- d. Criar espaços regulares de reflexão sobre as experiências vividas no voluntariado, favorecendo o amadurecimento ético e espiritual dos alunos.
- e. Oferecer certificados e reconhecimento institucional para os estudantes envolvidos, valorizando o compromisso social e cristão.
- f. Promover campanhas de solidariedade ao longo do ano, conectadas ao calendário litúrgico, a datas significativas e às realidades locais.
- g. Envolver famílias, ex-alunos e comunidade local nos projetos solidários da instituição, promovendo corresponsabilidade e vivência comunitária.

- h. Criar um plano anual de voluntariado estudantil, com metas, indicadores de impacto, públicos atendidos e registro das ações.
- i. Desenvolver materiais de apoio e oficinas que ajudem os estudantes a compreenderem criticamente os contextos sociais em que atuam.
- j. Estimular a criação de núcleos de ação solidária liderados por estudantes, acompanhados pela Pastoral e por educadores.
- k. Utilizar as ações de voluntariado como ferramentas de evangelização ativa, integrando fé, compaixão e justiça social.

Impulso 16 – Educar corações, mãos e mentes para o cuidado da Casa Comum.

PROPÓSITO

268. A pastoralidade deve assumir a missão de promover uma Ecologia Integral que una ciência, espiritualidade e ação concreta. Educar corações, mãos e mentes significa formar estudantes que sentem, compreendem e atuam em favor da criação, desenvolvendo um compromisso real com a sustentabilidade e o bem comum. Isso significa cultivar uma espiritualidade ecológica, incorporar a educação ambiental ao currículo e concretizar projetos e práticas sustentáveis no ambiente escolar, de modo articulado com os princípios da *Laudato Si'*.

CORAGENS

1. Assumir a Ecologia Integral como dimensão espiritual, ética e educativa da missão pastoral

269. A ecologia não pode ser tratada apenas como conteúdo das Ciências da Natureza, mas como uma chamada espiritual e profética da fé cristã. A escola católica é convidada a integrar a Ecologia Integral – conforme propõe a *Laudato Si'* – como eixo transversal da evangelização e da formação integral, articulando ciência, ética, espiritualidade e compromisso com o bem comum.

2. Educar para o cuidado com a criação envolvendo razão, sensibilidade e ação transformadora

270. “Educar corações, mãos e mentes” implica formar uma consciência ecológica que mobilize afetos, pensamento crítico e atitudes concretas. A educação ambiental deve ser vivida como caminho de espiritualidade e cidadania, promovendo o cuidado com a vida, a solidariedade intergeracional e a responsabilidade com as futuras gerações.

3. Integrar espiritualidade e ecologia no cotidiano da vida escolar

271. A espiritualidade ecológica deve estar presente na oração, na contemplação, nas celebrações e nas práticas pedagógicas, despertando nos estudantes a admiração pela criação e o compromisso com a preservação dela. O cuidado com a Casa Comum precisa ser vivido como expressão concreta do amor cristão, em sintonia com a justiça social, o bem comum e a dignidade da vida humana.

4. Mobilizar toda a comunidade escolar para um estilo de vida sustentável e corresponsável

272. Superar práticas pontuais exige envolver todos os setores da escola em uma cultura ecológica viva e compartilhada. Projetos sustentáveis, mudanças de hábitos institucionais, ações colaborativas e o enfrentamento das lógicas do descartê e do consumismo são expressões de uma escola que educa não só para o saber, mas para o viver de forma nova, em comunhão com Deus, com os outros e com a criação.

CAMINHOS

- a. Inclusão da pauta no PPPP da instituição.
- b. Realizar projetos interdisciplinares sobre Ecologia Integral, articulando conteúdos das áreas de conhecimento com espiritualidade e compromisso social.
- c. Oferecer formações sobre espiritualidade ecológica para estudantes, educadores e famílias, com base na *Laudato Si'*, *Fratelli Tutti* e Tempo da Criação¹⁰.
- d. Criar campanhas internas de sustentabilidade, com metas de redução de consumo de energia, água e materiais descartáveis, envolvendo toda a comunidade educativa.
- e. Estabelecer hortas escolares, mutirões ecológicos, sistemas de coleta seletiva e reuso de materiais como práticas pedagógicas permanentes.
- f. Integrar o cuidado com a Casa Comum ao currículo e ao Plano Pastoral Anual, com objetivos, ações e indicadores específicos.

¹⁰ O Tempo da Criação é um período ecumênico celebrado anualmente entre 1º de setembro, Dia Mundial de Oração pelo Cuidado da Criação, e 4 de outubro, festa de São Francisco de Assis, patrono da Ecologia. Teve origem em 1989, quando o Patriarca Ecumênico Dimitrios I instituiu o 1º de setembro como dia de oração pela criação na tradição ortodoxa oriental. Posteriormente, o Conselho Mundial de Igrejas ampliou a celebração para um mês inteiro. Em 2015, o Papa Francisco oficializou a adesão da Igreja Católica, instituindo a data como Dia Mundial de Oração pelo Cuidado da Criação. O objetivo do Tempo da Criação é renovar a relação dos cristãos com o Criador e com a criação, por meio da oração, da celebração litúrgica e de ações concretas de compromisso com a Ecologia Integral. Durante esse período, comunidades cristãs ao redor do mundo promovem iniciativas de espiritualidade ecológica, práticas sustentáveis e mobilizações públicas em defesa da justiça climática e do cuidado da Casa Comum.

- g. Celebrar a Semana do Meio Ambiente, o Tempo da Criação, o Junho Verde e outras datas ecológicas com enfoque formativo, litúrgico e pastoral.
- h. Criar um “pátio verde” ou espaço ecológico orante como ambiente de contemplação, oração e encontro com a natureza.
- i. Incluir a temática da Ecologia Integral nos itinerários formativos dos projetos de vida e espiritualidade, estimulando escolhas vocacionais e profissionais comprometidas com o planeta.
- j. Incentivar a produção de materiais educativos e campanhas digitais ecológicas, com protagonismo estudantil.
- k. Estabelecer parcerias com organizações ambientais e iniciativas comunitárias, promovendo ações conjuntas e ampliando o alcance do cuidado com a criação.



“Ide, ensinai e cuidai”, como Cristo, mestre e bom pastor

273. As Linhas de Ação Pastoral da ANEC foram elaboradas como uma proposta viva de inspiração e direcionamento para as instituições educacionais católicas do Brasil. Não se trata de um conjunto de normas, mas de orientações dinâmicas, abertas à criatividade e ao discernimento pastoral, que buscam fortalecer a identidade católica das escolas, animando a missão evangelizadora e educativa.
274. Em tempos de profundas transformações culturais, sociais e espirituais, a educação católica é chamada a ser presença profética e misericordiosa, sinal de esperança e fermento de humanidade nova. As Linhas de Ação não pretendem uniformizar práticas nem sufocar as legítimas diversidades locais, mas criar uma linguagem compartilhada que expresse, com força e beleza, o que significa educar evangelizando e evangelizar educando no Brasil de hoje.
275. Cada horizonte, impulso, coragem e percurso aqui apresentados é um convite à conversão pastoral, à renovação da prática educativa e ao testemunho fiel do Evangelho no coração da cultura contemporânea. Seguindo o exemplo de Maria, mãe educadora, e sustentados pela graça do Espírito Santo, somos chamados a formar comunidades educativas que sejam verdadeiros espaços de encontro, de crescimento integral e de transformação social à luz da fé. Cristo, Mestre e Bom Pastor, centro do nosso trabalho, que nos envia com as palavras “Ide, ensinai e cuidai” (cf. Mt 28,19-20; Jo 21,16-17), é o modelo e a força da nossa missão educativa. A Ele confiamos o desejo de formar gerações capazes de unir fé e vida, cultura e esperança, amor e justiça, na edificação de uma sociedade reconciliada e fraterna.

276. Confiantes n'Ele, concluímos esta caminhada de reflexão depositando no seu coração santíssimo nossos sonhos, nossos projetos e nossas perspectivas com a oração que se eleva das nossas escolas:

Senhor Jesus,
Bom Pastor que nos guia com ternura,
Mestre da esperança que ilumina nossos caminhos,
olhai com amor pelas nossas escolas e universidades,
para que sejam, em tudo, sinais vivos do Vosso Evangelho.

Ajudai-nos a educar com sabedoria e paciência,
a formar corações livres e solidários,
a abrir caminhos de justiça e de paz.

Fazei-nos mestres da escuta e da esperança,
semeadores da verdade e do amor,
artesãos da cultura do encontro e da vida.

Concedei-nos a coragem de ser Igreja em saída missionária,
a alegria de anunciar o Vosso nome,
e a fidelidade de servir cada pessoa como dom precioso de Deus.

Maria, Mãe Educadora, ensinaí-nos a gerar Cristo no coração de cada educando,
e a acompanhar, com amor paciente, cada processo de suas vidas.

Que o Espírito Santo nos renove sempre,
e que em cada escola católica resplandeça a luz da fé,
o ardor da caridade e a firme esperança de um mundo novo.

Assim seja, amém.



Referências

BENTO XVI. *Sacramentum Caritatis*: Exortação Apostólica pós-sinodal sobre a Eucaristia. Vaticano, 2007.

CONCÍLIO VATICANO II. *Gaudium et Spes*: Constituição pastoral sobre a Igreja no mundo atual. Vaticano, 1965.

CONCÍLIO VATICANO II. *Gravissimum Educationis*: Declaração sobre a educação cristã. Vaticano, 1965.

CONCÍLIO VATICANO II. *Lumen Gentium*: Constituição dogmática sobre a Igreja. Vaticano, 1964.

CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E CARIBENHO. Documento de Aparecida. Aparecida: CELAM, 2007.

CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA. *A Escola Católica*: instrução sobre a natureza e a missão da escola católica. Vaticano, 1977.

CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA. *Educar ao humanismo solidário*: por uma aliança educativa renovada para uma civilização do amor. Vaticano, 2017.

DICASTÉRIO PARA A CULTURA E A EDUCAÇÃO. *A identidade da escola católica para uma cultura do diálogo*. Vaticano, 2022.

FRANCISCO. Carta do Papa Francisco aos participantes do Encontro sobre Literatura. Vaticano, 2023.

FRANCISCO. *Christus Vivit*: Exortação Apostólica pós-sinodal aos jovens e a todo o povo de Deus. Vaticano, 2019.

FRANCISCO. *Evangelii Gaudium*: Exortação Apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. Vaticano, 2013.

FRANCISCO. *Fratelli Tutti*: Carta encíclica sobre a fraternidade e a amizade social. Vaticano, 2020.

FRANCISCO. *Laudato Si'*: Carta encíclica sobre o cuidado da Casa Comum. Vaticano, 2015.

FRANCISCO. *Laudate Deum*: Exortação Apostólica sobre a crise climática. Vaticano, 2023.

FRANCISCO. Mensagem do Papa Francisco para o lançamento do Pacto Educativo Global. Vaticano, 2019.

JOÃO PAULO II. *Pastores Dabo Vobis*: Exortação Apostólica pós-sinodal sobre a formação dos sacerdotes. Vaticano, 1992.

JOÃO PAULO II. *Vita Consecrata*: Exortação Apostólica pós-sinodal sobre a vida consagrada e sua missão na Igreja e no mundo. Vaticano, 1996.

PAULO VI. *Evangelii Nuntiandi*: Exortação Apostólica sobre a evangelização no mundo contemporâneo. Vaticano, 1975.

PAULO VI. *Populorum Progressio*: Carta encíclica sobre o desenvolvimento dos povos. Vaticano, 1967.

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO. Diretório para a Catequese. Vaticano, 2020.

RIAL, Gregory. JUNQUEIRA, Sérgio. LEAL, Valéria. (org) *Compêndio de Pastoral Escolar para a Educação Básica na Escola Católica*. Vozes: Petrópolis, 2022.

SANTA SÉ. *Catecismo da Igreja Católica*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2000.

Modelo de planejamento pastoral para instituições educacionais católicas

Este modelo visa apoiar escolas na organização da ação pastoral de forma integrada, estratégica e enraizada na missão evangelizadora da Igreja. Ele se estrutura em seis blocos fundamentais:

1. Identidade

- Nome da instituição:
- Responsável pela Pastoral:
- Ano letivo/período:
- Breve histórico da instituição (apresentar, em poucas linhas, a origem, o carisma ou a identidade fundacional da instituição, destacando elementos relevantes para a missão evangelizadora.)

2. Compreensão de pastoralidade

- **Frase norteadora ou lema pastoral:** escolha uma frase que sintetize a proposta pastoral para o período, servindo como referência espiritual, formativa e simbólica para toda a comunidade. Pode ser inspirada na escritura ou em textos do carisma.
- **Intenção pastoral do período:** uma frase que resuma qual a intenção/objetivo/meta estratégica a Pastoral terá na instituição.

- **Compreensão da pastoralidade na instituição:** explique como a Pastoral é entendida e vivida na instituição: como ela se articula com o projeto educativo, quais são seus objetivos, linguagens e interlocutores prioritários. Citar documentos institucionais, como PPPP, Planejamento Estratégico ou outros documentos carismáticos. Aqui é válido recorrer às Linhas de Ação Pastoral da ANEC, sobretudo na parte 1.
- **Perfil do egresso:** indique quais valores, atitudes e compromissos pastorais se esperam dos estudantes ao fim da trajetória na instituição, em coerência com a missão evangelizadora.

3. Diagnóstico

- **Principais desafios pastorais identificados (a partir de escuta da comunidade educativa):** liste os principais obstáculos ou fragilidades percebidos na vivência pastoral da instituição, com base em processos de escuta realizados com estudantes, educadores, famílias ou demais membros da comunidade.
- **Oportunidades e forças da instituição:** relacione os pontos fortes e as potencialidades pastorais da instituição, como estrutura, equipe engajada, tradições, projetos bem-sucedidos ou apoio institucional.
- **Parcerias internas e externas possíveis:** indique quais setores internos (ex.: Coordenação Pedagógica, Serviço de Orientação Educacional, grupos de jovens) e quais entidades externas (ex.: paróquias, ONGs, redes católicas) podem ser mobilizadas para fortalecer a ação pastoral.

Como realizar o diagnóstico pastoral?

O diagnóstico é um ponto de partida fundamental para um planejamento realista, contextualizado e participativo. Ele deve ser construído a partir de processos de escuta ativa da comunidade educativa, combinando dados objetivos com percepções subjetivas. Seguem algumas sugestões para elaborá-lo.

- Aplique escutas estruturadas com estudantes, professores, famílias e funcionários, por meio de questionários, rodas de conversa, assembleias ou caixas de sugestões.
- Observe indicadores concretos da vida pastoral, como presença nas celebrações, participação em grupos, integração com o pedagógico, impacto dos projetos sociais e envolvimento da equipe.

- Consulte registros institucionais (projetos anteriores, relatórios, avaliações internas ou externas) que tragam pistas sobre a efetividade da ação pastoral.
- Considere o contexto ampliado, incluindo aspectos sociais, culturais, econômicos e eclesiais que impactam a ação evangelizadora.
- O diagnóstico não precisa ser extenso, mas deve oferecer um retrato honesto da realidade, para orientar decisões e definir prioridades com clareza e propósito.

4. Dimensões da ação pastoral

Dimensão	Objetivos	Integração pedagógica	Ações	Cronograma
Dimensão celebrativa				
Dimensão formativo-catequética				
Dimensão sociotransformadora				
Dimensão artístico-cultural				

Nesta etapa do planejamento, organiza-se a ação pastoral a partir das dimensões fundamentais da pastoralidade, conforme propõem as Linhas de Ação Pastoral da ANEC. Essas dimensões favorecem uma pastoral integral, articulada e conectada ao processo educativo.

A seguir, veja a orientação para cada coluna.

- **Objetivos:** descreva o propósito principal das ações dentro da dimensão escolhida, respondendo aos desafios identificados e à intenção pastoral do ano. Lembre-se de observar o perfil do egresso para haver coerência.
- **Integração pedagógica:** indique como a dimensão pastoral se articula com o currículo, os projetos pedagógicos ou as áreas do conhecimento. Aponte conexões com competências da BNCC, práticas interdisciplinares, eventos escolares ou parcerias com equipes pedagógicas.
- **Ações:** liste as atividades planejadas de forma concreta, criativa e viável, garantindo a participação da comunidade educativa. Observe que as ações devem seguir a boa formulação de projetos que incluam critérios de exequibilidade e relevância. Só crie ações que, de fato, tragam algum impacto alinhado aos objetivos da instituição.

- **Cronograma:** informe os períodos previstos de realização das ações (mês, trimestre ou duração contínua).

Importante

O objetivo é evitar que a Pastoral funcione isoladamente. As ações devem irradiar-se para o cotidiano pedagógico e para a cultura institucional, promovendo uma evangelização encarnada no processo educativo.

5. Equipe de pastoralidade

- **Perfil desejado:** descreva as características esperadas dos integrantes da equipe de Pastoral (coordenadores e agentes): maturidade humana e espiritual, compromisso com a missão evangelizadora, sensibilidade relacional, abertura ao diálogo, formação básica em Teologia ou áreas afins (ou disposição para formação contínua), capacidade de articulação e leitura crítica da realidade.
- **Atribuições da equipe** (diferenciar coordenadores de agentes)
 - **Coordenador(a) de Pastoral:** responsável pela liderança estratégica da Pastoral. Atua na articulação com a gestão e o pedagógico, planeja, acompanha e avalia as ações, representa a Pastoral em espaços institucionais e garante a fidelidade à missão confessional.
 - **Agentes de Pastoral:** colaboradores que atuam diretamente nas ações, nos grupos e nos projetos pastorais de modo operacional. São presença evangelizadora em relação aos estudantes, aos educadores e às famílias. Contribuem com ideias, execução de atividades e mediação com a comunidade.

6. Integração pedagógico-pastoral

- **Competências e habilidades pedagógico-pastorais:** liste as competências que a instituição deseja desenvolver nos estudantes a partir da integração entre educação e evangelização. Ex.: escuta empática, discernimento ético, consciência social, espiritualidade ativa, protagonismo solidário, diálogo inter-religioso, cuidado com a Casa Comum etc.
- **Zonas de transposição pedagógico-pastoral:** identifique os espaços, projetos e conteúdos onde há maior possibilidade de articulação entre o pedagógico e o pastoral. Exemplos: itinerários formativos, ensino religioso, projetos interdisciplinares, eventos temáticos, ações de escuta e convivência, temas geradores do calendário litúrgico, produção cultural dos estudantes etc.

- Ações de integração entre as áreas: descreva as estratégias práticas para promover a colaboração entre Pastoral e equipe pedagógica ao longo do ano. Ex.: reuniões conjuntas de planejamento, coautoria de projetos, calendário unificado, formação comum de professores e agentes pastorais, avaliação integrada de projetos e produção de materiais compartilhados.

7. Avaliação e sustentabilidade

- **Indicadores de impacto pastoral:** defina quais serão os critérios e sinais de que a ação pastoral está gerando frutos. Os indicadores podem ser quantitativos (número de participantes, eventos realizados, ações desenvolvidas) e, principalmente, qualitativos (mudanças percebidas na cultura institucional, no engajamento, na espiritualidade e no compromisso ético dos estudantes e educadores).
- **Processo de avaliação da Pastoral (instrumentos, registro dos dados e momentos de análise):** descrever o processo de avaliação pastoral ao longo do ano. Especificar os instrumentos, como questionários, formulários digitais, rodas de conversa, observação participante, diário de bordo e autoavaliação de equipes. Estabelecer como os resultados serão registrados (planilhas, relatórios narrativos, registros audiovisuais e atas). Instituir momentos específicos de análise, como encontros bimestrais ou semestrais da equipe de Pastoral com a gestão pedagógica e reuniões com representantes da comunidade escolar.
- **Orçamento:** apresente, mesmo que de forma simples, a previsão orçamentária necessária para a realização das ações pastorais previstas. Isso reforça a sustentabilidade da Pastoral como área estratégica da instituição. Inclua custos com materiais, transporte, alimentação, convidados, subsídios litúrgicos ou formativos, bem como possíveis parcerias e apoios internos ou externos.

Lista de documentos da Igreja sobre a Educação

Magistério Pontifício (de Pio XI a Francisco)

- Encíclica *Divini Illius Magistri* – 1929
- Encíclica *Ex Corde Ecclesiae* – 1990
- Exortação apostólica *Evangelii Gaudium* – 2013
- Encíclica *Laudato Si'* – 2015
- Exortação apostólica pós-sinodal *Christus Vivit* – 2019
- Mensagens e discursos do Pacto Educativo Global – 2019-2022

Concílio Vaticano II

- Declaração *Gravissimum Educationis* – 1965
- Constituição *Gaudium et Spes* – 1965
- Constituição *Lumen Gentium* – 1964
- Decreto *Apostolicam Actuositatem* – 1965

Congregação para a Educação Católica/Dicastério para a Cultura e a Educação

- *A Escola Católica* – 1977
- *O Leigo Católico, Testemunha da Fé na Escola* – 1982
- *Orientações Educativas sobre o Amor Humano* – 1983
- *Dimensão Religiosa da Educação na Escola Católica* – 1988
- *A Escola Católica no Limiar do Terceiro Milênio* – 1997
- *A Missão dos Consagrados na Escola* – 2002
- *Educar Juntos na Escola Católica* – 2007
- *Educar ao Diálogo Intercultural na Escola Católica* – 2013
- *Educar ao Humanismo Solidário* – 2017
- *A Identidade da Escola Católica para uma Cultura do Diálogo* – 2022

CELAM

- *Medellín* – 1968
- *Puebla* – 1979
- *Santo Domingo* – 1992
- *Aparecida* – 2007

CNBB

- *Documento 47 – Educação, Igreja e sociedade* – 1992
- *Documento 54 – Diretrizes e Normas para as Universidades Católicas* – 1999
- *Estudo 110 – Pastoral da Educação* – 2016

- *Estudo 112 – Setor Universidades da Igreja no Brasil: identidade missão – 2019*
- *Estudo 116 – Ensino Religioso no Brasil: novos desafios, novas perspectivas – 2023*
- *Texto-base da Campanha da Fraternidade – Fraternidade e Educação – 2022*
- *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil – diversas edições*

